



le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



O UMBIGO DE ADÃO

OBRAS DO MESMO AUTOR

- Canções da Decadencia* — Poesias (1883-1887).
Pecados — Poesias (1887-1888).
O Remorso — Poemeto (1889).
Poesias — (1893-1901).
Fim — Poesias (1922).
Poemas sem versos — (1924).
Um homem pratico — Contos.
Mãe tapuia — Contos.
Contos escolhidos.
Si eu fosse Sherlock Holmes... — Contos.
O escândalo — Drama.
Teatro meu... e dos outros.
Em voz alta — Conferencias.
O silencio é de ouro... — Conferencias.
O Brasil e a guerra européa — Conferencia.
O regimen presidencial do Brasil.
Pontos de vista — Ensaios.
Graves e futeis — Ensaios.
Marta — Romance.
O misterio — Romance, em colaboração com Afranio Peixoto, Coelho Neto e Viriato Correia.
Literatura alheia.
Maginas de critica.
A obra de Julio Dantas — (Precedido de um discurso de Afranio Peixoto e seguido de outro, de Julio Dantas).
Sur un cás de synopsis présenté par des millions de sujets (Tiragem á parte do *Journal de Psychologie Normale et Pathologique*).
Tests — (8ª edição).
Os que podem casar-se...
Por alheias terras — (Viagens).
Poesias completas do Imperador D. Pedro II, precedidas de um estudo critico.
O Hipnotismo.

A APARECER... OPORTUNAMENTE

- Quando eu era vivo...* — Memorias postumas (1867-19..). —
Edição da Livraria Alves.

MEDEIROS E ALBUQUERQUE

*O UMBIGO
DE ADÃO*



1932

FLORES & MANO — EDITORES
BUA DO OUVIDOR, 145 — RIO DE JANEIRO

O NARIZ DE CLEOPATRA

*Conferencia feita no Theatro Trianon,
em 20 de julho de 1917.*

A IDEIA de que entre o titulo de um livro ou de uma conferencia e o conteudo de um ou da outra deve haver uma estrita correlação, ideia que a muitos parece absolutamente logica, é no emtanto, inteiramente absurda.

A experiencia universal mostra que, em regra, não ha concordancia alguma entre os nomes e as cousas ou pessoas que elas designam. As ruas *Direitas* são em geral tortas, as *Felicidades* quasi sempre caiporas, os *Fidelis* de uma infidelidade notoria.

Por que, si é tudo assim, uma conferencia intitulada o *Nariz de Cleopatra* precisaria tratar de qualquer Cleopatra ou de qualquer nariz? Não ha razão alguma.

Por isso mesmo hesitei entre tres titulos: *O Nariz de Cleopatra*, *O Calcanhar de Jupiter*, e *O Umbigo de Adão*. Hoje me arrependo de não ter escolhido o ultimo. Sobre o *Umbigo de Adão* havia a vantagem de não se poder dizer nada, atendendo a que, segundo narram graves teologos, Adão foi o unico homem que

não teve umbigo. E aliás logo se deveria ver como seria difícil encher uma hora, falando de qualquer umbigo quando essa é a parte mais inútil e estéril do corpo. Só os cirurgiões a apreciam, porque lhes fornece frequentemente hérnias umbilicais para operar. Mas até esses poetas lyricos que empreendem descaroçar as namoradas em sonetos e fazem um aos olhos, outro ás mãos, outro aos pés... e assim por diante, a cada parte do corpo, recuam diante do umbigo.

Eu julgo ter lido alguns milhões de versos. Penso que nessa coleção enorme só um achei — um verso de Edmond Haraucourt, chamando o umbigo um sol vivo de carne loura — *un vivant soleil de chair blonde*. Carne loura — não é uma expressão muito própria...

Paul de Saint Victor conta, entretanto, uma utilização estranha dos umbigos, feita por Miguel Angelo: de noite, para estudar a anatomia dos cadáveres que podia alcançar, o grande escultor plantava-lhes uma vela no umbigo. O umbigo-castçal.

Ora, como Adão não teve jamais umbigo e como, se tivesse, não havia no seu tempo nem poetas para lhe fazer versos, nem velas, a que pudesse servir de castçal, uma conferencia intitulada *O Umbigo de Adão* seria o ideal, porque desde logo patentearia a todos que não era disso que o conferente ia tratar.

Ao nariz de Cleopatra — de que aliás eu não me vou ocupar — sempre se podem fazer algumas alusões.

Em primeiro lugar, ele existiu. Cleopatra teve, de certo, um nariz, como, mais ou menos, todos nós.

Esse nariz chegou mesmo a ser celebre, graças a

uma frase de Pascal. Pascal disse, de fato, que, si o nariz de Cleopatra tivesse sido um pouco maior ou um pouco menor, a situação atual do mundo seria diversa. O que o grande escritor queria significar com isso era que, si Cleopatra tivesse sido feia, não teria seduzido Antonio e a civilização romana teria tomado outro rumo.

Pascal falou do nariz, como poderia falar da boca, dos olhos ou de qualquer outra cousa — tanto mais que nós não estamos bem informados sobre a beleza ou fealdade do apendice nazal da grande rainha. É precisamente a medalha, onde está o seu perfil, que se considera mais autentico, dá-lhe um respeitavel nariz. . .

Muito dele se poderia tirar com grande vantagem para a dona.

Cleopatra passou á Historia com razão, porque ela teve uma vida acidentada e pitoresca. Quando o pai morreu, a princezinha estava com 17 anos. O pai deixou-lhe o trono com a condição de que ela se casasse com o irmão, que tinha apenas, nessa época, 9 anos.

Os casamentos entre irmãos eram a regra no Egipto: não houve, portanto, aberração alguma nesse fato.

O mais interessante é que foi o marido quem se rebelou contra ela. Rebelou-se, é claro, movido pelos seus conselheiros. D'aí resultaram lutas interminaveis.

Cesar foi mandado pelos Romanos, na qualidade — diríamos nós hoje — de interventor. Ele parecia mais propenso ao irmão que á irmã. Mas Cleopatra fez com que a levassem á presença de Cesar, de um modo extranho. Ia embrulhada em um cobertor, como um fardo. Disseram a Cesar que lhe traziam um presente

e sem explicarem do que se tratava, deixaram que ele mesmo desembrulhasse o fardo que acabava de receber. Mas, quando o desembrulhou, ele é que ficou embrulhado: surgiu-lhe de dentro a sedutora rainha e o general romano não teve mais duvida alguma sobre os direitos dela...

Ainda se estava no forte da luta, quando o maridinho de Cleopatra teve uma ideia singular: caiu no Nilo e afogou-se.

Cleopatra casou-se, então, com seu outro irmão, que tinha, nessa época, seis anos. Oito anos depois, ela o fazia assassinar.

Foi uma senhora que devastou a familia, porque já anteriormente mandára tambem matar sua irmã Arsinoé.

No emtanto, apesar da sua evidente ferocidade, os historiadores falam dela sempre com um certo carinho. A sua lendaria beleza e varias extravagancias de sua carreira os seduzem.

Sabe-se dela que, desejando estudar o efeito de certos venenos, experimentava-os em escravos, a cuja morte assistia, vendo-os agonizar. Sabe-se que, para beber qualquer cousa de muito precioso, dissolvia perolas em vinagre e ingeria essa bebida detestavel.

Si os primeiros atos eram de uma crueldade abominavel, o ultimo era estúpido, porque uma perola só tem valor intacta, pelo brilho da luz á sua superficie. E' forçoso, entretanto, convir que o que ela fazia com os escravos a recomenda até certo ponto á ciencia con-

temporanea, porque mostra que ela foi uma das primeiras propagandistas do método experimental.

Afinal, de toda a vida de Cleopatra a cousa mais bela foi a sua morte. Quando o general romano Otavio a venceu, a rainha viu que ele a queria incorporar ao seu préstito.

Sempre que um general romano triunfava em qualquer campanha, entrava em Roma seguido por uma longa procissão de reis, soldados e escravos das nações vencidas. Para Otavio seria um motivo de imenso orgulho poder incorporar no seu cortejo a mulher famosa, que subjugara Cesar e Antonio. Cleopatra percebeu isso e soube obter que lhe trouxessem, escondida entre flores, uma vibora que a mordeu e matou...

Nesse tempo, o Instituto de Butantan ainda não fabricava o sôro anti-ofidico... Otavio só pôde fazer figurar no seu cortejo triunfal o busto da rainha do Egito.

E' de crer que muitos dos Romanos, vendo esse busto, tivessem a sensação que nós temos, sempre que nos mostram o retrato de alguma mulher, que foi tida como grande beleza. Perguntamos, assombrados, onde está a sua graça, o seu poder de encanto.

No fim de contas, a verdade é que nós não pedimos ás mulheres que sejam bonitas: pedimos que nos agradem. Ha feias irresistiveis e bonitas insuportaveis. Com maior ou menor nariz, Cleopatra talvez fizesse exatamente o que fez. Um escritor alemão, Lessing, deu um conselho estetico muito jústo. Ele achava que nas descrições não se deve nunca mencionar a côr e a fórma

das varias partes do rosto. O que se precisa é indicar o efeito que cada uma delas produz.

Tratando, por exemplo, dos olhos, não é necessario dizer si são mais ou menos abertos ou fechados; de tal ou qual côr: dizei, por exemplo, que eram "facinadores".

E como cada pessoa julga mais facinadores os olhos de certa côr e de certa fórmula, cada uma verá um tipo diverso; mas realizará o sentimento que o autor queria despertar. E isso é o essencial.

Com os narizes succede uma cousa interessante. Em regra, quando se trata de elogiar alguém, não se fala do nariz. Correi os romances, as poesias, e notareis este fato interessante: os autores fogem á dificuldade de descrever os narizes de suas heroínas.

Falam dos olhos — isso sempre! — falam da boca, das faces, da frente, e si ha alguma alusão ao nariz é rapida e vaga.

Si, porém, se quer tratar de uma figura comica, burlesca, extravagante, nunca se omite a descrição do nariz: ora é pequeno demais, ora excessivamente grande, ora vermelho, ora grosso, ora cabeludo, ora cheio de excrecencias...

Bernardo Guimarães aludiu a isso em uma poesia celebre:

O NARIZ PERANTE OS POETAS

Cantem outros os olhos, os cabelos
e mil cousas gentis
das belas suas: eu da minha amada
cantar quero o nariz.

Não sei que fado misero e mesquinho
é este do nariz,

que poeta nenhum em prosa ou verso
cantá-lo jamais quiz.

Os dentes são perolas,
os labios rubis,
as tranças lustrosas
são laços sutis,
que prendem, que enleam
amante feliz;

é colo de garça
a nivea cerviz;
porém ninguem diz
o que é o nariz.

Beijam-se os cabelos,
e os olhos belos,
e a boca mimosa,
e a face de rosa,
de fresco nariz;
e nem um só beijo
fica de sobejo
p'ro pobre nariz.

Ai! pobre nariz,
és bem infeliz.

Entretanto — notai a sem razão
do mundo injusto e vão:

Entretanto o nariz é do semblante
o ponto culminante:

No meio das demais feições do rosto
erguido é o seu posto,
bem como um trono, e acima dessa gente
eleva-se eminente.

Trabalham sempre os olhos; mais ainda
a boca, o queixo, os dentes;
e miseros plebeus — vão exercendo
ofícios diferentes.

Mas o nariz, fidalgo de bom gosto,
deslisa brandamente
vida voluptuosa entre as delicias
de um doce far-niente.
Sultão feliz, em seu divan sentado
a respirar perfumes,
de bemaventurado ocio gozando,
não tem inveja aos numes.
Para ele produz o rico Oriente
o cedro, a mirra, o incenso;
para ele meiga Flora de seus cofres
verte o tesouro imenso.
Amante fiel, a sua mansa aragem
as azas meneando
anda p'ra ele nos vergeis visinhos
aromas apanhando.
E tu, pobre nariz, sofres o injusto
silencio dos poetas?
Sofres calado? não tocaste ainda
da paciencia as metas?
Nariz, nariz, já é tempo
de ecoar o teu queixume;
pois, se não ha poesia
que não tenha o seu perfume,
em que o poeta ás mãos cheias
os aromas não arrume,
por que razão os poetas,
porque do nariz não falam,
do nariz p'ra quem somente
esses perfumes se exalam?
Onde, pois, ingratos vates,
acharieis as fragrancias,
os balsamicos odores,
de que encheis vossas estancias,
os efluvios, os aromas,
que nos versos espargís;

onde acharieis perfumes
si não houvesse nariz!
O' vós, que ao nariz negais
os fôros de fidalguia,
sabei, que se por um erro
não ha nariz na poesia,
é por seu fado infeliz,
mas não é porque não haja
poesia no nariz.

Atenção, pois, aos sons de minha lira,
vós todos que me ouvis;
de minha bem amada em versos d'ouro
cantar quero o nariz.

O nariz de meu bem é como... oh! céus!...
é como o que? por mais que lide e sue,
nem uma só asneira!...

Que esta musa está hoje uma toupeira.
Nem uma ideia
me sai do casco!...
O' miserando,
triste fiasco!!!

Se bem me lembra, a Biblia em qualquer parte
certo nariz ao Libano compara;

si tal era o nariz,
de que tamanho não seria a cara?!...

E ai de mim! desgraçado,
si o meu doce bem amado
vê seu nariz comparado
a uma erguida montanha:
com razão e sem tardança,
com rigores e esquivança,
tomará cruel vingança
por essa injuria tamanha.

Pois bem!... Vou arrojá-me pelo vago
dessas comparações que a trôche-môche
do romantismo o genio cá nos trouxe,

que p'ra todas as cousas vão servindo;
 e á fantasia as rédeas sacudindo,
 nas ondas me atirar, de vasto pégo,¹
 que as romanticas musas desenvoltas
 costumam navegar a velas soltas.

E assim como o coração,
 sem ter corda, nem cravelha,
 na linguagem dos poetas
 a uma harpa se assemelha;
 como as mãos de alva donzela
 parecem cestos de rosas,
 e as roupas mais espessas
 são em versos vaporosas;
 e o corpo de esbelta virgem
 tem feitiço de coqueiro,
 e só com um beijo se quebra
 de tão franzino e ligeiro;

e como os olhos são flexas,
 que os corações vão varando;
 e outras vezes são flautas
 que de noite vão cantando;

p'ra rematar tanta peta
 o nariz será trombeta...

Trombeta o meu nariz!!! (ouço-a bradando)
 pois meu nariz é trombeta?...
 Oh! não mais, sr. poeta,
 com meu nariz s'intrometa.

Perdão, por esta vez, perdão, senhora.
 Eis nova inspiração me assalta agora,
 e em honra ao teu nariz
 dos labios me arrebeta em chafariz:

o teu nariz, doce amada,
 é um castelo de amor,
 pelas mãos das proprias graças
 fabricado com primor.
 As suas ventas estreitas

são como duas seteiras,
d'onde ele oculto dispara
agudas flexas certas.

Em que sitio te puz, Amor, coitado!

Meu Deus, em que perigo!

Si a ninfa espirra, pelos ares saltas,
e em terra dás comigo.

Estou já cansado, desisto da empreza,
em versos mimosos cantar-te bem quiz;
mas não o consente destino perverso,
que fez-te infeliz;

está decidido, — não cabes em verso,
rebelde nariz.

E hoje tu deves
te dar por feliz
si estes versinhos
brincando te fiz.

Bernardo Guimarães tinha razão: o nariz é refratário a comparações poeticas. Correm-se as coleções de quadras populares e nelas não se acha sinão, de quando em quando, troças, gracejos e ridiculos:

Tendes cara de papel,
nariz de pena aparada,
olhos de letra miuda,
boca de carta fechada.

Mesmo que teu pai me desse
uma rasa de dinheiro,
não me casava comigo,
nariz de cão perdigueiro.

Não chego bem a perceber o que seja um nariz de pena aparada. Tratava-se talvez de um nariz de ponta

muito fina e que, por isso, lembrava as penas de pato, que d'antes eram aparadas para poderem servir á escrita?

O interessante é que não se acham comparações poéticas para o nariz. E é assim pelo menos em português, em francês e em inglês.

Um escritor norte-americano reuniu quinze mil comparações de todos os autores celebres da Inglaterra e dos Estados Unidos (1).

Pois bem, nessa cifra formidável ha apenas cinco referencias ao nariz: todas são grotescas; nenhuma graciosa. Uma delas, assimila o nariz de que estava falando a um promontorio. O autor supunha, de certo, que fazia qualquer cousa de original, quando, de fato, estava caindo no erro de logica, que consiste em definir o mesmo pelo mesmo. Porque *nasa* em sanscrito, *nasus* em latim, *nase* em alemão, *nose* em inglês, *nos* em sueco, *nez* em francês — são palavras, que, todas, derivam de um radical que quer dizer *ilha*, *promontorio*, e mais propriamente tudo o que emerge da superficie do mar (2).

Si em regra o nariz não é comparado a nada de poe-

(1) E. G. WILSTACH — *Dictionary of Similes*.

(2) SCARLATTI — *Et ab hic et ab hoc* — I, 342; — F. GALLANDA — *Filosofie delle parole*, p. 270. Não é essa, porém, a opinião de GRIMBLLOT — *Vocabulaire synthétique de la langue française*, p. 759. — Ele acha que tanto o radical que deu *Rhis* grego, como o que deu o *nasus* latino, vêm de verbos que querem dizer *escorrer*. *A priori* se deve crer que essa etimologia deve ser falsa. Pois então o que mais impressionou o povo que creou tais palavras foram os narizes com corisa, “escorrendo” catarro? Seria extranho!

tico, a inversa tambem é verdadeira. Raras cousas se encontram na natureza que pareçam narizes.

Victor Hugo, que tinha uma prodigiosa imaginação, descrevia assim as arvores que ladeiam as estradas das visinhanças de Paris:

“Já repararam, á noite, nas grandes estradas das cercanias de Paris, os perfis monstruosos e sobrenaturais de todos os olmeiros, que o galope do carro faz sucessivamente aparecer e desaparecer? Uns bocejam, outros se torcem para o céu e abrem uma guela que uiva medonhamente. Ha os que riem com um riso feroz e hediondo, proprio das trevas; o vento os agita e eles se dobram para traz em contorsões de condenados ou se inclinam uns para os outros e contam baixinho nos seus ouvidos de folhagens, palavras de que se ouvem passando, syllabas extravagantes. Alguns tem sobranceiras desmedidas, narizes ridiculos, penteados ouriçados, cabeleiras formidaveis... Isso não altera em nada o que tem de temivel e lugubre a sua realidade fantastica. São caricaturas, mas são espetros; alguns são grotescos, mas todos são terriveis...”

Era preciso realmente uma imaginação desvairada para descobrir tudo isso em arvores. Mas lá está que mesmo nelas os narizes eram ridiculos.

Victor Hugo comparou tambem o ar humido que sóbe do mar ao halito de mil narinas. *Narine* é uma boa rima para *marine*. E rima tambem com *couleuvrine*. *Couleuvrine*, que se chamava em portuguez *colubrina*, era uma peça de artilharia. Em geral, se diz a boca da peça; é por onde ela cospe os projetís. A sugestão da rima fez que Victor Hugo comparasse as bocas das *colubrin*as a

narinas (3) Mas, como se vê, não ha nessas comparações nada de amavel quanto á fórma dos narizes. A ultima tem mesmo um inconveniente, porque, si o orificio de uma peça parece uma venta, o que dela sai que pôde parecer?

E esta pergunta sugere uma lembrança.

No seculo 17, os lenços não eram ainda usados. Talémant des Réaux, um dos mais celebres cronistas franceses, conta o que succedeu em um banquete onde estava a fina flor da nobreza. Nele figuravam os marquezes de Hauterive, o de Ruvigny e o principe de Turenne. Em certa ocasião, o marquez de Hauterive, tendo de assoarse, tapou uma das ventas e soprou vigorosamente. O projtil saiu com toda a força e foi achatar-se á distancia. Parecia um tiro. Gracejando, o marquez de Ruvigny perguntou a Turenne: "Vossa Alteza não foi ferida?" E todos deram uma boa gargalhada, achando a pilheria de muito bom gosto.

O marquez de Hauterive não tinha feito nenhuma inconveniencia. Era a moda da época. Fazia-se o que ele fez, depois limpava-se com a mão e a mão na roupa. E ainda era melhor do que no tempo dos Gregos, em que se limpava a mão nos cabelos.. o que devia dar um cosmetico detestavel...

Não como cosmético, mas como um topico para curar as picadas dos insetos, usava-se outr'ora... o que ha dentro dos narizes! Um individuo picado por qualquer abe-

(3) *La Légende des Siècles* — Citado por EDMOND HUGUET — *Le sens de la forme dans les métaphores de Victor Hugo* — pg. 127.

lha ou vespa, extraía do nariz — o nariz farmacia — o remedio de que precisava — e esfregava no ponto apropriado (4).

Conta-se de uma professora de escola publica que estava ensinando aos seus alunos o nome dos dedos.

— Como se chama este?

O aluno não respondeu. Ela explicou:

— Minimo ou auricular. Auricular, porque é o dedo que se póde meter no ouvido.

O aluno, atenia, interessado, enquanto a mestra fazia o gesto a que as suas palavras aludiam.

— E este? —olveu a perguntar a professora, mostrando, porém, dessa vez, o dedo indicador.

O aluno respondeu, triunfante:

— Esse é o naricular, porque é o dedo que se mete no nariz.

E juntando o gesto á palavra, enfiou o dedo em uma das ventas.

A professora lhe explicou que se enganava e o repreendeu pelo gesto feio que estava fazendo. Mais o repreenderia ainda se ele agisse como o nobre marquez de Hauterive, porque o seu procedimento nos pareceria hoje de muito mau gosto, mesmo em uma reunião de carregadores ou carroceiros. O fato nos mostra, entretanto, que Victor Hugo poderia, no seculo XVII, usar com menos impropriedade o seu simile entre *narinas* e *colubrinas*.

E', portanto, fóra de duvida que não se acham,

(4) CABANÈS — *Bemèdes d'autrefois*, pg. 46.

mesmo nos melhores escritores, comparações poeticas para os narizes.

Ha, porém, um elogio que aparece frequentemente aos narizes femininos, sobretudo nos escritores francezes. Os pequenos narizes arrebítadinhos são muito apreciados na França. "Un petit nez retroussé" é tudo quanto ha de mais sedutor.

Quaisquer que sejam os gostos individuais, o fato se justifica, porque o nariz arrebítado é um dos sinais de mocidade. Bertillon publicou a esse respeito, a estatística de 3.000 observações. Em mil pessoas, de 19 a 25 anos, achou 418 com o nariz arrebítado; em mil de 25 a 35 anos achou só 254, em mil de 35 a 45, unicamente 146. Em compensação, no primeiro milheiro, o dos mais moços, só havia 44 narizes de ponta caída, no segundo 79, e no terceiro, o dos mais velhos, 141 (5).

De modo que, em regra, o nariz — como tantas outras cousas! — tem os seus tres tempos: primeiro, atrevidamente apontado para o céu; depois, contentando-se com uma honesta horizontalidade, e finalmente, voltando-se para o chão melancolicamente.

O fato ocorre tanto com os narizes masculinos como com os femininos; mas com os primeiros ninguem se occupa.

Os tipos literarios de homens sedutores mais conhecidos na literatura são os de D. Juan e Lovelace. D. Juan é um personagem de teatro e, portanto, o autor não tinha que descrevê-lo. Mas Lovelace é um heroi de ro-

(5) HADDON — *Lo studio dell'uomo*, pg. 77.

mance: o autor não diz nada do nariz. Nem uma palavra! E' a regra: só se insiste na descrição de narizes comicos; esquecem-se quasi sempre e raras vezes se esboçam, mas muito vagamente, os narizes dos personagens simpaticos.

No entanto, é curioso assinalar que ha uma correlação estreita entre o nariz e a intelligencia. Os antropologistas ligam muita importancia ao que se chama o indice nasal e no conjunto das raças humanas não ha a menor duvida de que, quanto menos esse indice é elevado num povo, ou numa raça, mais esse povo ou essa raça é intelligente.

O indice nasal não depende do tamanho do nariz, como massa, si assim se pode dizer. Ele se obtem medindo a largura da base do nariz, multiplicada por 100 e dividindo o resultado pela altura. E' claro que, quanto mais as narinas forem afastadas e a altura pequena, mais o resultado será consideravel.

Evidentemente estas cifras só têm valor em grandes numeros. Mas nesses grandes numeros, elas são incontesteveis. Assim, por exemplo, na India o povo se divide em castas rigorosamente separadas umas das outras, de tal modo que ninguem de uma casta pode passar para a outra. Ha a casta dos *bramanes*, a mais elevada, a dos intellectuais. Ha, a seguir, em ordem descendente, a dos guerreiros, a dos burguezes e negociantes, e, por ultimo a dos servos ou párias. Pois bem, quanto mais se sóbe, mais o indice nasal é pequeno; quanto mais se dece, mais ele aumenta. Si se tomam ao acaso cem pessoas de qualquer casta e se lhes medem os narizes, um antropologis-

ta, lendo a média dos índices encontrados, pôde dizer imediatamente de que casta se trata.

Broca, um grande antropologista francês, dividia toda a humanidade em tres grandes grupos: gente de nariz longo e estreito, os brancos; gente de nariz largo e baixo (os negros) e gente de nariz meio termo — largo, mas não muito baixo: o caso dos Mongóis. (6)

Aliás, todos vêem o que acontece com as creanças. Os recém-nascidos, que são selvagensinhos, têm, em geral, o nariz curto e as narinas afastadas. Com o correr do tempo, as narinas se aproximam e o nariz se alonga.

Essas relações entre o nariz e a inteligencia (7) parecem até certo ponto logicas, porque foi pelo nariz que a inteligencia entrou no homem. De fato, no texto hebraico da Biblia, o que está é que Deus, depois de ter feito um calunga de barro, soprou-lhe a alma pelo nariz. As traduções correntes da Biblia dizem geralmente *pelo rosto*; mas é uma modificação do verdadeiro texto (8).

Essa modificação foi feita naturalmente com um fim piedoso, por que a cena da criação do homem era difficil de figurar daquele modo.

Pensem que já o imaginar Deus, de cócoras (não podia ser de outro modo), amassando no chão um boneco de barro, não era um quadro cheio de grandeza. Figu-

(6) JEAN FINOT — *Le préjugé des races*, pg. 141.

(7) As famosas e antiquissimas *Leis de Manu* admitiam a existencia de dez órgãos dos sentidos, dos quais cinco eram da inteligencia: o olho, o ouvido, o nariz, a lingua e a pele. PAUTHIER ET BRUNET — *Les livres sacrés* — I, pg. 334, 4, nota.

(8) F. VIGOUROUX — *Dictionnaire de la Bible* — IV, art. *Nez*.

rem, porém, além disso, o boneco inerte, deitado, e Deus, tendo provavelmente de pôr as duas mãos no chão para soprar-lhe exatamente no nariz... Ah, si ele espirrasse nesse momento! Pobre do Padre Eterno!

E' curioso assinalar que os pintores que empreenderam a representação da criação do homem escamotearam sempre a dificuldade principal e pintaram Deus junto do homem já creado. O interessante seria pintar o Creador exatamente no momento em que ele estava amassando o curioso boneco, a que, segundo dizia Claudio de Souza, em uma espirituosa conferencia, Evá chamava amorosamente o seu "Dadá", ou naquele instante em que lhe estava soprando a alma precisamente por uma das ventas...

Em todo caso, isso explica um pouco a correlação entre os narizes e as inteligencias. Basta nas creanças a obstrução vulgar causada pelas vegetações adenoides para diminuir-lhes a capacidade intelectual. Ficam incapazes de prestar atenção a qualquer cousa por muito tempo (9). E assim que se remove esse obstaculo, de uma semana para outra, com uma rapidez verdadeiramente maravilhosa, a transformação da intelligencia e do character é extraordinaria. Apesar do que muitos supõem, pelo nariz entra muito mais ar nos pulmões do que pela boca, ainda a mais aberta. E ninguem pôde respirar simultaneamente por esses dois lugares: ou boca ou nariz! (10)

(9) Um bom estudo a este respeito é a these do DR. BERNARD DELAGRANGE — *L'aproxie d'origine nasale*.

(10) E. BOSC — *Le livre des respirations* — ps. 10 a 12, citação de A. Binet.

Poder-se-ia também dizer que o nariz é o órgão da colera. Os antigos aí faziam a séde desse sentimento. (11) De fato, é, pelo menos, por onde ela se manifesta sempre, porque no colérico a respiração se torna acelerada e as narinas palpitam vivamente. Isso acontece sempre, em todas as raças humanas (12). Sucede até com Deus: David, o grande salmista judeu, falando de Deus em colera, pintava-o deitando fumo pelos “seus narizes” (13).

E’ em todo caso inegavel, como o mostra a observação quotidiana, que as narinas habitualmente palpitan-tes, dilatando-se facilmente, indicam um temperamento ardente e entusiasta (14).

Por esse pobre nariz, tão desdenhado pelos poetas, a Natureza tem cuidados interessantes.

Um sabio francês, Le Dantec, mostrava como o espirro, que nos parece uma cousa tão vulgar, é, entretanto, um phenomeno extranho. Pensem que basta uma pequena excitação qualquer, ás vezes um grãozinho de poeira que vai ao fundo do nariz, para que se tenha vontade de espirrar. Mas, para espirrar, é como si o cerebro chamasse ás armas o corpo inteiro: os musculos do ventre, os musculos dos pulmões — tudo se contrai para produzir uma explosão formidavel, um atchim, que, partido de certos narizes, parece um tiro.

Le Dantec lembra a fabula de La Fontaine, em que

(11) S. SCHACK — *La Physionomie* — pgs. 90 a 113.

(12) DARWIN — *L’expression des émotions*, pgs. 267-268.

(13) *Biblia* — Reis, II, XXII, v. 9.

(14) P. HARTENBERG — *Physionomie et Caractère*, pgs. 118-119. — E. CUYER — *La mimique*, pgs. 138 a 141.

um homem mordido por uma pulga pede a Jupiter, para exterminá-la, os seus raios e a sua maça. Ha tambem uma desproporção enorme entre o esforço do organismo e a causa: um grãozinho de poeira, no fundo de uma narina (15) e, ás vezes, os espirros são dois, são tres, é toda uma série de detonações.

Conhece-se pelo menos uma morte illustre por excesso de espirros. A esternutatoria vitima foi um imperador — o imperador Artiochus Epiphanius, que governara um longinquo povo na Síria, e, destronado, viera viver em Roma, num grande fausto. Certo dia, uma mosca lhe entrou pelo nariz, forçando-o a dar tantos e tantos espirros, que a série deles acabou com a morte do imperador (16).

Decididamente a Natureza não quer que se mexa com o nosso nariz.

E por isso mesmo não se deve zombar com os selvagens, que sempre acharam no espirro alguma cousa de maravilhoso, porque todos os povos, sempre ligaram um certo apreço a esse fenomeno. Um individuo que arrota, considera-se maleriado; um que espirra é polidamente cumprimentado: “Dominus tecum!” “Deus o ajude!”

E é assim desde o tempo dos Romanos, que consideravam de bom agouro o espirro da meia noite ao meio dia e de mau agouro do meio dia á meia noite.

Um conto popular francês narra a historia de uns

(15) LE DANTEC — *Introduction à la Pathologie Générale*, pag. 106.

(16) E. RODOCANACHI — *Etudes et fantaisies historiques*, pgs. 231.

espirros que se ouviam sempre num certo ponto de deserta estrada. Quem os dava? Ninguem jamais tinha visto o “espirrador” Certa noite, um viajante que passava, ouvindo os espirros, disse em voz alta: “Quando é que V acaba de espirrar? Deus abençõe a V e ao seu defluxo” Imediatamente, ele viu aparecer um fantasma que lhe agradeceu e contou-lhe que tendo morrido 500 anos antes, carregado de pecados, Deus o condenara a ficar ali espirrando, sempre que passasse algum viajante, até que um deles lhe dissesse: “Deus te abençõe!” Era o que acabava de suceder (17).

Segundo o narrador deste conto popular, foi a partir desse dia que se estabeleceu a moda de dizer “Deus te abençõe” a quem espirra.

Os Siameses explicam esse fato de outro modo. Dizem que ha no inferno um juiz que de tempos a tempos faz a revisão da nossa vida. Sempre que ele nos descobre um pecado, nós espirramos. De modo que um grande defluxo, muito espirrado, é sinal de que o juiz está achando muitos pecados... (18).

E’ talvez por isso que os medicos nada descobriram até agora de realmente eficaz contra essa molestia tão corriqueira. O mais que puderam foi, como já alguém fez notar, chamar-lhe um nome feio: chamar-lhe *coriza*. Não podendo removê-la, injuriam-na.

E o que os medicos não podem, tambem os santos não conseguem.

(17) CARNOY — *Litterature orale de la Picardie*, ps. 42 a 44.

(18) CH. ROZAN — *Petites ignorances de la conversation*, pgs. 5 a 8.

Um homem piedoso, cuja obra é da mais rigorosa ortodoxia, aprovada por varios bispos e arcebispos, (19) deu a lista dos santos e das molestias ou outros fatos para os quais é util invocá-los. Ha santos especialistas da apoplexia, da sarna, da dôr de cabeça, contra as feridas, contra as espinhas, contra as coliccas (nada menos de nove!), contra as molestias da pele, dos olhos, de tudo, enfim. Ha santos que se especializaram em vigiar pelo gado em geral, outros mais restritamente pelo gado suino ou pelos animais que têm chifres... E não ha nenhum que se ocupe com o nariz!

Um autor alemão achou que nos podiamos dirigir a S. Mauro ou a S. Quintino, mas as razões que ele deu são absolutamente contestadas. Verificou-se que eram falsas.

Le Dantec fala em um costume curioso da Bretanha. Ha lá, em certo lugar, uma imagem de madeira, de São Guirec. As moças vão, em geral, pedir-lhe que lhes ache noivos, e, quando acabam a oração, cravam um alfinete no nariz da imagem. (20).

Hoje, o fato se explica, dizendo que é para o santo não se esquecer do pedido. Por que, entretanto, os que instituiram esse costume escolheram para esse fim precisamente o nariz? Não teria sido porque o nariz tem certas afinidades anatomicas um pouco escabrosas?

De qualquer modo, porém, ninguém faz desse pobre S. Guirec o patrono dos que estão doentes do nariz.

(19) DU BROC DE SEGANGE — *Les saints patrons des corporations et protecteurs spécialement invoqués dans les maladies et dans les circonstances critiques de la vie*, 2° vol.

(20) LE DANTEC — *Le conflit* — pg. 42.

A verdade é, portanto, esta: o nariz não tem patrono que o proteja!

No entanto, Lavater, o grande fisiognomonista, que pretendia diagnosticar o caracter humano pelas fórmulas do rosto, assevera formalmente um fato: não ha narizes bonitos em caras feias. (21).

A's vezes um rosto é feio; mas ou os olhos, ou a boca, ou a fronte, alguma coisa ha nele de bonito. O nariz, nunca. Si o nariz é bonito, o conjunto tambem é.

Não sei o que vale a observação de Lavater. Póde-se, porém, mencionar um caso interessante. Os fisiognomonistas variam muito na interpretação das diversas formas de narizes. Estão, porém, de acordo sobre duas: as de ponta fina e as de dorso chato.

Dorso chato — não quer significar nariz “esborrachado”, como se diz geralmente entre nós. Trata-se dos narizes altos, de perfil correto mas de que o dorso, em vez de ser curvo, é liso e plano, ou, como impropriamente alguns o qualificam, é quadrado. Um nariz pode ser pequenino, bem feito e ter, entretanto, esse pormenor.

Os narizes de ponta aguda e caída são os das pessoas zombeteiras, intrometidas e intrigantes. Os narizes de dorso liso são os das que tem força de carater.

Si essas observações são exatas, verifiquem os interessados. Em todo caso, *os narigólogos*, si assim se podem chamar os autores que têm escrito acerca do nariz, são acordes a esse respeito.

E há, por fim, uma afirmação indiscutivel. Essa

(21) MELLO MORAES — *Physiologia das Paixões* — p. 366.

é, aliás, suscetível de prova: um grande nariz nunca impediu nenhum homem de ser amado. A França teve um rei que ficou célebre pelo nome de narigudo — *le Roi au Grand-Nez* — cuja fama amorosa é universal. Foi ele — Francisco I — que pôz em voga a frase celebre — celebre e justa: — *Souvent femme varie...*

A memoria do rei narigudo ainda hoje persiste em França, num costume que ha nos arredores de Châtre. Quando chega a hora de recolher, alguns camponezes gritam aos outros: “*Vive le Roi au Grand-Nez!*” E’ uma tradição que vem do seculo 16, porque Francisco I, ao aprovar as leis de Berny diminuiu as horas de trabalho dos camponezes. (22).

E’ verdade que houve tambem um nariz pequeno que ficou celebre mas não foi em cousas de amor.

Joseph Bédier, no seu livro sobre as *Lendas Epicas*, estuda um grande numero de Guilhermes, alguns reais e outros ficticios. Da fusão dos feitos deles resultou a lenda do que a Igreja canonizou e comemora no dia 28 de maio. Entre eles ha um chamado Guilherme do Nariz Curto. (23)

Isso prova que narizes curtos podem servir para santos. Para amantes, não!

Os Welshes, do Paiz de Galles, quando eram um

(22) PAUL SEBILLOT — *Le Folk-lore de France* — pg. 363.

(23) J. BÉDIER — *Légendes Epiques* — I — passim, e em especial paginas 92, 99, 179, 196, 209 e 210. E’ um caso debatido de erudição si se tratava de “*court nez*” ou “*courb nez*” Muitos dizem que o nariz de Guilherme foi encurtado em uma rixa, onde lhe cortaram a ponta do nariz, o que o forçou a usar um nariz postiço.

povo independente, destronaram o rei Yorwerth, porque, caíndo, quebrara o nariz. Um rei sem nariz não tinha majestade bastante para infundir respeito (24).

Paulo I, da Russia, o filho de Catarina a Grande, tinha um nariz chato e pequeno, um nariz “esborrachado”, como nós dizemos correntemente. Em francês (camus), como em russo, ha um adjetivo especial, que tem a significação de esborrachado, e só se applica aos narizes em tal condição. Paulo I sentia de tal modo o desgosto de ter um nariz desse genero que proibiu de todo modo, em absoluto, o emprego do adjetivo correspondente a “esborrachado” (25).

Mais rigoroso, Deus, — Deus, em pessoa, falando a Moysés, proibiu que pudessem ser sacerdotes os que tivessem narizes ou grandes de mais ou por demais pequenos. Não queria tambem os de nariz torcido (26).

Mas, de todos os grandes narizes o que se tornou mais popularmente simpatico foi o de Cyrano de Bergerac. Todos conhecem a peça de Rostand. Ha um momento em que um visconde, vendo Cyrano, lembra-se de motejar com o seu nariz e chama-lhe “grande”. O visconde era de uma evidente curteza de ideias. Cyrano replica-lhe então, expondo-lhe muitas outras cousas que ele poderia dizer de um nariz enorme, como o seu:

(24) AMERICO SCARLATTI — Artigo em *Minerva*, de 2 de abril de 1911.

(25) KALISZEWSKI — *Un fils de la grande Cathérine*, pg. 113. Vale a pena ler este livro que é interessantissimo. Eu o re-sumi no meu volume: *Literatura alheia*.

(26) *Levitico* — XXI, v. 19.

Isso é breve e não tem graça alguma.

Poder-s'ia dizer... mas tanta cousa, em suma!...

Variando o tom de voz... assim: dai-me atenção:

(*Agressivo*): “Senhor, tamanho narigão fosse meu, que, sem dó, lhe apagaria o topo!”

(*Cortes*): “Esse nariz mergulha-vos no copo: usai dum cangirão para beber melhor.”

(*Descritivo*): “E’ rochedo! E’ cabo! Inda é maior: é promontorio! E’ mais: é o Novo Continente!”
Servirão de tinteiro os ambitos nasais?”

(*Curioso*): “De que serve essa vasilha ingente?”

(*Gracioso*): “Tanto affecto ás aves dedicais que dessarte busqueis, benevolo e fagueiro, aos delicados pés ceder-lhes um poleiro?”

(*Truculento*): “Senhor, se vós vos distrahis a fumar, e lançais vapores do nariz, o visinho não crê que a chaminé vos arde?”
esse peso é capaz de dar-lhe um trambolhão!”

(*Previdente*): “Cuidado! O craneo que se guarde:

(*Terno*): “Plantai-lhe em cima um toldo, um pavilhão: do contrario, talvez a luz do sol empane-o.”

(*Pedante*): “Só o monstro, o monstro Aristophaneo, Hipocampelephantocamelo — afinal, teve tão volumoso o apendice nasal.”

(*Cavalheiro*): “Isso é gancho ao derradeiro gosto! Pendurai-lhe um chapéu, que ficará bem posto!”

(*Empolado*): “Que vento, exceto algum pampeiro, poderá o nariz, te constipar inteiro?”

(*Tragico*): “E’ o Mar Vermelho o teu sanguineo jato!”

(*Pasmado*): “E’ um chamariz p’ra vendedor de extrato!”

(*Lírico*): “E’ a vossa concha, ó Filho de Amphitrite?”

(*Ingenuo*): “E’ um monumento! A entrada se permite?”

(*Respeitoso*): “Deixai saudar-vos a eminencia: vale um bem-de-raiz tamanha saliencia.”

(*Lapuz*): “Virgem Maria! Isso é nariz de sobra estou que ha de ser couve, ou que ha de ser abob’ra.”

(*Belicoso*): “Apontar! Passa a cavalaria!”

(*Pratico*): “Se o meteis em rifa, ou loteria, vai ser a sorte grande, a “bruta”, certamente. Emfim, parodiando, a Piramo plangente:

“Eis o nariz fatal ,que aos traços do senhor a harmonia desfez! E córa de pudor!”

Meu caro, eis o que vós dirieis, a contento, Se pudesseis dispôr de letras e talento. (27).

Mas as apologias, como a de Lavater, e as troças como a que acabais de ouvir, referem-se sempre ao que um positivista chamaria, creio eu, narizes ocidentais, narizes dos povos do ocidente da Europa e dos seus decendentes.

São numerosos, entretanto, os que preferem os narizes chatos. E’ o que acontece a quasi todos os de origem mongolica. As mulheres da Senegambia, negras retintas, de nariz “esborrachado”, diziam, vendo Mungo Park, que a sua côr branca se explicava porque, de certo, em pequeno, a mãe o pozera em leite e, apertando-lhe sempre o nariz, o fizera defeituoso como era: isto é — defeituoso para elas, mas perfeito para nós (28), pois que, para nós, o nariz estreito é o mais bonito. (29).

E não ha que gracejar com a preferencia dos povos.

Em primeiro lugar, porque um celebre e sensato pro-verbio nos assevera que sobre gostos e côres não se deve disputar. Em segundo lugar, porque os narizes chatos

(27) Da excelente tradução em verso de Carlos Porto Carreiro, 2ª ed., pag. 49.

(28) LETOURNEAU — *Psychologie Ethnique*, pg. 123.

(29) STRATZ — *La Beauté de la femme* — pg. 124.

têm realmente vantagens. Vantagens prosaicas e poéticas.

As vantagens prosaicas são as que provêm do frio. Os povos das grandes altitudes da Asia Central, onde o frio é quasi identico ao dos Polos, lucram em não ter narizes salientes: eles seriam perigosos. Os grandes narizes expostos a ventos muito frios, gelam e gangrenam facilmente. Os que, por assim dizer, se escondem entre as bochechas ficam mais resguardados. (30)

Mas as vantagens poeticas são mais importantes.

Elas consistem, primeiro, na facilidade de comparações literarias. Assim, um poeta dessa raça comparava o nariz feminino a um jasmin aberto. Desde que o nariz não se empina no meio da fisionomia, pôde realmente ficar achatadinho no rosto como uma corola de jasmim (31).

Mas ha melhor. O nariz chato favorece os cumprimentos de varios povos que se saúdam entre-cheirando-se. Cada um esfrega a cara no outro, fungando e dizendo: "Bom! Bom!" — subentende-se: "*que cheirinho bom! que cheirinho bom!*"

Evidentemente a polidez ha de ser muitas vezes mentirosa e o cumprimentador estará dizendo: "*Como este tipo féde!*" Mas, emfim, deve haver numerosos casos em que esse farejamento seja um prazer.

E' curioso assinalar que quasi todos os povos que usam essa fórmula de cumprimento não conhecem ou não empregam o beijo. E' fricionando o nariz no da mulher

(30) ELISÉE RECLUS — *L'homme et la terre* — III, pg. 32.

(31) HAVELOCK ELLIS — *La selection sexuelle*, pg. 232.

amada que o homem da Micronesia lhe faz as suas mais ardentes declarações (32). Na Groenlandia vêm-se frequentemente os recém-casados, juntinhos, esfregando face a face o nariz um no outro. (33) Uma mulher, na Tartaria, é considerada tanto mais bonita, quanto menos nariz tem. (34).

No entanto, os narizes chatos seriam também muito cómodos para os que se quizessem beijar. Diz o proverbio: “Dois bicudos não se beijam” Isso não é exato, porque dois narigudos se ajeitam muito bem. O que ha é que um, pelo menos, precisa inclinar o rosto. E aí está o inconveniente dos nossos narizes salientes: não é possível dar um beijo, face a face, os olhos nos olhos da pessoa que se beija. As raças de narizes chatos realizam — ou, pelo menos, poderiam realizar essa proeza.

Diz o proverbio: “Deus dá nozes a quem não tem dentes” E dá narizes chatos a quem não os sabe aproveitar: os desgraçados não conhecem o prazer do beijo!

A gente de nariz esborrachado, quasi, por assim dizer, que não o tem. Alguns viajantes disseram isto de certas tribus turcas das estepes. (35) Em compensação, uma tribu peruana de outros tempos não se contentava com um só nariz... Queria mais. E como lhe seria impossível arranjar outro, dividia ao meio, rachando-os, os

(32) REVILLE — *Les religions des peuples non civilisés*, II, pag. 136.

(33) WESTERMACK — *Origine du mariage dans l'espèce humaine* — pg. 346.

(34) WESTERMACK — *Origine du mariage dans l'espèce humaine* — pg. 250.

(35) E. B. TYLOR — *Civilisation Primitive*, pg. 448.

que a Natureza lhes dera. Parece que assim procuravam aumentar a capacidade de olfação. (36).

Nós ficamos no meio-termo. Com o nosso nariz nos consolamos facilmente. Si não podemos dar beijos, tendo os olhos sobre os olhos da pessoa que amamos, miramos-lhe, enquanto fazemos aquele gesto, a face, a nuca, a orelha.. E são também paisagens muito interessantes...

Depois, seja qual fôr sua forma, seria ingratição falar mal do nariz, porque ele tem numerosas relações com o amor. Relações anatomicas, fisiologicas e patologicas. Das anatomicas não quero falar aqui: mas que elas existem, tanto em homens como em mulheres, parece indiscutivel... E', aliás, um fato notado desde a mais longinqua antiguidade.. (37) Ocorre mesmo uma circumstancia curiosa: quando, em sonho, alguém vê um grande nariz, isso é, em geral, a acreditar nos partidarios da psico-analise, simbolo de cousa muito diferente... (38). Basta dizer que nos criminosos por crimes sexuais e nos doidos por questões de amor é que predominam anomalias do nariz e as alucinações do olfato. E' o sentido sensual por excelencia. (39).

Conta-se ser na India frequente, entre os grandes senhores, quando pretendem escolher uma favorita, fazer que varias mulheres atirem-se a correr, de modo a trans-

(36) *Les Huacas du Perou* — *Chronique Médicale*, 1911.

(37) HAVELOCK ELLIS — *Ob. cit.*, pg. 114.

(38) E. JONES — *Papers on psycho-analysis*, pg. 141; — STEKEL — *Sex and Dreams*, pg. 139.

(39) V. KRAFFT-EBING — *Psychopathia sexualis*, pg. 37

pirar. Depois, uma escrava lhes leva as camisas, rapidamente tiradas, humidas ainda do suor das diversas concurrentes. E' pelo cheiro dessas camisas que eles escolhem a preferida. (40).

Não sei o que vale esse processo caninamente farejatorio. Mas o que acima apontei, sobre a correlação entre as alucinações do olfato e as loucuras do amor, todas as formas de psicopatias sexuais, não é uma fantasia: são dados estatísticos irrecusáveis.

Conta-se de um rei de França, Henrique III, que ele empregou, aliás sem nenhuma premeditação, o processo dos príncipes da Índia.

A cousa se passou em 1572. Margarida de Valois casava-se com o rei de Navarra, e o príncipe de Condé com Maria de Clèves. Esta, sentindo-se muito suada, passou a um quarto e aí mudou de camisa. Pouco depois, o duque de Anjou, que mais tarde foi Henrique III, entrou nesse aposento e por engano passou a camisa suada de Maria de Clèves no rosto. O perfume que nela sentiu o embriagou de tal modo que indagou a quem pertencia aquela peça de roupa e apaixonou-se loucamente pela princeza. (41).

Essas relações do nariz e do amor foram talvez que induziram numerosos legisladores a decretar que para os crimes sexuais a pena fosse exatamente o corte do nariz.

Foi isso o que fez o Concílio de Neapolis, mas de um modo um pouco estranho. Ele ordenou que, tratando-se

(40) HAVELOCK ELLIS — *La selection sexuelle*, pg. 113.

(41) CABANÉS — *Les curiosités de la Médecine*, pg. 160.

de adulterios, se dêsse ao homem uma pena que o impediria radicalmente de cometer outros, mas da mulher se cortasse o nariz! (42) Aliás, esse concilio catolico não fez mais do que retomar uma pena, que já se usava no Egito — no Egito do tempo de Cleopatra. Nesse tempo, aliás, nem era preciso que a mulher tivesse cometido a falta suprema. Bastava que pudesse ser acusada de leviana para se chegar áquele castigo. (43)

No Egito a gente de nariz cortado chegou a ser tanta que deu nome a uma cidade, onde abundava. (44) Era a cidade de *Rhinocourra*.

O nariz ainda deveria ser indicado para o córte em lugares como a India, em que se admitia que uma mulher pudesse dar á luz por ele. Foi isso o que succedeu com a princeza Chang Rawaiti, que, tomando banho no Ganges, colheu uma flor sobre a qual havia caído o principio fecundante de um sêr divino. Mais tarde, veio a ter o filho, assim gerado pelo nariz (45).

A pena do corte do nariz existiu em muitos lugares para crimes de amor: o raptor de mulheres e o cumplice dos adulterios eram punidos desse modo em varios paizes. Era o que succedia em Gand, no seculo 13, em que as pessoas que tinham ouvido uma mulher pedir socorro e

(42) WESTERMACK — *Origine du Mariage dans l'espèce humaine* — pg. 119.

(43) WESTERMACK — *Origine du Mariage dans l'espèce humaine* — pg. 119.

(44) F. VIGOUROUX — *Dictionnaire de la Bible*, t. IV, pagina 1611.

(45) NICOLAY — *Histoire des Croyances* — III, pg. 238.

não a tinham atendido ficavam sem nariz e sem orelhas. (46).

Na Persia quando um marido, na primeira noite de casamento, sentia que... já tivera antecessores, cortava o nariz da mulher e mandava-a para a casa dos pais. (47)

Mesmo entre as mulheres conta-se que na Terra do Fogo e em diversos outros pontos é muito frequente encontrar desnarigadas: são mulheres ou punidas pelo ciúme do marido, ou punidas pelo ciúme de outras mulheres, que, lutando, procuram cortar-lhe o nariz a dentadas e chegam muitas vezes a esse resultado. (48).

Jules Renard, o celebre escritor francês, encarou a cousa por outro lado, quando disse que o divorcio seria desnecessario, si no dia do casamento, em vez do marido pôr o anel no dedo da mulher, o puzesse no nariz. Ha nessa frase a brutalidade de comparar mulheres a vacas, porque é no nariz das vacas que se passam grandes argolas para as guiar e prender.

É' certo, entretanto, que muitas mulheres no mundo já usaram argolas de ouro e de outras substancias no nariz. A Biblia fala nisso. Ainda hoje a cousa se faz em certos lugares da Asia. (49).

Cumpre, entretanto, dizer que o desnarigamento (si me permitem o termo) foi tambem empregado como exer-

(46) MAETERLINCK — *Péchés primitifs* — pg. 199.

(47) GUBERNATIS — *Mythologie des Plantes* — I, 254.

(48) WESTERMACK — *Origine du mariage dans l'espèce humaine*, pgs. 116, 119 e 468.

(49) BOURDEAU — *Histoire de l'habillement et de la parure*, pag. 289.

cicio de vinganças extranhas a casos de amor e para castigo de varios delitos.

Não ha muito tempo, no Montenegro, era de uso que um inimigo, vencendo outro, lhe cortasse o nariz e o conservasse como um troféu. (50) O mesmo ocorria em outros pontos. E', para só citar mais um exemplo, o que faziam os Ytucals do Perú (51). O Direito Penal Musulmano equipara as penas de homicidio e de corte do nariz (52).

Houve um papa, Sixto V, que gostava muito de suprimir os apendices nasais dos seus contemporaneos. E' claro que não o fazia sem razão. Castigava assim os ladrões.

Esse papa, que se conformava assim com o disposto no velho livro religioso da China, Chun-King (53) foi, porém, por isso, embora de um modo indireto, um bemfeitor da humanidade: fez aperfeiçoar consideravelmente uma operação de alta cirurgia, hoje facil e corrente.

Ninguem, antes da ultima guerra, considerava a fabricação de moletas e pernas de pau uma industria florecente. A guerra deu-lhe, porém, um impulso consideravel.

Pois foi o que succedeu, no tempo de Sixto V, com a rinoplastia: ele fazia cortar tantos narizes que, sinão creou, pelo menos animou grandemente aquella operação.

(50) A. MURET — *Aux pays balkaniques*, pg. 37.

(51) *Chronique Médicale*, de 1 de setembro de 1911, pg. 552.

(52) *Instituciones Politicas y Juridicas de los Pueblos Modernos*, v. X, — *Compilacion del Derecho Mussulman*, por Khalil, pg. 865.

(53) CHUN-KING — cap. VII, 2ª secção, § 15.

O concerto de narizes, tanto dos cortados por sentenças, como dos cortados em rixas e duelos ou deformados de outros modos, constituiu, durante muito tempo, uma especialidade de certas famílias, em que, de pais a filhos, se transmitia a sua tecnica. Houve uma familia que ficou celebre, por isso: os Branca, de Catania. Mas o cirurgião mais notavel nessa especialidade foi Tagliacozzi. A sua audacia teve, porém, má recompensa. O clero achou que era uma obra diabolica querer concertar caras deformadas pela vontade divina. Só Deus tinha esse direito.

E, por isso, o pobre Tagliacozzi, já depois de enterado, foi tirado do cêmiterio em que estava e posto em terreno que não era consagrado. (54).

A operação da rinoplastia é facil, quando se acha logo, á mão, o nariz cortado: gruda-se e ele fica no lugar. Ha no Evangelho a historia da prisão de Jesus Cristo. Quando o soldado romano deu a este voz de prisão, São Pedro, zangado, puxou de uma espada e cortou a orelha do soldado, que aliás não tinha culpa nenhuma: estava cumprindo ordens superiores. Cristo reconheceu, de certo, isso mesmo, e apanhando a orelha caída do soldado, regridou-a. A proeza é muito maior que a de recolar narizes, porque a orelha tem todo um sistema de musculos, tendões, veias, arterias. Mas todos sabem que a Santissima Trindade é uma familia de cirurgiões muito distintos: o Padre Eterno extraiu de Adão uma costela para com ela fazer a mulher; Cristo repoz uma orelha cortada; só o Espirito Santo, por ora, não fez nada. Mas

(54) LECÉNE — *L'évolution de la chirurgie*, pg. 174.

não ha que desanimar: ele ainda é capaz de alguma proeza...

A prova da facilidade com que os narizes se regredam foi dada por um episodio communicado á Academia de Medicina de Paris.

Em uma rixa noturna, um soldado cortou o nariz de outro com a espada. O nariz caiu por terra. O aggressor fugiu. Sobrevem um terceiro e vê o caso. Procura o nariz no chão, descobre-o cheio de terra. Perto não havia agua com que lavá-lo. Mas o soldado era um tipo de recursos. Infelizmente o recurso que ele usou para lavar o nariz é difficil de ser exposto... Basta saberem que ele tinha sobre o aproveitamento de certas fontes naturais ideias muito utilitarias. Achou em si mesmo o chafariz e o liquido... O certo é que, lavado o nariz pelo seu processo, colou-o á cara do dono — e o nariz “pegou” de novo...

Quando um medico narrou o episodio á Academia, esta quasi o expulsou do seu gremio: parecia que ele estava zombando do illustre areopago. Nessa época, a rino-plastia era uma operação de que muitos descreiam: tinham-na como uma afirmação charlatanesca. Rapidamente, porém, se verificou que nada era mais veridico nem mais simples. (55)

Já houve quem concertasse narizes deformados, fazendo sob a pele, no lugar proprio, injeções de vaselina ou

(55) *Dictionnaire Encyclopedique des Sciences Médicales*, par A. DECHAMBRE, IV, pg. 377.

parafina. (56) Trata-se de substancias que não são absorvidas pelo corpo. Ficam, portanto, no lugar e pres-tam-se a ser moldadas á vontade.

Este raciocinio não é, porém, de todo exato. Houve casos em que os operados morriam, algum tempo depois, subitamente. E' que alguma cousa da substancia, que se acreditava incapaz de ser absorvida, sempre o era um pouco. Bastava uma gota, que penetrasse em uma veia ou arteria — e constituia obstaculo bastante para cau-sar uma embolia — e, portanto, uma morte subita.

Mas já houve narizes de prata e ouro. De prata, ou, como dizem outros, de prata e ouro, era o de Tycho-Brahe, o celebre astronomo. Conta-se que por uma ques-tão de matematica (quem diria que a matematica impe-lisse a encontros belicosos!), teve ele uma questão com um sabio de nome rebarbativo: Mandempius Pasbergius. Daí um duelo. No duelo, o adversario cortou-lhe á espa-da o nariz. Tycho-Brahe teve de mandar fazer um de metal, que usou para encobrir o seu defeito. (57)

Era provavelmente um nariz, posto como se põem os de cêra, postigos, durante o carnaval, amarrados de qualquer fórma com um atilho que se prendia atraz da cabeça.

Um nariz — ou, pelo menos, uma ponta de nariz nariz de ouro, teve tambem Carlos Magno; mas foi de- pois de morto.

(56) E. GAUTIER — *Année Scientifique*, 1901, pg. 393, — V. CH. NELATON ET OMBREDANNE — *La rhinoplastie*, pg. 241.

(57) D. M. THOMAS — *The day-book of wonders*, pg. 609. — BERTRAND — *Les fondateurs de l'astronomie*, pg. 71.

Foi no anno 1000 que o imperador alemão Othon III, tipo que tinha crises de misticismo, pensou em vêr o cadaver embalsamado de Carlos Magno, que dormia em paz, havia já 186 annos.

Fez abrir o sepulcro. Notou, então, que a ponta do nariz de Carlos Magno estava carcomida e fêl-a substituir por uma ponta de ouro (58).

E', talvez, um caso unico de rinoplastia póstuma.



Mas tratando de gente viva, é bom saber que o concerto de narizes perdidos não se faz apenas apanhando o que caíu e pondo no lugar. A's vezes, o que caíu é inachavel e precisa-se ir buscar em outras partes, péle e carne bastantes para fazer um nariz novo.

Um dos processos mais simples consiste em tirar tudo isso do proprio individuo. Corta-se na frente um retalho, que se deixa apenas grudado pelo alto do nariz. Esse retalho se torce e com ele se vem formar o novo nariz.

Outras vezes se vae buscar o que se precisa em outra pessoa.

E', porém, uma operação que o cirurgião nunca deve improvisar. Precisa prepará-la longamente. Om-bredanne e Nelaton querem que se faça uma simulação dela, para estudo, oito dias antes, de modo a cortar o re-

(58) PASOLINI — *Gli anni secolari*, pg. 155.

talho de péle com exatidão matemática, á vista de um modelo bem escolhido (59).

Ha na literatura uma novela celebre, de Edmundo About, intitulada — *O Nariz de um Tabelião*, — que se baseia num caso de rinoplastia. Conta Edmundo About que um tabelião moço, bonito e rico teve um duelo, de que lhe resultou ficar sem o nariz, que o adversario cortou. Por cumulo de desgraça, um gato que assistia á cena, assim que viu cair aquela posta de carne, avançou, apanhou-a e fugiu com ela. Era um gato antropófago...

O tabelião ficou tristissimo. Aconselharam-no que recorresse á rinoplastia e assim se fez. Como, porém, ele não quiz tirar de si mesmo o que precisava para fazer o seu novo nariz, pagou a um aguadeiro *auvergnat* para lhe fornecer do braço a carne precisa. Um *auvergnat* está, mais ou menos, para um parisiense como um galego para um português.

Era sobretudo assim no tempo de About.

Fazendo a operação pelo processo indicado, é necessario que o operado e o individuo que lhe fornece a materia prima para o novo nariz fiquem grudados por algum tempo. Só depois que o enxerto pegou é que se separam os dois, cortando em um a carne e pele necessarias. O tabelião teve, portanto, de passar cerca de quinze dias com o braço do galego (chamemo-lo assim) amarrado á cara.

(59) CH. NELATON ET OMBREDANNE — *La rhinoplastie*, pagina 35.

Durante esse tempo vinham amigos do operado, rapaziada alegre, e divertia-se com o galego. Estava convencido que, si a operação tivesse exito, dar-lhe-iam 3.000 francos.

Ora, ele nunca vira tamanha soma reunida. Ela representava cerca de vinte e cinco anos de trabalho.

Que ia fazer com tudo isso? perguntavam-lhe os amigos do tabelião.

O galego lhes confessou que o seu intuito era pôr tudo na Caixa Economica. Mas os rapazes o dissuadiram. Disseram-lhe que era uma tolice. Como rendimento, isso não chegava para nada. Valia, portanto, a pena que caísse francamente na pandega durante algum tempo, gozando a vida. Depois voltaria a trabalhar.

A operação correu muito bem, o tabelião voltou a ser um belo rapaz e o galego partiu com a sua pequena fortuna.

Um mês apóz deu-se um fenomeno extranho: o nariz do tabelião começou a ficar escandalosamente vermelho. Depois de varias pesquisas, verificou-se do que se tratava: é que o galego tinha tomado ao pé da letra os maus conselhos que recebera e déra para embebedar-se. Como o nariz do tabelião conservava com o seu antigo possuidor afinidades estreitas, sempre que este se embriagava o nariz enrubecia. Foi preciso moralisar o antigo aguadeiro para que o nariz do tabelião retomasse a côr natural.

Em certa ocasião succedeu que o tabelião constipou-se. Um defluxo terrivel. Estava, como se diz vulgarmente, falando pelo nariz. Ora, o nariz era de um ga-

lego: e sem dar por isso o tabelião começou a chamar os seus clientes: "Bossa Excelencia" e a trocar todos os *BB* por *PP*. . Zangaram-se; pareceu que o homem os estava escarnecendo. Foi uma complicação diabolica.

Mas, afinal, depois de numerosas peripecias, as cousas se tinham acalmado. O tabelião decidira casar-se. Estava diante do espelho, no dia do noivado, com o carro á porta para levá-lo á igreja, quando, de repente, o nariz desapareceu. Indagou-se o motivo, e soube-se que o galego, trabalhando em uma fabrica, deixara apanhar o braço em uma engrenagem, que o esmagara completamente. O nariz, solidario do braço que o fornecêra, desapareceu com ele (60).

E' inutil dizer que tudo isso é gracejo: nenhuma afi-
nidade fica existindo entre a pessoa que fornece e a que
recebe o enxerto.

Mas ha caso mais extranho.

Póde curar-se uma diarréa, ou, para falar tecnica-
mente, uma enterite, pelo nariz. E' forçoso convir, que,
no primeiro momento, ninguem poderia lembrar-se de
uma correlação muito estreita entre o nariz e as tripas.
E, no entanto, cauterizando o interior do nariz, curam-
se enterites (61).

Mas, voltando á rinoplastia, permitam-me que eu re-
fira um fato.

(60) - DR. MINIME — *Médecine anecdotique* — pg. 250, dá
um conto em verso, em que se reproduz com graça esta mesma pi-
lheria. O nariz é tirado da nadega de uma mulher.

(61) E. GAUTIER — *Année Scientifique*, 1908, p. 230.

Em 1915, eu estive em Paris, num hospital especial, perto da Porte Maillót, onde só se tratavam ferimentos da face e da cabeça. Era uma coleção de caras horríveis, de narizes mutilados, de craneos remendados... Chamavam-no o hospital "das fuças quebradas": "des gueules cassées" E aí, a proposito de narizes, assisti a uma cena interessante.

Comigo estava o consul do Brasil. O cirurgião em chefe, velho simples e mesmo um tanto grosseiro, disse-nos como procedia para reformar narizes. Explicou que era sempre bom tomar primeiro um modelo antes de refazer o dos narizes perdidos. E, tomando um narizinho em gesso, disse-me singelamente, indicando uma das senhoras presentes:

— Era preciso um nariz bonito e como o nariz de Mme. Duval é o mais bonito, eu o escolhi.

Mme. Duval còrou e sorriu, triunfante. As outras senhoras tiveram um sorriso amarelo de despeito.

Mais tarde, encontrando Mme. Duval em outro hospital, eu lhe perguntei, gracejando:

— E aqui que é o que a senhora fornece? Modelos?

Ela me explicou, então, que os ciumes das companheiras, por causa do modelo do nariz que ela fornecera, foram tão grandes, que ela se vira obrigada a mudar de hospital...

Ainda foi bom que não lhe tivessem cortado o nariz a dentadas, como aquelas mulheres da Terra do Fogo.

A rinoplastia devia generalizar-se e aperfeiçoar-se para que todos pudessemos ter narizes bonitos e cessassem as caçadas com os que o têm feio.

Era a um nariz enorme que Artur de Azevedo se dirigia num dos seus sonetos. Dizia ele:

Desgraçado mortal!... Pois que?! Aguentas?!
 Tanto peso na cara tu suportas?!
 Parecem-me do inferno as negras portas
 as tuas feias, cabeludas ventas!

Desgraçado mortal, por que não tentas
 sofrer operação, a ver si cortas
 metade do nariz que tu transportas,
 do trambolho imoral que mal sustentas!?!...

Vai ver si algum doutor teu beque apara:
 pois antes conservar a cicatriz
 do que uma cousa conservar tão rara!

Quando esse tronco vejo sem raiz,
 não sei si o teu nariz pertence á cara,
 ou si a cara pertence ao teu nariz!

Ha, no final, uma imitação do soneto celebre de Quevedo, soneto que começa precisamente aludindo a um homem grudado a um nariz:

Érase un hombre á una nariz pegado,
 Érase una nariz superlativa,
 Érase una nariz sayon y escriba,
 Érase un peje espada muy barbado.

Éra un reloj de sol mal encarado,
 Érase una alquitara pensativa,
 Érase un elefante boca arriba,
 Éra Ovidio Nason más narizado.

Éra un espolon de una galera,
Érase una pirámide de Egito,
Las doce Tribus de narices era.

Érase un naricismo infinito,
Muchísima nariz, nariz tan fiera
Que en la cara de Anás fuera delito.

Um cançonetista francês declarou que nós fomos feitos atamancadamente. *Nous sommes sabotés* — dizia ele.

Todos conhecem a impertinencia de Alexandre Du-
mas, querendo falar mal das mulheres. Chamando a aten-
ção, para que Deus só fez a mulher depois de ter feito a
Terra, o Sol, a Lua, os outros astros, todas as plantas,
todos os animais, ele acrescentava:

— Deve-se desculpar o Creador... Vê-se bem que
ele já estava muito cansado...

Eu creio que essa historia está mal contada.

Deus estava, de fato, muito cansado, caíndo de sono,
quando amassou um pouco ao acaso o calunga de barro
com que fez o homem. Daí a borracheira que saíu. Mas o
homem, assim que nasceu, começou a fazer um tal reboliço
com a bicharia do paraiso que o Padre Eterno desper-
tou. Despertou e disse com os seus botões (ou, si não ti-
nha botões, com a sua barba):

— Eu preciso acabar com isso, fazendo um bonito,
fazendo emfim qualquer cousa que preste: e fez a Mu-
lher, — a Mulher, cujos unicos defeitos provém exata-
mente de ter sido fabricada com uma costela do ho-
mem...

O cançonetista francês, proclamando que *nous sommes sabotés*, mostrava varias imperfeições do corpo humano: para quê, por exemplo, os dois olhos voltados para o mesmo lado? Pois não era melhor um para diante e outro para traz? E o nariz, o cançonetista o queria, na perna, na altura do bolso da calça, para que a gente se pudesse assoar com discreção.

Melhor proposta era a de um tipo que tomava rapé e lamentava que o nariz não tivesse buracos voltados para cima, porque assim seria mais facil entupi-los.

Deixemos, porém, esses projetos de reforma e ponhamos aqui um ponto final.

Os frequentadores de conferencias já hão de ter notado que nós todos que as fazemos temos um costume: reservamos para o fim uma tirada sentimental.

Quando o auditorio, que nos conhece as manhas, vê que começamos a deitar emoção, percebe logo: está para acabar...

Pois bem: vamos hoje terminar sem isso, um pouco bruscamente. Em vez de terem outras emoções, tenham apenas esta: a de se verem livres de mim.

F A C E I R I C E S

*(Conferencia feita no Salão do
Jornal do Comercio).*

A CONSTITUIÇÃO Federal, no mais solene dos seus artigos, começa declarando que todos os cidadãos têm o direito de só fazer o que por lei lhes fôr determinado.

Ha muito tempo que eu tinha duvidas sobre a seriedade deste artigo. Agora, porém, tenho a certeza de que ele não vale nada.

E a prova é que eu estou aqui.

Correndo as ordenações do Reino, o novo Codigo Civil, a legislação federal e municipal, compridamente verifiquei que não havia texto algum legislativo que me forçasse a vir hoje aqui ocupar-vos a atenção.

Mas a organisadora desta reunião me declarou que eu era perfeitamente livre de fazer o que quizesse. Ela estava neste ponto de inteiro acordo com a Constituição Federal. O que havia, porém, é que me era licito fazer o que quizesse, contanto que quizesse o que ela queria. E como ela queria uma pequena conferencia, não ha remedio sinão fazê-la.

Conferencia não é bem o nome.

Em certos espetaculos teatrais, antes da principal peça, que se vai representar, ha, ás vezes, uma pecinha em um ato, leve, insignificante, futil, que serve apenas para entreter os que chegaram cedo, até dar tempo a que se encha o salão: é o que se chama em francês, o *lever de rideau*.

O *lever de rideau* desta reunião serão as futilidades com que vos ocuparei.

Futilidades — não pelo assunto, mas pelo modo por que eu o tratarei. Moralistas austeros consideram futeis os varios artificios de embelezamento das mulheres. E', porém, ou um erro, ou uma hipocrisia. Não ha assunto mais sério.

Voltaire disse uma vez que nada é tão necessario como aquilo que se chama, em geral, o superfluo: *le superflu, chose très nécessaire*. Mas o embelezamento feminino nem ao menos é superfluo: é uma necessidade e um dever.

Não vai nisto o desejo de fazer uma justificação amavel dos habitos femininos. E' preciso partir deste ponto de vista: só ha no mundo um assunto essencial para a ciencia e a arte. E esse assunto é a Mulher.

Si a humanidade tivesse de acabar amanhã, seria uma tolice que perdessemos tempo a fazer ciencia ou arte. Haveria apenas que aproveitar os nossos ultimos momentos ou no prazer para os descrentes, ou nas orações para os crentes.

Mas, si a humanidade tende a durar, é por meio da Mulher. Os homens não aprenderam o segredo de Ju-

piter, que tirou uma filha da cabeça. Continuam a precisar do concurso feminino. E, assim, a Mulher é o assunto essencial da ciencia e da arte, é a razão de ser de toda a atividade humana.

Todos os meios, portanto, de que ela queira servir-se para fazer nacer e durar o amor serão meios dignos de estudo. Porque o amor é a base de todas as ciencias, a ciencia fundamental; a base de todas as artes, a arte fundamental.

Pensai no que se poderia notar si nós que aqui estamos conseguissemos fazer reviver todos os nossos antepassados. Que imensa diversidade de sentimentos! Cada um manifestou durante a vida ideias e predileções diferentes. Houve os bons e houve os máus, os honestos e os deshonestos, os placidos e os colericos, os avarentos e os generosos... Tudo! Tudo! De antemão, porém, nós temos a certeza, de que o unico sentimento identico que todos manifestaram, ao menos uma vez na vida, foi o amor. E a prova é que nós estamos aqui. A cadeia dos seres vivos, si desde a mais remota antiguidade até hoje nunca se interrompeu, foi porque os nossos antepassados souberam amar.

E pois que a faceirice é um encaminhamento para o nascimento e a conservação do amor, a faceirice constitue uma cousa essencialmente séria.

Renan, que nunca pretendeu fóros de D. Juan, de conquistador, escreveu serenamente: "A mulher, enfeitando-se, cumpre um dever; ela pratica uma arte, arte delicada, que é mesmo, até certo ponto de vista, a mais encantadora das artes. A *toilette* feminina, com os seus

refinamentos, é, a seu modo, uma grande arte. Os seculos e as nações que sabem chegar a ter exito nela, são grandes seculos, grandes nações." (1).

Quando qualquer religião quer mostrar o seu valor, tem sempre duas preocupações: alegar a sua antiguidade e os seus martires. Catolicos e judeus, budistas e maometanos todos procuram prender-se a uma antiquissima revelação e todos nos dizem que, si muita gente sacrificou a vida por certas crenças, elas provam como são dignas de respeito.

Ora, não ha religião alguma tão antiga como a faceirice. Não ha tambem nenhuma que tenha tido e continue a ter tantos martires.

E' admiravel, que, quando se sabe de um artista que ele passou cinco ou dez anos a trabalhar em uma obra de arte, se professe por ele um grande respeito, e quando se sabe de uma mulher que passou a vida inteira a velar pela sua beleza, polindo-a, exaltando-a, conservando-a, religiosamente, o assunto faça antes sorrir.

A antiguidade da faceirice é atestada por este fato incontestavel: o enfeite naceu antes do vestuario. Tribus selvagens em que ninguem se vestia já se enfeitavam.

O vestuario primitivo não foi uma protecção ao corpo sobre o qual se collocaram depois os enfeites. Os enfeites é que degeneraram em vestuarios.

O homem enfeitou-se, primeiro; vestiu-se, depois.

O negro africano, mais rude, mais brutal, vivendo

(1) RENAN — *Marc-Aurèle*, pag. 554.

inteiramente despido, quando não pôde fazer outra coisa, faz tatuagens no rosto: dá cortes em varias direções. Esses cortes que nós d'antes ainda aqui viamos em negros e negras Minas, lhes parecem muito bonitos.

Questão de gosto. Mas questão de gosto, que demonstra como o desejo de enfeitar-se é antigo.

Na escala animal, conhecem-se varios seres, principalmente entre as aves, que, em certa época do ano se fazem naturalmente belos. E' a muda, a época do amor. A plumagem velha cai, transforma-se, torna-se bonita.

A especie humana que não tem esse dom natural, precisa lançar mão de recursos artificiais. E, por isso, se pinta, de branco, com o pó de arroz, de amarelo com o ocre, de preto, com a tinta de genipapo; põe brincos nas orelhas, ou argolas nas narinas ou rodela de osso nos labios, como os Botocudos. Mas o interessante a notar nesse caso é a ansia incessante de modificar a forma do rosto ou do corpo, de atraír a atenção para certos pontos.

Um fato digno de nota é que nos povos primitivos são em geral os homens que mais se enfeitam. E o caso se explica. Eliseu Reclus escreve: "nessas sociedades violentas em que cada mulher achava um homem que a conquistasse, todas tinham certeza de se tornar esposas, enquanto o homem, muitas vezes suplantado por outros raptadores de mulheres, arriscava-se a ficar muito tempo sem companheira. Era-lhe necessario agradecer e fazer-se desejar, custasse o que custasse. Do mesmo modo que o galo arvora uma crista vermelha e pintalga a cau-

da com penas multicores, o homem (*le mâle humain*) procura tornar-se bonito por pinturas de ocre, de urucú, de genipapo, franjas e estofos brilhantes, azas de aguias, garras de animais, cabeleiras de inimigos vencidos, tatuagens e cicatrizes." (2).

Mas a situação mudou. E como hoje, na nossa civilização, é a mulher que corre maior risco de passar uma existencia solitaria, é ela que mais se enfeita. E a verdade é que, passando do homem para a mulher, a faceirice tornou-se não só uma arte como o resumo de todas as artes. A faceirice feminina é pintura, é escultura, é literatura... é tudo emfim.

Talvez a primeira arte a que a mulher tenha pedido seus recursos fosse a escultura. Não faltaram povos que procuraram modificar a fôrma das cabeças das creanças, desde que elas nasciam.

Mas a pratica escultural mais interessante que se conhece era a de certos povos do Caucaso. Quando a mãe tinha uma menina, cozia-lhe aos pulsos e aos tornozelos, pulseiras de um couro fortissimo. No momento em que isso se fazia, as pulseiras estavam folgadas. Mas elas não se tiravam mais. E, como eram de couro excelente, só vinham a cair quatro ou cinco anos depois. O resultado é que os braços e as pernas se desenvolviam, deixando, porém, os pulsos e os tornozelos muito finos. E era isso o que se procurava. Hoje, ainda, nada ha que em geral mais se aprecie que a delicadeza do que os franceses chamam *les fines attaches*. A gente do Cau-

(2) *L'Homme et la Terre* — I, 243-244.

caso fazia essa obra de estatuaria na carne viva das creanças, delicada e eficazmente.

E' uma obra de estatuaria a que fazem as chinas, deformando os pés para torná-los pequenos. Desde que a creança nasce, dobram-se-lhes os dedinhos para baixo da sola e amarram-se em compressas que são constantemente embebidas em alcool — alcool de *sorgho*. Impede-se, assim, o mais possível, o respectivo desenvolvimento. O pé fica com a pele esbranquiçada, como a desses fetos, que se vêem nos museus, boiando dentro dos bocalis cheios de um liquido antisético.

Para nós, eles são horríveis. Para os Chineses são lindos, são adoráveis. Pouco importa, porém, a nossa opinião. O que se deve atender é a esse formidável sacrificio de trazer os pés, de conserva em alcool, durante perto de vinte anos, só para que eles tenham uma certa fórma. Obra de escultura.

Baudelaire, o grande poeta francês, filiava também á escultura, de um modo extranho, o uso do pó de arroz: “Quem não vê, dizia elle, que o uso do pó de arroz tão estupidamente amaldiçoado pelos filosofos ingenuos, tem como fim e como resultado fazer desaparecer da cutis todas as manchas que a Natureza nela semeou, e crear uma unidade abstrata na granulação e na côr da pele. Essa unidade, como a que se obtem com o maillot, aproxima o ser humano das estatuas — das estatuas que são sêres divinos e superiores.” (3)

(3) Citado por O. UZANNE — *Les artifices de la beauté* — pag. 10.

E' um ponto de vista aceitavel. Mas a verdade é que o pó de arroz está no meio do caminho entre os recursos que a faceirice tomou á escultura e á pintura.

Ele teve sempre fieis, que não lhe abandonaram o culto nem na hora da morte. Durante a Revolução Francesa muitas fidalgas condenadas foram para a guilhotina rigorosamente cobertas de pó de arroz.

Mas para imitar a alvura marmorea das estatuas, as mulheres, durante um tempo em que a palidez foi de grande móda, empregaram varios outros processos, muito mais crueis: alimentavam-se mal e de cousas indigestas, faziam sangrias. Para ter as mãos muito brancas algumas chegaram a dormir com as mãos amarradas para cima! Era um meio de entrar a circulação e tornar, portanto, as mãos anemicas.

Os recursos que a faceirice pediu á pintura são tambem evidentes. E sem ir ás epocas selvagens, ao urucú e ao genipapo, basta lembrar a importancia do carmim.

Tambem contra ele os moralistas têm trovejado. Trovejado inutilmente. Ele só é mau, quando mal aplicado. Mas isso acontece a tudo.

Evidentemente, si uma pessoa de côr preta se empoeira de pó de arroz, branco, parece uma cosinheira que fugiu da cosinha muito suja ainda de cinza, e, uma mocinha muito magra, si pinta as faces muito vivamente, dir-se-ia uma tuberculosa, ardendo em febre. Isso não prova que o carmim bem aplicado, fazendo realçar belezas naturais, não seja legitimo. Grandes ho-

mens, bem sérios, bem energicos apreciaram-no e até o empregaram.

Napoleão I, que durante muito tempo usou do pó de arroz, achava o carmim tão necessario que a uma senhora que se lhe apresentou sem ele, disse brutalmente: “Vá se pintar. Está como um cadaver”

Isso prova que era com o seu pleno assentimento que sua primeira mulher, Josephina, chegou a gastar, em um ano, 22.000 francos (ao cambio atual 15:400\$) só em carmim!

Napoleão comparava uma mulher sem carmim a um cadaver; mas é bom não esquecer que no seculo 18 não se deixava um cadaver feminino de bom tom ir para a sepultura sem pintá-lo convenientemente.

E, si isso parece futil, póde dizer-se que o carmim tem, no seu ativo, feitos heroicos. Muitas vezes, os proprios homens condenados á guilhotina pintavam-se de carmim. Havia, porém, aí um intento nobre. Eles recebiam que a palidez parecesse aos espectadores medo. E como não desejavam ser tidos por medrosos, avermelhavam as faces. Era um protesto da inteligencia e do caráter contra as possiveis fraquezas do organismo.

A verdade, porém, é que nessa época o uso do carmim parecia tão natural, que até uma doente de boa aristocracia, preparando-se para receber o padre que lhe devia trazer a extrema-unção, pintava-se.

Conta-se, por exemplo, que foi isso o que fez uma celebre Duquesa de Fallary. Mandou chamar o padre, depois de convenientemente carminada e polvilhada de

pó de arroz. Quando o sacerdote chegou, a criada anunciou á porta do quarto:

— Senhora Duqueza, o bom Deus está aí. Póde entrar? Ele deseja a honra de vos ser ministrado (4).

Eram tempos ceremoniosos e polidos. A Duqueza concedeu ao bom Deus a honra de lhe ser ministrado e o bom Deus, em compensação, deixou-a certamente ir para o céo. Foi pelo menos o que lhe prometeu o padre, absolvendo-a dos seus pecados.

Vê-se bem, entretanto, que esse padre não pensava como S. Cipriano. S. Cipriano assegurou que as mulheres que se pintam irão para o inferno, “porque, diz ele, Deus não as poderá reconhecer.” O argumento é forte demais, porque prova nas mulheres uma habilitadê tão grande que chega a enganar o proprio Deus! (5) E isso francamente eu não acho impossivel...

O argumento de S. Cipriano foi muitas vezes retomado, embora com certas modificações, por varios prégadores. Assim, por exemplo, um grande prégador, Berthold, dizia: “Pois que as mulheres querem esconder o rosto que Deus lhes deu — o bom Deus ha de lembrar-se das que se envergonharam com a obra que ele fez e atirará no inferno todas as mulheres que se pintam.” (6)

Mas já outro padre celebre, o padre du Bosc, escrevia no seculo 17º, censurando o abuso das pinturas — o

(4) G. DÉRYs — *Les grandes amourecuses* — IX série, pg. 261.

(5) Cit. por L. BOURDEAU. — *Histoire de l'habillement et de la parure* — pg. 135.

(6) BOURDEAU — op. cit., pag. 137.

abuso e não o uso: “é preciso, entretanto, não proibir inteiramente o ornato e o estudo para os rostos, pois que de tempos a tempos caiam-se as paredes e todas as manhãs engraxam-se os sapatos...” (7)

Este padre podia escolher comparações mais amáveis. Mas, com anátemas truculentos ou com metáforas acomodaticias, chega-se sempre ao mesmo resultado: as mulheres fazem o que querem!

E’ mesmo interessante ver como neste capitulo da faceirice elas conseguem enganar os maiores santos. Não ha talvez disso um exemplo mais engraçado que o do uso do chapéu nas igrejas.

S. Paulo proibiu ás mulheres que entrassem nas igrejas sem ser cobertas. Era um desafôro; não era um privilegio. Ele as achava indignas de aparecer diante de Deus, sem ser humildemente cobertas. Só os homens tinham o direito de fitar as imagens do Senhor, face a face, com a cabeça livre. (8).

No correr dos tempos, isso, porém, se transformou de tal modo que as mulheres fizeram do seu estigma uma regalia. Elas entram audaciosamente nas igrejas, com os seus magnificos chapéus, e nós homens, temos de entrar humildemente, com o chapéu na mão.

Si não se tratasse de um tão grande santo, eu diria

(7) BOURDEAU — op. cit., pag. 138.

(8) E’ curioso lembrar que no interior do Brasil parece que se conservaram melhor os ensinamentos de S. Paulo: as mulheres, que vão até á porta das igrejas com os seus chales sobre os hombros, têm o costume de cobrir as cabeças com eles assim que penetram nos templos. Ha nisso, de certo, uma reminiscencia de velhos tempos.

que S. Paulo foi literalmente embrulhado... E por isso não me parece impossível que, no fim de contas, não só, a despeito de S. Cipriano, as mulheres pintadas vão para o céu, como até — são bem capazes disto — não deixem lá entrar os que não se pintam.

Infelizmente, pelo destino que me está assegurado, eu não poderei verificar esse fato...

Como o tempo do meu *lever de rideau* deve ser muito breve, eu quero apenas vos lembrar tres ou quatro fatos que provam, como a faceirice sobrepuja até o instinto de conservação.

E' frequente que nos contem com admiração o caso de santos que, indo para o lugar em que deviam ser sacrificados, não esqueciam até o ultimo momento de proclamar a sua religião.

Pois a faceirice tem nesse genero um numero infinito de exemplos a alegar. Exemplos anonimos e exemplos illustres.

Madame Fry, uma inglesa que visitava profissionalmente as prisões de Londres, conta a esse respeito um fato bem significativo.

Na Inglaterra, enforcam-se correntemente muitas mulheres criminosas. Não se faz como na França, onde em tempo de paz é regra que se comute para a de trabalhos forçados a pena de morte das mulheres.

Na Inglaterra a pena é cumprida. O sistema, porém, consiste no enforcamento. Mas a forca não tem a fórma que nós em geral conhecemos: um alto estrado, ao qual se sóbe por uma escada e do qual fica o corpo pendurado.

Na Inglaterra a forca fica no interior da prisão. Leva-se o condenado até certo ponto. Amarram-se-lhe as mãos, passa-se a corda em torno do pescoço. E, de repente, a um sinal, no soalho da sala em que estão todos os assistentes, abre-se um alçapão debaixo dos pés do condenado e ele fica pendurado pelo pescoço.

Tudo isso se passa, aliás, diante de quatro pessoas: o diretor da prisão, o carrasco, o padre e um medico, que deve verificar o obito.

Nenhuma publicidade. O povo sabe apenas que se enforcou alguém em qualquer prisão de Londres, porque se içava uma bandeira preta. Pois bem. Madame Fry, que tem por missão ir prestar socorros religiosos ás condenadas, assegura que todas elas tem a preocupação do vestido com que serão enforcadas. Algumas mandam pedir ás familias um vestido especial! E tudo isso para morrer — e para morrer diante de uma assistencia de quatro pessoas.

Anteriormente eu lhes falei das fidalgas que no tempo da Revolução Francesa se faziam empoar e pintar para ir á guilhotina. Ha um caso interessante desse genero na historia de Inglaterra. E' o caso de Maria Stuart.

Condenada á morte, ella teve de ser decapitada.

Os condenados á decapitação ajoelhavam-se e deitavam a cabeça sobre o cêpo. O carrasco, com um golpe certo, cortava-lhes o pescoço.

Depois, mandava a lei, o carrasco devia apanhar a cabeça cortada pelos cabelos e mostrá-la ao povo, para que visse bem que a sentença tinha sido cumprida.

Maria Stuart, ao que dizem as crônicas, era uma bela mulher. Veio, majestosa e serena, estendeu o pescoço e o carrasco pôde sem dificuldade cumprir o seu triste dever. A cabeça rolou.

Quando, porém, o executor se abaixou para tomá-la e mostrá-la ao povo, sucedeu uma cousa ridícula e horrível. Maria Stuart estava de cabeleira. A cabeleira ficou nas mãos do carrasco e a cabeça rolou por terra com um baque surdo. Foi preciso que o carrasco a tomasse com as duas mãos, apertando-a de um e outro lado, á altura das orelhas, e a apresentasse: era uma cabeça grotesca, porque Maria Stuart usava o cabelo cortado á escovinha e esse mesmo estava já grisalho (9).

Mas até á morte ela não esquecera os requintes da faceirice, desde a correção da roupa até a cabeleira.

Ainda na historia de Inglaterra ha, porém, o fato mais espantoso de faceirice que se possa imaginar.

Catarina Horward, uma das mulheres de Henrique VIII, foi condenada á morte. Condenada com tanta justiça, que ela mesma o reconheceu. Era uma mulher grande, forte, bonita. Tinha o andar grave, majestoso, solene.

Tambem ela teve de ser decapitada. Na véspera da sua execução mandou chamar o carrasco, pediu-lhe que trouxesse o cêpo e ensaiou, — ensaiou seguindo os con-

(9) COMTE ANTOINE DE SAPORTA — *Les artifices de toilette* — *Revue des Deux Mondes*, de 15 de abril de 1902, pg. 901. Henri Robert, o grande advogado francês, escreveu sobre Maria Stuart e não mencionou este fato. Respondendo a uma carta minha, ele disse não ter encontrado em parte alguma menção dele.

selhos dele — o melhor modo de pôr a cabeça, de maneira que, sem comprometer a elegancia dos gestos, podesse entregar gentilmente o pescoço ao machado do carrasco.

E' um episodio unico na Historia: fazer um ensaio geral de morte como se faz o ensaio de uma peça de teatro. Que esse ensaio tenha sido um pedido da viti-ma, só para não comprometer a beleza dos seus ademanes, parece um assombro inexcedivel.

No entanto, talvez ele tenha sido ultrapassado.

Catarina Horward estava condenada á morte. Com ou sem elegancia, tinha de cair sob o machado do carrasco. Mas Beatriz Cenci parece ter-se deixado condenar só para salvar a beleza dos seus cabelos.

Antes de vos referir o seu caso, deixai lembrar-vos que os cabelos têm sido uma das grandes fontes de martirio da humanidade.

Durante o seculo XVIII, os penteados que as elegantes faziam eram tão complicados, que pediam um trabalho enorme. Não se podiam repetir todos os dias. Por isso, para não comprometer essas maravilhas de arquitetura capilar, as mulheres não se deitavam: dormiam, sentadas em cadeiras!

As senhoras chics do seculo XVIII, quando, na França, estiveram em moda esses penteados e elas tinham de sair de liteira ou de carro, iam de joelhos, no chão do carro com a cabeça inteiramente para o lado de fóra, porque as liteiras e os carros não eram bastante altos.

Pode-se bem dizer que Maria Antonieta foi guilho-

tinada por causa desses penteados. De fato, quando ela teve de fugir com o Rei, o cortejo se atrazou, porque a rainha não quiz tomar o carro, sem que o seu cabeleireiro chegasse... Daí toda uma série de consequencias, que terminou pela sua volta a Paris, sua prisão, sua execução.

Pensai no suplicio das elegantes japonesas, cujo penteado é tambem complicadissimo e que para o não comprometer dormem apoiadas em um travesseiro de madeira, que lembra a fórma das cangas de bois. Elas pousam aí o pescoço, para que não se estrague o penteado!

Beatriz Cenci pertenceu a uma nobre familia italiana. Em certa ocasião, o pai dela appareceu assassinado de um modo barbaro: tinham-lhe enterrado dois prégos, um em cada um dos olhos!

O pai era um bandido, um monstro, autor de numerosos crimes.

Acusaram a familia dos Cenci de ser a mandante desse assassinato. Beatriz, seu irmão, sua mãe — todos foram presos.

Nesse tempo, quando não havia provas e um condenado se obstinava a jurar sua innocencia, não o executavam. Prendiam-no e submetiam-no, de tempos a tempos, a torturas diversas para ver si ele se decidia á confissão.

A familia Cenci esteve assim mais de ano, presa á ordem do Papa, para se averiguar a autoria do crime. Muitas vezes as torturas eram tão barbaras que os innocentes preferiram se acusar de crimes que não tinham

cometido só para escapar a sofrimentos peiores que a morte. Foi o que succedeu ao irmão mais moço de Beatriz Cenci, cuja innocencia — depois de sua morte — ficou irrefutavelmente provada.

Submetida á tortura, não uma, nem duas, mas dezenas de vezes, Beatriz jurou sempre que era innocente. Mostrou uma coragem sobrehumana. Todo o resto de sua familia cedeu, acovardou-se, confessou — ou por ser verdade ou para fugir ás torturas. Beatriz resistiu.

Um dia, porém, quando lhe iam aplicar mais uma tortura, o carrasco quiz para isso cortar-lhe os cabelos. Eram longos cabelos louros, celebres pela sua beleza. Eram cabelos soberbos.

A moça, que, com verdadeiro heroismo se submetera a tudo, não suportou essa injuria. Disse ao carrasco:

— “Mata-me, mas mata-me inteira.”

E confessou tudo o que quizeram, só para salvar os seus cabelos louros.

Em Roma, ninguem acreditou na sua confissão. Mas apesar disso ela foi executada (10).

Vitima da faceirice...

Mas si a faceirice tem assim tantos crentes e tantos martyres, si é assim a mais antiga das religiões e a que faz maior numero de vitimas, por que considerá-la uma cousa futil e risivel?

Um poeta francês, André Spire, deu ás mulheres um

(10) *Tour du Monde* — 1868 — II, pag. 398.

bom conselho. Ele lhes lembrou que elas não são proprietarias da sua beleza.

A beleza das mulheres belas é uma cousa que se vem fabricando ha dezenas, ha centenas, ha milhares de seculos. Pouco a pouco, se tem polido, aperfeiçoado, exaltado, atravez de todos os estadios da civilização. As mulheres de hoje recebem esse dom de tantos seculos, como um deposito sagrado que devem conservar e transmitir.

Não têm o direito de não zelar por ele. As que não se enfeitam, as que não procuram mostrar-se dignas do presente divino que receberam, usando para isso de todos os recursos da faceirice — essas sim, são verdadeiras criminosas!

Ha quem diga que esses recursos visam enganar. Enganar quem? Os homens. Mas os homens não pedem outra cousa. Nós vivemos de ilusões? Tudo está em saber dá-las com perfeição.

E si, por exemplo, agora, vós quizerdes me dar a ilusão de que eu não vos enfadei muito, mesmo sabendo que buscais enganar-me, eu vos agradecerei essa generosa, essa misericordiosa intenção.

S A L O M E'

*(Conferencia feita em um curso
de declamação).*

QUANDO a diretoria deste curso me manifestou o desejo de que eu aqui fizesse uma conferencia (ha desejos que se parecem muito com ordens) respondi imediatamente, conformando-me. Eu tenho uma deploravel tendencia a dizer "sim" ao que me pedem.

Conta-se de um rei de Espanha, que, notando as numerosas imperfeições do mundo, declarou lastimar não ter estado presente quando Deus fez a criação, porque poderia ter-lhe dado alguns bons conselhos. O rei foi excomungado por isso.

Por mim, já excomungadissimo por outros motivos, e que, portanto, não corro mais igual perigo, tambem diria o mesmo.

Deveras, porém, creio que só daria a Deus um conselho: que ele não fizesse o mundo. Para que?! Pois si ele tinha vivido tão quietinho até ali, para que comprar complicações? Só a massada de ouvir, a todos os momentos, a infindavel série dos que se queixam e dos que lhe pedem coisas muitas vezes absurdas, é um aborrecimento

formidável. E, mostrando-lhe isso, eu lhe diria como amigo:

— Não faça nada, Padre Eterno! Você não imagina como é fácil, em vez de fabricar um universo ruim e mal acabado, não fazer nada, nada, absolutamente nada!

Não sei si ele me atenderia... Não creio, porque ele é teimoso e, já podendo ter acabado com tudo isto — com as nebulosas, vestidas de gaze como dansarinas; com as estrelas, procurando vaidosamente dar na vista; com os planetas, rodando sobre si mesmos e em torno dos sóes, nem ao menos sabendo passar da valsa ao fox-trott; com os cometas, vagabundos malucos, agitando grandes cabeleiras, como as dos velhos poetas românticos — podendo ter acabado com este universo tão mal arranjado, o Padre Eterno deixa, entretanto, que tudo continue.

Mas si, antes do meu nascimento, ele me tivesse perguntado si eu queria ser homem ou mulher, eu insistiria em ser mesmo homem. Não é que eu deixe de reconhecer, em face da Mulher, a inferioridade do bicho que se chama homem. Mas, como mulher (e sobretudo si fosse uma mulher bonita), eu me desmoralizaria, em muito pouco tempo. Com a deplorável tendencia a aceder a tudo o que me pedem, os homens me pediriam muitas cousas — sei lá o que eles pediriam! — e eu lhes iria fazendo as mais inconvenientes concessões. A tudo que quizessem iria respondendo sim, sim, sim... Figurem onde isso me levaria!

Quando, porém, aceitei a idéa de fazer aqui uma palestra, foi porque me lembrei que, em tempos idos, pensara em realizar uma sobre certo assunto, que me

pareceu proprio para um curso como este. Os cursos, como este, estão em véspera de converter-se em instituições de calamidade publica; são perigosas chocadeiras de recitais. E o recital — ninguém ignora — é uma molestia, que está grassando com intensidade epidemica pavorosa.

Todos sabem que os medicos, embora adstritos ao segredo profissional, reconhecem que diante de certas doenças muito graves, muito perigosas, o segredo cessa e é dever chegar á notificação compulsoria. Assim, o medico que trata um caso de variola, de febre amarela, de peste, deve annunciá-lo ás autoridades. E' obrigatorio.

Com a "recitalite" succede o mesmo. Ela é tambem de notificação compulsoria: tem por força de aparecer nos jornais. Compulsoria — e agressiva. Lê-se a noticia, e a ida ao recital é muitas vezes obrigatoria.

O que se acha de grave na patologia dessa molestia é o seu modo de propagação. Ha, de fato, entre as doenças de notificação compulsoria algumas que são transmitidas por mosquitos, como a febre amarela, por grandes moscas, como a doença do sono, por pulgas, como a peste. A *recitalite* se comunica pela Mulher. Isso lhe agrava extraordinariamente o caráter morbido.

Afrontando, porém, esse perigo, eu pensei, certo dia, num assunto possivel para em torno dele se gruparem numerosas recitações de poesias. A conferencia, em si mesma, nem mereceria esse nome, seria apenas um fio, no qual se ensartariam missangas grosseiras e pe-

rolas finas. O fio, esse, poderia ser de baixa qualidade, porque ninguém o veria.

E' o que vai succeder. O peor apenas é que, para estragar o meu primitivo plano, serei eu mesmo, que lerei as poesias que tenho de citar.

Ha um assunto que passou a ser muito frequente na poesia moderna: Salomé. Não se imagina o que tem soffrido essa pobre rapariga, graças a poetas e prosadores, até a pintores e escultores.

Conta-se que em uma redacção de jornal se annunciou, certo dia, a nomeação de um ministro. "Que se poderia dizer contra ele?" perguntou alguém. E, lastimoso, communicou que se tratava de pessoa, que até então vivera obscuramente e, portanto, não tinha dado motivos para criticas. Outro, porém, fez ver que exatamente isso era um ideal, porque, assim, livre ficava a cada um imaginar tudo o que quizesse. Quando se inventa qualquer coisa contra alguém conhecido, é ás vezes facil desfazer a invenção, porque esta tem de se referir a algum tempo certo, a algum lugar certo. E o acusado pode demonstrar que exatamente nessa época estava fazendo outra coisa ou que se achava em lugar muito diverso. Mas, si se trata de algum desconhecido, que testemunhas pode dar, testemunhas conhecidas, dignas de fé, que convençam o publico de que ele estava em outro ponto, fazendo outra coisa?

As pessoas em evidencia atraem maior numero de caluniadores; mas, em muitos casos, têm tambem a vantagem de poder desfazer as calunias mais facilmente. As pessoas de um passado obscuro, em regra não são

tão caluniadas, mas, si alguém inventa contra elas falsidades, estas, por assim dizer, “pegam” mais facilmente.

Salomé — coitada! — é uma pobre rapariga em ultima analyse, obscura, porque, apesar de princeza, só se sabe dela um pequeno episodio: que, certa noite, dansou diante do padraсто, este ficou entusiasmado e disse-lhe que pedisse o que quizesse; ela hesitou; a mãe lhe aconselhou que reclamasse como premio a cabeça de João Batista. Obediente, ela pediu. O padraсто concedeu. E, pronto, a rapariga, que emergira de um profundo animato, nele mergulhou de novo, logo apoz.

Quando se achou a cidade de Pompeia, sepultada havia mais de 2.000 anos sob as lavas do Vesuvio, as excavações puzeram a descoberto a sepultura de uma danarina. O epitáfio dizia apenas: “*Saltavit et placuit*” “Dansou e agradou.” Mais nada. Quem era? Como se chamava? Como viveu? Como amou? Como sofreu? Como morreu? Ninguem sabe... Sabe-se que dansou e agradou... E, entretanto, com essas tres palavras apenas, sua memoria — uma evocação leve, fugidia, graciosa, — chegou até nós e aqui estamos nesta sala a recordá-la.

Mas essa, ao menos, não foi caluniada, como Salomé.

A Biblia refere-se a Salomé em dois evangelhos: no de S. Mateus e no de S. Marcos. Este, que é mais prolixo, gasta com a pequena 7 versiculos. Tudo o que ha sobre o assunto é o que aí se encontra.

Herodes Antipas tinha, em certa ocasião, visto a

mulher do irmão que se chamava Herodias, e gostado dela.

Ela fez o mesmo com ele, e diante disso, o tetrarca a tomou. A operação foi tanto mais simples, quanto a mulher dele fugiu para a casa do pai.

João Batista, que andava então prégando, pôz a boca no mundo e por toda parte clamava contra o casamento de Herodes com Herodias, porque Herodes a tomára do irmão.

Veio o dia do aniversario de Herodes e ele deu uma grande festa. Foi a essa festa que Salomé compareceu. Foi nela que dansou. Dansou de tal modo que o padrasto se entusiasmou e disse-lhe que lhe daria o que ela quizesse, ainda que fosse a metade do seu reino.

Salomé devia ser uma pequena ingenua. Ficou tão atarantada com a oferta que nem soube o que pedir. Saiu da sala e foi consultar a mãe. Esta tinha sobejos motivos de rancor contra João Batista, que dela falava a cada instante. Insinuou por isso, á filha que pedisse a, cabeça do maldizente. E Salomé, obediente, assim o fez.

Partiu um criado para executar a ordem de degolação que o tetrarca tinha dado, a contragosto, só por obediencia á sua promessa. Quando voltou e entregou a cabeça cortada do santo á formosa dansarina, esta disse apenas ao criado:

— Dêem isso, aí dentro, a mamãi. — E não pensou mais no caso.

De Salomé, a partir d'aí, não ha menção alguma.

Nenhum misterio no motivo pelo qual Herodias quiz a morte de João Batista: a vingança.

A vinte seculos de distancia, nós podemos com imparcialidade dizer que essa vingança era legitima. Porque afinal S. João Batista não precisava andar falando mal daquela senhora. Para que ocupar-se com a vida alheia?

E' certo que Herodes tomara a mulher do irmão. Tudo, porém, faz crer que não houve quem não lucrasse nessa transação, porque Herodes declarava-se contente e passou a ter uma enteada encantadora, Herodias estava satisfeita. E o primeiro marido dela? Esse parece que foi quem mais ganhou, pois que, sendo tambem tetrarca, reinou nada menos de 37 anos.

Por fim, houve mais quem lucrasse com essa transação domestica e familiar: fomos nós, a quem esses quatro personagens forneceram um tema para versos, prosas, estatuas, quadros...

Flaubert foi um dos que o exploraram. Fez com isso um dos seus famosos *Tres contos*. Ha um momento em que ele descreve a dansa de Salomé:

“Mais il arriva du fond de la salle un bourdonnement de surprise et d'admiration. Une jeune fille venait d'entrer.”

“Sous un voile bleuâtre lui cachant la poitrine et la tête, on distinguait les arcs de ses yeux, les calcédoines de ses oreilles, la blancheur de sa peau. Un carré de soie gorge-pigeon, en couvrant les épaules, tenait aux reins par une ceinture d'orfèvrerie. Ses caleçons noirs

étaient semés de mandragores, et d'une manière indolente elle faisait claquer des petites pantoufles en duvet de colibri.

“Sur le haut de l'estrade, elle retira son voile. C'était Herodias, comme autrefois dans sa jeunesse. Puis, elle se mit à danser.

“Ses pieds passaient l'un devant l'autre, au rythme de la flûte et d'une paire de crotales. Ses bras arrondis appelaient quelqu'un, qui s'enfuyait toujours. Elle le poursuivait plus légère qu'un papillon, comme une Psyché curieuse, comme une âme vagabonde, et semblait prête à s'envoler.

“Les sons funèbres de la gingras remplacèrent les crotales. L'accablement avait suivi l'espoir. Ses attitudes exprimaient des soupirs, et toute sa personne une telle langueur qu'on ne savait pas si elle pleurait un dieu ou si mourait dans sa caresse. Les paupières entrecloses, elle se tordait la taille, balançait son ventre avec des ondulations de houle, faisait trembler ses deux seins, et son visage demeurait immobile, et ses pieds n'arrêtaient pas.

“Puis, ce fut l'emportement de l'amour qui veut être assouvi. Elle dansa comme les prêtresses des Indes, comme les Nubiennes des cataractes, comme les bacchantes de Lydie. Elle se renversait de tous les côtés, pareille à une fleur que la tempête agite. Les brillants de ses oreilles sautaient, l'étoffe de son dos chatoyait; de ses bras, de ses pieds, de ses vêtements jaillissaient étincelles qui enflammaient les hommes. Une harpe chanta; la multitude y répondit par des acclamations. Sans

fléchir ses genoux, en écartant les jambes, elle se courba si bien que son menton frolait le plancher. Les nomades habitués à l'abstinence, les soldats de Rome experts en débauches, les avarès publicains, les vieux prêtres aigris par les disputes, tous, dilatant leurs narines, palpitaient de convoitise.

“Ensuite elle tourna autour de la table d'Antipas, frénétiquement comme le rhombe des sorcières; et d'une voix que des sanglots de volupté entrecoupaient, il lui disait: — “Viens! viens!” Elle tournait toujours; les tympanons sonnaient à éclater, la foule hurlait. Mais le Tétrarque criait plus fort: “Viens! Viens! Tu auras Capharnaüm! la plaine de Tibérias! mes citadelles! la moitié de mon royaume!”

“Elle se jeta sur les mains, les talons en l'air, parcourut ainsi, l'estrade comme un grand scarabée; et s'arreta brusquement.

“Sa nuque et ses vertèbres faisaient un angle droit. Les fourreaux de couleur qui enveloppaient ses jambes, lui passant par dessus l'épaule, comme des arcs-en-ciel, accompagnaient sa figure, à une coudée du sol. Ses lèvres étaient peints, ses sourcils très noirs, ses yeux presque terribles, et des gouttelettes à son front semblaient une vapeur sur du marbre blanc.

“Elle ne parlait pas. Ils se regardaient.

“Un claquement de doigts se fit dans la tribune. Elle y monta, reparut; et, en zézayant un peu, prononça ces mots, d'un air enfantin:

“— Je veux que tu me donnes dans un plat, la

tête.. — Elle avait oublié le nom, mais reprit en souriant: — “La tête de Iokanaan!”

E’ uma descrição fantasista e brilhante, mas que, emfim, não atenta grandemente contra a verdade historica. Flaubert não pôz muito em realce o conselho de Herodias. Disse apenas que um estalar de dedos se ouviu na tribuna. Salomé subiu para ouvir e deceu logo apoz, pedindo a famosa cabeça. Não é bem o que está na Biblia, porque, segundo parece, Herodias não assistiu á dansa. Foi pelo menos fóra da sala da festa, segundo diz S. Marcos, que ela deu á filha o terrivel conselho.

Por si só, o prazer de descrever a dansa de Salomé tentou muitos artistas. Fagundes Varela já o tinha feito:

Os tangedores, avisados, rompem
nas mais doces e ternas harmonias;
os convivas levantam-se, surpresos:
derramam servos nos brazeiros ricos
perfumes sem iguais. Senta-se Herodes,
estremece Herodias. Entretanto,
escrava da cadencia, mas senhora
dos requebrados languidos meneios,
sobre as flores dos sericos tapetes,
mais ligeira que a leve borboleta,
mais bela que os espiritos errantes
que á noite brincam nos rosais cheirosos,
Ela volteia — a doida bailadeira!
Na dansa figurada, aos ageis passos
mistura os mais garridos movimentos,
os gestos mais lacivos. Arquejante,
ás vezes pára do salão no centro,
Suspira e cerra os olhos... vai, quem sabe,

sucumbir de cansaço! Mas engano!
 Reanima-se, ri, levanta os braços,
 flexível como a serpe encurva o corpo,
 e num rapido giro se aproxima
 do facinado Herodes, sacudindo
 sobre seus pés as rosas da grinalda,
 entre os aplausos mil dos assistentes.
 Depois, qual passarinho caprichoso
 que das nuvens decendo em tarde estiva
 modera o vôo quando a terra avista,
 ela os passos afrouxa, e segue a medo
 o mais lento tanger dos instrumentos.
 Imita a corça, quando, alegre, salta,
 quando corre veloz; e viva abelha
 sobre os lírios dos vales adejando,
 mimoso colibri quando descansa,
 tão leve, que não dobra das alfombras
 a mais delgada flor! Por largo tempo
 assim deleita a vista dos convivas.
 Ofegante, por fim, extenuada,
 faz um ultimo esforço e, mansamente,
 cai, petala de rosa, aos pés de Herodes.

Outro poeta, Araujo Filho, tambem se limita á des-
 crição da dança e ao pedido final:

Findo o giro enunciou alegre o seu desejo:
 — Quero num grande prato argenteo... Herodes susta
 A frase dessa boca esplendida e pagã:
 — Que queres tu, num prato argenteo, ó filha augusta
 da Judeia?!... E, radiante, entre um sorriso e um beijo:
 — Quero a cabeça de Yokanaan.

Alguns pensaram nas consequencias do ato.

D'Annunzio pintou Herodias, acabada a festa, in-
 sone, deitada no leito, olhando a cabeça cortada de João

Batista: vê-se-lhe o sangue derramado, a barba hirsuta, as palpebras ainda abertas e a boca, a boca que rugira tantos improperios contra ella, para sempre inerte:

Ecco sul piatto il capo del Battista
e il nero sangue e la gran barba irsuta
e le palpebre atroci ancora aperte
e le pupille orribili e la trista
bocca, che si gran ruggito avea, muta,
e la mascella leonina inerte.

E' pouco de crer que Herodias tenha tido o mau gosto de levar a cabeça cortada de João Batista para o seu quarto de dormir. Em todo caso, cumpre notar que, si levou, não é provavel que tenha tido a insonia que lhe dá o grande poeta italiano.

Henri Robert, o celebre advogado francês, mostrou, um dia, como se poderia defender Lady Macbeth, a heroína de Shakespeare, dos muitos crimes que praticou. E' que no tempo dela, assassinava-se com grande semcerimonia.

Nos de Herodias, mais ainda. Ninguem via com horror uma cabeça cortada. Era banal, era vulgar. As batalhas terminavam sempre por chacinas terriveis, e ella tinha assistido a diversas.

Pode-se, no emtanto, admitir a fantasia de outro poeta, um poeta francês, Louis Payen. Ele pinta Herodes, acabada a festa, tendo ficado só na sala imensa:

Hérode est resté seul parmi la salle immense.
La nuit féline boit le jour, et le silence
luxurieux descend dans les plis des tentures.

O Tetrarca, monòlogando, fala, mas fala, apenas em imaginação, a Salomé:

Salomé, tes yeux d'amour ont blessé mon cœur,
et je suis un enfant à genoux devant toi.

E vai por aí além, apaixonadamente, quando, subito, olha para a cabeça cortada e estremece de horror:

Le tétrarque sanglote à genoux. Ses mains froides
S'éplorent longuement vers les voûtes sonores.
Aureolée de sang, la tête aux cheveux roux
Laisse peser sur lui l'effroi de ses yeux mornes.
Ses lèvres sont fermées et les gouttes de sang
Roulent comme des pleurs sur la blancheur du cou.
Un à un, les flambeaux, s'éteignent. Tous les bruits
Meurent dans le silence, et quand la nuit descend,
Livide et lourde de remords parmi les salles,
Prostré sous le linceul des ombres colossales,
Hérode épouvanté frissonne dans la nuit.

Payen quer que Herodes estremeça de horror — o que é pouco provavel — por uma coisa tão simples. Mas, emfim, pode-se admitir sem muita inverosimilhança, porque, sozinho, seguindo um sonho da sua para uma cabeça morta, não podia deixar de ser um contraste horrivel.

Albert Samain, o fino, o delicado, o delicioso poeta francês, pinta, ao contrario, o tetrarca beijando freneticamente Herodias, diante da cabeça cortada de João Batista. Para a epoca, essa cena é talvez mais natural. Calara-se emfim a boca maldita que contra eles vivia prégando, difamando-os. A cabeça de João Batista para Payen é um contraste horrivel entre o sonho, que o te-

trarca estava sonhando, e uma realidade pelo menos repugnante; para Samain é um excitante delicioso. A verdade é provavelmente que tenha sido uma coisa indifferente.

Em nenhum desses autores ha, porém, a difamação de Salomé.

Quem desencadeou sobre essa pobre pequena uma torrente de calunias foi o desequilibrado escritor inglês Oscar Wilde. Figurou que Salomé estava apaixonada por João Batista. Quando a cabeça veio no prato de oiro, Salomé atirou-se a ela e começou a beijá-la freneticamente na boca.

A hipótese da paixão é absolutamente destituída de qualquer indicio de verdade. A cena do beijo, profundamente repugnante, só se conceberia em uma mulher tão degenerada como Wilde.

Mas os que começaram a attribuir a Salomé uma paixão absolutamente inverosimil não faltaram desde então.

Henri de Régnier, o grande poeta francês, não afirma nada. Dirige-se a Salomé e pergunta-lhe por que razão quiz ela se cortasse a cabeça de S. João Batista, si foi para saber enfim que se calara a voz aspera e feroz, ou para ver si, ao contacto do beijo que ela lhe deu, o profeta estremeceria de prazer:

Alors, pourquoi voulûtes-vous, ô Salomé,
 Que, du tronc nu, roulât le chef inanimé?
 Fût-ce afin que se tût la voix âpre et farouche?
 Ou pour voir si, parjure à ses rêves divins,
 Ne tressaillirait pas, au feu de votre bouche
 La tête aux yeux fermés qui saignait en vos mains!

Régnier aceita, portanto, a afirmação absurda de que a pequena beijou a cabeça cortada, quando o Evangelho diz que ela não lhe ligou a menor importancia: vendo-a, mandou entregá-la á mãe. E não houve mais nada. Quanto á causa do ato, a Biblia a dá tambem: Salomé cedeu ao pedido materno, perfeitamente explicavel.

Mas como todos os poetas que se decidiram a cantar Salomé parecem ter jurado que deixariam de margem os Evangelistas, Eugenio de Castro pintou a cena diferentemente.

A poesia de Eugenio de Castro é, a meu ver, uma das mais belas da lingua portuguesa. Ela começa descrevendo uma lição de dansa da professora de Salomé. Diz depois que um leão morrera e na sua jaula haviam posto João Batista:

Na jaula do leão que morreu, João Batista,
a rugir como um leão, passa as noites e os dias...
Sua voz augural, inflamada, contrista
é aperta sem cessar a alma de Herodias.
Moreno como o bronze, os cabelos crecidos,
olhos doidos, febris, cheios de maldições,
seus sonoros rugidos
fazem tremer de susto os outros leões!
Todos receiam de passar diante dele,
e si alguém passa, é a fugir, em doido anseio;
só Salomé, a princezinha imbele,
se aproxima da jaula, sem receio...
E João, que, para os outros, é feroz,
é para ella um docil cordeirinho:
muda o olhar de ferro em doce olhar d'arminho...
mal a vê, amacia a rude voz,

ainda mais do que amava o leão que lhe morreu .

Salomé ama João .

Passa horas sem fim, cheia de comoção,
a ouvi-lo discorrer sobre Jesus e o Céu...

Logo pela manhã, leva-lhe de comer,
iguarias sensuais, dignas de grandes reis,
dá-lhe flor's a cheirar e vinhos a beber,
— e até lhe deu um dos seus fulgidos aneis...

E o austero Precursor, o filho de Isabel,
que andava nú ao sol, mastigando raizes,
ama perdidamente o delicado anel
cuja pedra lhe doira as noites infelizes...

No dia dos seus anos,

Herodes, p'ra aquietar seu triste coração,
convidou os vizinhos soberanos
e deu-lhes um festim de humilhar Salomão.

Depois de uma descrição do banquete, Eugenio de Castro passa á descrição da dança, que eu considero uma maravilha :

“...ao fundo,

aparece, dansando, a linda Salomé.

Um zaimph lunar, leve como um perfume,

cinge-a, deixando ver sua nudez morena,

céga dos seus aneis, o precioso lume,

e em cada mão traz uma pálida açucena.

E a infanta avança, então, ao som dos burcelins...

Como sonambula perdida,

em encantados, misticos jardins,

dir-se-ia que dança adormecida...

Dir-se-ia que dança desmaiando

ao perfume das flor's que estão em roda...

Dir-se-ia que dança e está sonhando...

Dir-se-ia que a estão beijando toda...

Pé, ante pé, receosa, dir-se-ia
 Que entre dois precipícios vai passando,
 E que uma oculta mão, teimosa e fria,
 Fazê-la resvalar anda tentando...

• •

Nacem bocas no ar que a estão beijando
 E ela foge-lhes, doida, ansiosa, incerta,
 Desmaiando, arquejando, suplicando...
 Calam-se os burcelins e Salomé desperta.

Rompem aplausos mil, em fremitos de chama.

Dão-lhe joias de preço as languidas mulheres,

Herodias florece, e o velho Herodes clama:

— “Salomé! Salomé! dar-te-ei o que quizeres!”

O que ha-de ela pedir? de essencias um boião?

Um vestido? um anel? um ceu? uma turqueza?

Herodias então diz baixinho á princeza:

— “Pede-lhe, minha filha, a cabeça de João!”

A princeza estremece:

— “O que dizes, matá-lo?

“Fazê-lo mergulhar no enregelado sono?

“Oh! não... tomara eu, minha mãe, libertá-lo,

“Vesti-lo, como um rei, sentá-lo sobre um trono!”

Mas Herodias diz:

“— Pede a sua cabeça,

“se uma gloria quer's ter como inda ninguem teve.

“Embora a sua morte agora te entristeça,

“essa fragil tristeza ha-de passar em breve...
 “O calor dos festins dissipará teus prantos,

“— A saudade é um fugaz aroma de violetas! —

“E o mundo saberá, filha, que os teus encantos

“fazem rolar no chão, cabeças de profetas!

“Essa morte dará um par d'azas radiantes

“ao teu nome; andarás em pompas de vitoria!

“si quer's que a tua gloria exceda as mais brilhantes,

“rega com sangue quente as raizes da gloria!”

Cantam, de Salomé, no perfil de moeda,
 Doirado p'la ambição, os olhos d'ametista,
 E junto do tetrarca a sua voz segreda:
 — “Dá-me a cabeça de João Batista!”
 Treme o tetrarca, ouvindo tal:

— “Pref'rira dar-te
 “toda a baixela, todo o meu tesoiro...”
 Mas, breve, a um gesto seu, um escravo negro parte,
 uma espada levando e um grande prato d'oiro...

E' talvez a poesia mais feroz que se fez até hoje
 contra Salomé.

Notem que o poeta admite que ela amava João Ba-
 tista. Quando a mãe fala em pedir a cabeça do santo, o
 primeiro movimento da rapariga é de horror. Desde, po-
 rém, que Herodias lhe diz que isso a tornará celebre, ela
 não hesita mais:

Essa morte dará um par de azas radiantes
 ao teu nome; andarás em pompas de vitoria!
 Si quer's que a tua gloria exceda as mais brilhantes,
 rega com sangue quente as raizes da gloria!

E' feroz, mas não é repugnante. Não ha o nojo de
 um longo beijo de amor em uma cabeça morta.

Feroz ou não, — eu penso que não seria inverosimil.
 Que não faria uma mulher si pudesse ter a certeza de
 um eterno triunfo para a sua beleza? Si Herodias tives-
 se dito aquilo que Eugenio de Castro lhe fez dizer, ter-
 se-ia mostrado de uma sagacidade maravilhosa. A prova
 é que nós estamos aqui a mencionar poetas e mais poetas
 que cantaram a princesinha, só porque ela fez matar São

João Batista. Seria um caso de algum modo identico ao de Eróstrato, fazendo queimar o Templo de Éfeso, só para ficar celebre — o que, de fato, conseguiu.

Depois, porém, dos que só a Salomé atribuem uma incompreensivel paixão, ha os que dão tambem ao profeta o mesmo sentimento.

Gomes Leite, aquele pobre e delicado poeta, que tão cedo morreu, em plena mocidade, tinha imaginado que os dois se amavam, embora João Batista fingisse resistir-lhe:

Mas a amavas tambem, Yokanaan! Ah si a amavas!
Sentias, só de vê-la, a ebulição das lavas
requeimando teu craneo...

Por isso, o poeta crê que o profeta se deixou matar alegremente, certo de que Salomé, graças a esse sacrificio, nunca mais o esqueceria.

Si, de véras, João Batista tivesse feito esse calculo, provaria ser um profeta muito chôcho... No dia seguinte, mesmo que o tivesse amado muito, Salomé já não pensaria mais nisso...

Pode-se ter certeza que, si, um ano depois, alguem lhe falou de Yokanaan, ela ha de ter tido dificuldade em lembrar-se:

— Que João Batista? Ah! aquele da cabeça cortada. Já nem me recordava!

Talvez até tenha feito um trocadilho abominavel:

— Ah! aquele que perdeu a cabeça!

Em almas femininas, lá disse Eugenio de Castro, “a saudade é um fugaz aroma de violetas...”

Seguindo, porém, a série, depois dos que só a Salomé dão o amor, depois dos que nos garantem que os dois se amaram, ha enfim os que acham, que só João Batista foi que, ou teve apenas simpatia ou amou realmente Salomé.

Emile Hinzelin tem uma poesia muito graciosa em que ele descreve o que succedeu, quando o escravo trouxe a cabeça do santo. Salomé, com a inconciencia magnifica da sua beleza e de sua mocidade, estava tão contente, que S. João não poude deixar de sorrir:

On apporte sur un bassin
 La tête coupée aux yeux caves.
 La danseuse, une fleur au sein,
 Jettant de l'argent aux esclaves,
 Offrit la fleur à l'assassin.
 Et la naïve criminelle,
 Qui touche alors de son sein nu
 L'horrible trophée obtenu,
 A dans sa candide prunelle
 Tant de doux triomphe ingénu,
 Elle mérite tant qu'on l'aime,
 Et son charme est si captivant,
 Que, de sa pauvre lèvre blême,
 La tête coupée elle-même
 Lui sourit en l'apercevant!

Ideia parecida com essa a de Catulle Mendès, que achou, para pô-la em verso, o admiravel, o extraordinario cinzelador da forma, que é Martins Fontes. Hinzelin fez que João Batista sorrisse, vendo a fisionomia ingenuamente triunfante de Salomé. Catulle Mendès fez

a cabeça, em vez de sorrir, chorar — chorar porque chegou tarde á festa e não viu Salomé dansar:

E' nesse instante triunfal,
exatamente no final
do ágape esplendido e fatal,

que, do fundo das galerias,
num incendio de pedrarias,
desponta a filha de Herodias!

E ao som de mandora e kinor,
num flavecente resplendor,
de gemas de Sirinagor,

entre os aplausos do delirio,
virgem e leve como um lirio
entra dansando ao modo assirio.

Facinadora, Salomé
Levanta o véu, que dece até
a asa recurva do seu pé.

E em torcicolos coleantes,
e na volupia das Bacantes,
teve as crotalias resoantes.

Ri-se, e na dansa tem o dom
de deslumbrar, variando com
a ondulação de cada som.

Gira em volteios colubrinos,
lentos, elasticos, felinos,
ao retumbar dos tamborinos.

Em tentadora inebriez,
mostra a morena calidez
doirada e biblica da tez,

chega-se a Antipas, e recua...
ascende aos poucos, e flutua
maravilhosa e semi-nua...

Ondula e ala-se, e recai,
avança e foge, e vem e vai,
em posição de quem atrai...

Seu corpo nimba-se, envolvido,
por um translucido tecido,
que é como um fluido colorido.

No desvario que a seduz,
as mil imagens reproduz
da flor, dos passaros, da luz!

Arfam, na graça dos coleios,
nos rodopios e meneios,
os pomos pulcros dos seus seios...

Ante o seu magico poder,
diz-lhe o tetrarca sem conter
o entusiasmo do prazer:

“Pede-me tudo que quizeres!
Qual a provincia que preferes,
flor luminosa entre as mulheres!”

“Tu és tão bela que nenhum
premio te paga! E só por um
beijo, eu te dou Cafarnaum!”

E ela, infantil, em vóz que freme,
assim lhe diz: "Dá-me em estreme..."
Murmura um nome... E Herodes treme!

Pede que não, e exora... Mas
a sala ordena, pertinaz:
"Tu prometeste, — e tu darás"

Depois, num grande prato de ouro,
entre as aclamações em côro,
com os olhos humidados de choro,

nas mãos de um famulo idumeu,
diante do povo galileu,
de Iokanaan aparceeu,

bruta, a cabeça ensanguentada,
que, pelo gume de uma espada,
fôra do tronco separada.

Da sua palpebra a fulgir
como uma hidrófana de Ofir,
vê-se uma lagrima cair...

Ante essa lagrima tristonha,
Herodes julga a voz medonha,
ainda escutar, como quem sonha...

Ouve dizer-lhe Iokanaan:
— "Tetrarca impuro, a vida é vã,
e a tua amante é tua irmã!"

Serena, a lagrima resvala,
tremúla e cai. E toda a sala,
cheia de espanto e horror, se cala.

Mas Salomé, flor de Engadi,
 ao Precursor, num frenesi,
 diz: "Por que choras?" E sorri.

E ele responde: — "A causa desta
 ultima lagrima funesta,
 é ter chegado tarde á festa,

pois me fizeste, a meu pesar,
 por tanto tempo demorar,
 que não te pude ver dansar..."

Ahi ha, sobretudo, um milagre: é ver a cabeça cortada falar. Mas isso, apesar de todos os ensinamentos da fisiologia, não espanta mais a quem já viu *Otêlo* de Shakespeare. Tambem, na tragedia celebre, Desdemona, degolada, faz um pequeno discurso. Os poetas dispensam a colaboração da laringe e dos pulmões para a produção da linguagem articulada...

Um deles, anonimo, atribuiu tambem a João Batista um milagre. Em um soneto, sem assinatura, que achei em uma velha revista, descobri, de fato, uma composição que, embora em versos mediocres, parece-me uma concepção sensata — relativamente sensata.

Efetivamente, eu não compreendo que Salomé pudesse amar João Batista. Salomé educada á romana, devia ser limpinha e perfumada. João Batista, que vivia pelas estradas a comer, segundo a Biblia, mel silvestre e gafanhotos, devia, ao contrario, ser hirsuto e sujo. Devia feder a suor e a poeira. Ora, eu admito sem dificuldade amor e fealdade; mas amor e fodor, embora rimem, parecem-me cousas inconciliaveis.

Dir-me-ão que o Batista, por isso mesmo que preconizava o batismo no Jordão, a grandes aguas, era provavelmente limpo.

E' um engano. O que se sabe é que ele batisou o Cristo e batisava os outros. Era um banho só, talvez o unico que muitos deles tomavam em sua vida, como succedeu com o Rei-Sol, o poderoso Luis XIV, que só uma vez — e isso mesmo em pequeno — cedeu a essa violencia. Mas S. João, emprestando a um banho, um simples banho, todas as mirificas virtudes que lhe attribuia, achando que envolvia a purificação do corpo e da alma; mostrava bem como para ele essa coisa, que é para nós banal, corrente, o banho nosso de cada dia, lhe parecia uma cousa sublime, extraordinaria. Evidentemente, ele não abusava de coisa tão divina.

Assim, pode-se ter como certo que, ao ver João Batista, Salomé deve ter tido, não amor, mas nôjo:

Desde que Salomé pôde ver João Batista,
teve por ele nôjo: achou-o repelente.
Salomé, que' é mimosa e fina, e recendente
a perfumes sutis, foge de sua vista.

Mas João, que tanta vez contra ela, veemente
clamara ás multidões, assim que um dia a avista,
de remorso e de amor se turba e se contrista,
e começa a adorá-la apaixonadamente.

Quando a princeza fez com que Herodes mandasse,
a cabeça cortar-lhe — e vendo-a, face a face,
Salomé lhe lançou as chufas mais cruéis,

a cabeça de João fez um milagre: exangue,
atirou-se, e rolou, toda banhada em sangue,
para poder beijar-lhe os pequeninos pés!

E porque já é tempo de parar, paremos aqui.

Poder-se-iam lembrar as calunias pintadas e esculpturadas que a pobre Salomé sofreu.

Em tres igrejas, das quais duas na França, ha, por exemplo, estatuas de Salomé, dansando de modos muito poucos verosimeis para a sua educação romana. Em uma ela está agitando castanholas, como uma sevilhana; em outra, dança acrobaticamente com as mãos no chão e os pés no ar; e na terceira vai ao extremo de estar fazendo a dança do ventre!

Nada se lhe poupou...

Mas hoje Salomé se vingou. E' verdade que se vingou sobre inocentes. Isso, porém, é a regra. São sempre os inocentes que sofrem... Si um homem ilude qualquer mulher (o que me parece dever ser extremamente raro), a mulher, para se vingar, passa a iludir não esse, mas outros homens (o que me dizem que é muito frequente). De mais, mesmo sem tratar de casos particulares, ha a afirmação biblica de que os filhos pagam pelos pais, a afirmação injusta de que todos sofremos por causa do peccado original. Guerra Junqueiro, lembrando isso, lembrando as miserias do mundo, e acreditando que Adão devia ser um feiíssimo mono, perguntava de onde vinha a nossa miseria?

E tudo isto por quê? Porque na Biblia um mono engole uma maçã sem licença do dono.

Os que estão nesta sala, lembrando que os poetas que disseram coisas feias de Salomé foram infieis, que não souberam cingir-se ao texto do Evangelho, perguntarão também, justamente irritados com a injustiça da sorte, porque tiveram de aturar-me durante esta longa hora:

E tudo isto por quê? Porque uns poetas sem fé andaram caluniando a pobre Salomé.

AGUA E SABÃO

(*Conferencia realizada no Teatro
Municipal*).

HA uma advertencia preliminar indispensavel. Em uma conferencia sobre o asseio, forçoso é que se fale, ás vezes, de cousas um pouco destituidas de poesia. O que se vai banhar, o que se vai lavar, não está em geral, limpo. E', portanto, fatal a alusão a cousas cuja vista ou cujo contacto nos desagradaria.

No entanto, nada mais importante que este duplo assunto: agua e sabão. Liebig, um dos maiores quimicos alemães, disse que pelo consumo de sabão se pôde avaliar o progresso dos povos. (1) E' apenas metade do que se deveria proclamar. A frase foi mais tarde completada por quem acrecentou que o progresso se mede pelo que as diferentes nações gastam em sabão e em selos. A despeza com o sabão é o indice do respeito que nós temos a nós mesmos. A despeza com selos o indice da frequencia e cordialidade de relações com os outros.

(1) BOURDEAU — *L'Histoire de l'habillement et de la parure*, pg. 157.

E, todavia, o asseio, de que um moralista disse que por si só já era uma meia-virtude, não é habito prezado ha muito tempo.

Nós temos, em geral, uma idéa falsa dos povos selvagens. Pensamos que, por andarem como os nossos indios, despídos, afrontam facilmente a agua e tanto apañham a de chuva que os lava, sem que eles pensem nisso, como procuram gostosamente lagos, rios, e quédas de agua para se banharem alegremente.

Isso é, em geral, uma fantasia.

Os povos primitivos eram quasi sempre pouco asseitados. Um autor alemão, que viveu entre os Hotentotes, diz deles que não se conhece nenhum mamifero tão sórdido e repugnante. (2) Muitos povos primitivos são mais limpos de roupas que de péle.

Em alguns casos, isso se justifica pelo clima, como succede com os Esquimós e com os Mongóes. Um viajante que foi, ha pouco tempo, ao Tibet, no planalto central da Asia, fez das mulheres de lá uma pintura bem pouco apetitosa. Basta dizer que elas nunca lavam o rosto. Absolutamente nunca! Por cumulo, põem todas as manhãs uma camada nova de uma especie de cold-cream — um cold-cream de lá, que é uma massa escura e com a qual elas se rebocam cada dia, sem retirar as camadas anteriores. O viajante inglez declara-se incapaz de dizer si elas são bonitas ou feias. O que se vê é uma especie de mascara, gretada, rachada como um

(2) P.H. MARÉCHAL — *Supériorité des animaux sur l'homme*, pag. 14.

muro velho. E' uma cousa pavorosa! (3) Lá, porém, o frio é atroz — e essa medida se torna um pouco desculpavel.

Mas, mesmo em casos como o dos nossos indios, a quem o calor convida a procurar a agua, não parece que o façam por um cuidado especial de hygiene. Succede-lhes o mesmo que aos Fuegianos, os quais constituem um bom exemplo de gente limpa. Eles gostam de estar na agua. Procuram-na com prazer. Mas quando vêm um europeu lavando-se meticulosamente, esfregando-se parte por parte do corpo, isso lhes parece infinitamente cómico e os faz rir muito. (4)

Ha alguns casos paradoxais, em povos primitivos. São, para nós ao menos, asseios sujos. Assim os Dinkas da Africa se mostram muito atentos á sua limpeza, mas esta se faz utilizando a urina de vaca para a lavagem. Terminada esta, esfregam-se meticulosamente com excremento de boi, torrado e pulverizado. (5)

Notem, aliás, que a lavagem com urina se justifica um pouco. Hoje ainda, quando nós queremos lavar bem as mãos ou mesmo o corpo, não deixamos de usar o amoniaco. E' verdade que tomamos um amoniaco quimicamente extraído, purificado, e mesmo, ás vezes, perfumado. Mas, emfim, o principio que levou os Dinkas á escolha do liquido em que se banham não é desarrazoado.

(3) P. LANDON — *A Lhassa*, pag. 80.

(4) J. SULLY — *Essai sur le rire*, pag. 219.

(5) HAVELOCK ELLIS — *La Pudeur*, pag. 39.

Já ha de ser mais difficil tentar a mesma justificativa para os pós com que se esfregam...

E' muito mais facil achar animais limpos do que selvagens com essa virtude.

Todos sabem, aliás, que a fama feita ao porco de ser desasseiado é uma profunda injustiça. O porco se espoja na lama, quando não tem agua corrente em que se possa banhar, porque neste ultimo caso, é nesta que se mete, com uma grande, uma imensa volupia.

Em bôa regra, póde dizer-se que o porco é um animal limpo, a que os homens dão, ás vezes, habitos de porcaria.

O elefante, esse, não só gosta do banho, como pratica a hidroterapia intensiva, porque enche a tromba de agua e aplica em si mesmo vigorosas duchas.

Mas sem procurar outros exemplos, basta lembrar-vos o dos felinos e em especial do que nós mais conhecemos: o gato. E' verdade que ele não usa nem agua, nem sabão. Tudo se faz com a lingua — uma lingua que é quasi uma lixa, excessivamente rugosa — e a saliva natural.

Diz um proverbio: cada qual enterra seu pai como póde... O gato, com aquele utensilio tão simples e aquele liquido tão natural, chega ao essencial: uma limpeza minuciosa.

Os camponezes na Europa contam das raposas um habito muito engenhoso. Tão engenhoso, que é mentira.

Dizem eles que as raposas tambem tomam banho,

mas é para afugentar as pulgas e outros parasitas. Usam, porém, para isso de um recurso curioso.

Começam por procurar um tufo de musgo seco, que metem na boca. Depois, aproximandô-se da agua, voltam-se de costas para enfiar nela a ponta da cauda. Como é natural, as pulgas, querendo fugir áquela súbita inundação, sobem pela cauda. Progressivamente, a raposa a vai mergulhando mais e mais. E as pulgas, segundo se pôde prever, vão também subindo. A raposa entra na agua com a parte posterior do corpo, vai immergindo este pouco a pouco até que fica de fóra apenas o focinho, segurando o tufo de musgo seco. Para este correm todas as pulgas. A raposa deixa-o então flutuando, dá um ultimo mergulho e sai, longe, inteiramente desembaraçada dos hóspedes. (6)

E' inutil repetir-vos que essa historia nada tem de verdadeira. Figura no numero das infinitas espertezas atribuidas á raposa, que é para os camponezes europeus o animal esperto por excellencia.

No *folk-lore* brasileiro o lugar da raposa foi tomado pelo kágado que ficou sendo o tipo do animal astucioso e matreiro. Mas, como o kágado não tem pêlo em que se aninhem pulgas, para cá não pode passar a curiosa historia do banho das raposas.

Reconhecendo humilhadamente que ha numerosos animais mais limpos que os povos primitivos, não devemos entretanto censurar muito estes pelo desamor ás re-

(6) A. PERÉS — *Comment les animaux font leur toilette* — *Cosmos*, n. 1100, pag. 213.

gras de hygiene, quando os deuses se mostraram sempre ou desinteressados delas ou mesmo infensos.

Ha talvez apenas exceções em duas religiões limpas, por assim dizer: a dos bramanes e a dos maometanos, uma que é a mais antiga de quantas o mundo conhece e outra que é a mais moderna.

Os sacerdotes bramanes vêm-se mesmo em contingencias muito embaraçosas. Basta, por exemplo, que pisem um cabelo, ou que a sombra de um pária se tenha projetado sobre a sua roupa para que devam fazê-la lavar cuidadosamente. Não o podem fazer por si mesmos, porque seria entrar em contacto com cousas sórdidas. Mas, por outro lado, lhes é tambem defeso vestir roupa que outros tenham lavado, porque esses outros a macularam. Assim, são obrigados a fazer com que a gente de casta inferior faça o primeiro asseio. São eles mesmos depois que lavam a roupa da macula que lhes advem dos seus lavadeiros. (7)

Do Bramanismo ao Islamismo vai um abismo de milhares, talvez de dezenas de milhares de anos.

Alah é, de fato, o mais recente dos deuses, o benjamin dos ceus. A religião maometana nasceu já no século 6º de nossa era.

Maomet insiste muito em recomendar abluções de mãos e pés, que devem ser feitas varias vezes por dia, de manhã, de noite, antes das refeições. Mas a propria insistencia de Maomet mostra como esse cuidado era necessario. De resto, o Islamismo aí, como em tantas outras

(7) *Les Grandes Cultures du Monde*, pag. 27.

cousas, revela bem a sua origem. Tratava-se de dar normas a gente habitualmente nomade, que vivia em desertos poeirentos.

Convém dizer que os fieis do Islamismo não tomam muito a sério estas prescrições. Muitos deles apenas se molham. Não se lavam, não se esfregam, não fazem esforço algum para limpar-se. (8).

Já na Biblia, e por igual motivo, são as abluções dos pés as que primeiro aparecem: Abraão, lavando os pés dos visitantes que o procuravam e que eram, aliás, anjos. Desde, porém, que o calçado se faz de forma que evite mais a poeira, aquele cuidado tende a diminuir, mesmo entre os povos de grandes viajantes. Assim, o visconde de Avenel conta que, nos Estados occidentais da União Norte-Americana, é frequente vêr nas pousadas, sobre os leitos, este pedido significativo: “Roga-se aos *gentlemen* o obsequio de tirarem as botinas antes de se deitarem.” (9) Um dos meus colegas da Academia, que eu não nomeio para não o intrigar com os seus coestaduanos de Sergipe, assevera-me que é, de regra, entre sertanejos de sua terra, quando se vão deitar, contentarem-se apenas em sentar-se á beira das camas e bater vivamente os pés para a poeira cair.

Mesmo, portanto, aquelas abluções a que se acham na Biblia as primeiras referencias higienicas, não são em toda parte muito respeitadas.

Mas, por um estranho contraste, se escasseiam as

(8) FEVRIER — *Trois ans à la Cour de Perse*, pag. 80.

(9) G. D'AVENEL — *Le mécanisme de la vie moderne*, V, pag. 15.

prescrições de hygiene, as contrarias a elas são abundantes...

Entre os Mongóes, de que já anteriormente vos falei, uma lenda diz que um raio fulminará o atrevido que ousar, algum dia, tomar banho. E, a bem examinar as cousas, não precisamos ir até a Asia... Os santos catolicos que ofereceram a Deus a agradavel penitencia de suprimir os banhos são tão numerosos, que seria enfadonho citá-los todos. O que mais longe parece ter ido foi S. Labre, cujo extraordinario titulo de gloria consistiu exatamente nisso. Dizem os seus mais entusiasmados biografos que os mendigos menos asseiadados fugiam do mau cheiro que ele exalava. De outros não temos informações tão precisas, mas as que dá o *Flos Sanctorum* bastam.

Bastam e sobram. Felizmente as pessoas que tomaram os nomes de certos santos, si os copiam talvez em outras virtudes, não o fazem no horror ao asseio. Vendo, por exemplo, tanta moça formosa que se chama Silvia, nós presumimos que nenhuma imitará a sua gloriosa padroeira, que jámais tomou um banho. E numa terra em que os Antonios são a maioria — o nome de homem mais comum entre nós é o de Antonio — a hygiene publica soffreria muito, si todos tivessem feito o voto celebre — celebre e sujo — de Santo Antonio, que jurou não lavar nunca os pés, razão pela qual Santo Atanasio o louvou calorosamente. (10)

(10) A. DE WHITE — *Histoire de la lutte entre la science et la théologie*, pag. 332.

Como Santa Silvia, São João, o Silencioso, fez mais do que Santo Antonio: por pudor, nunca tomou banho algum! (11)

Pode-se pensar que esses casos, embora numerosos, eram aberrações individuais.

Todos conhecem o fato de pessoas que fazem *promessas* extravagantísimas, julgando que elas podem ser agradáveis a Deus.

Mas, para provar que a cousa não era apenas uma singularidade de poucas pessoas, pôde-se citar o exemplo, muito maior, de grandes confrarias religiosas.

A regra de São Bento diz: “Permitir-se-ão os banhos aos doentes sempre que fôr necessário; mas para os que passam bem, principalmente si são moços, só se lhes consentirá nisso raramente”. Esse *raramente* se entendia — duas vezes por ano — uma no Natal e outra na Pascoa.

Os dominicanos achavam que o banho era permitido por necessidade, não por prazer. E a necessidade eles a sentiam... raramente...

Nos conventos de freiras, houve tempo em que, tanto na França como em Portugal, se consentia o uso do carmim e das “moscas” — aqueles pequenos sinais pretos, que se punham no rosto. Mas não se tolerava o uso de banhos!

Foi pensando nessas confrarias que um viajante, passando pelo convento dos Carmelitas em Padua, escreveu este pensamento, que ficou celebre. Dizia ele:

(11) BREWER — *Dictionary of miracles*, pag. 416.

“eu nunca pude compreender porque ha homens que se reúnem para feder juntos, em honra de um Deus, que creou noventa mil especies de flores!” (12)

E' que esse viajante esqueceu as flores que fedem. E elas existem. E são numerosas.

Pode-se até lembrar que Antonio é um nome que quer dizer *flor*. E Matilde Serao, a grande escritora italiana, vai ao ponto de fazer uma apologia calorosa desse nome, e garantir que todo aquele que o tem — tem, por força, alguma cousa de notavel! (13) Não parece, entretanto, que Santo Antonio devesse ser uma flor muito cheirosa...

Dirá talvez alguém a quem se fale dessas grandes confrarias pouco limpas que, embora mais generalizado, esse fato não deixará de ser uma extravagancia que se perpetuou em certos meios, mas que não indica uma especial predileção divina para ela.

E' um engano. Nas *Vidas dos Santos* se conta que certos monges do Oriente, retirados no deserto afim de aí fazer penitencia, pensaram em tomar banho num regato proximo. Deus, para manifestar o seu desprazer por essa assejada resolução, secou o regato. Desde, porém, que os monges, contritos, viram qual era a vontade divina e subordinaram-se a ela, a agua voltou.

Objetarão, teimosamente, alguns que isso foi apenas uma interpretação fantasista. Explicarão que o regato

(12) EDMOND BERQUIER — *Pensées des autres*.

(13) MATILDE SERAO — *La Madonna e i Santi*, pag. 279.

secou por um motivo qualquer perfeitamente regular, e daí os monges tiraram aquela extranha explicação.

Nós temos, porém, um texto precioso de São Jeronimo. Chamo a vossa atenção para o fato de que São Jeronimo foi um dos mais notaveis doutores da Igreja, não só pelas suas virtudes, como pela sua grande illustração e admiravel eloquencia.

Ora, si este grande luzeiro da Igreja entrasse nesta sala estaria imediatamente habilitado a dizer que eu não tenho aqui nenhum ouvinte que se possa considerar uma alma candida. Foi ele que formulou como principio que a roupa sordida é indicio de candura de espirito: *Sordidae vestes candidae mentis indicia sunt.*

Já não se trata aqui de exemplos individuais, não se trata do exemplo de grandes confrarias, não se trata de uma interpretação, que podia ser erronea, de monges incultos. E' um grande doutor da Igreja, quem faz a apologia da sordicia.

Mas, até mesmo São Jeronimo, vós sois capazes de rejeitar.

Gente difficil de convencer! Ha, porém, felizmente, alguma cousa decisiva. Certa vez, São Martinho, foi rezar no tumulo de Santa Vitalina.

Deus lhe appareceu. Fez-lhe então uma revelação que deve encher-vos de muita magua: Deus, Deus em pessoa, revelou a São Martinho que a entrada de Santa Vitalina, no céu, fôra retardada por castigo. Castigo por que? Porque ela lavara o rosto em uma sexta-feira santa!

Vêde, pois, vós que não me pareceis candidatos muito fortes á canonização e que lavais pelo menos o rosto

todas as sextas-feiras santas, quanto tempo tereis de esperar antes de ir para o céu — si é mesmo para lá que tendes de ir...

Notai bem que não se trata de uma informação que se possa ter alterado. Foi Deus quem disse — e disse a São Martinho...

Aliás é um ponto fóra de duvida que o banho quebra o jejum. Por que? Não sei. Tambem o beijo o quebra. Mas o que garanto é que Santo Agostinho acha que a simples lavagem dos pés tem já aquele funesto efeito (14). E si vós, catolicos, podeis tomar banho aos domingos, agradecei-o ao papa Gregorio Magno, que em setembro do ano de 603, precisou (vêde como o caso é sério) publicar uma bula especial para dar essa permissão (15).

De um modo geral, notai, portanto, que o uso da agua e sabão — o uso salutar do banho — encontrou no seu caminho imensos obstaculos, até de ordem teologica.

Dos banhos parciais, apenas o dos pés, com que Santo Agostinho embirrava, é não só o que primeiro aparece na Biblia, como o que mais frequentemente se pratica.

Job, querendo falar na epoca em que era rico, diz que nesse tempo ele lavava os pés com manteiga. Idéa bem extravagante!

Conta-se, é certo, de Poppéa, imperatriz romana, que só viajava acompanhada por um rebanho de 500 jumentas, para se lavar diariamente no leite delas. Madame

(14) VIGOUROUX — *Dictionnaire de la Bible*, IV, *Lavement des pieds*.

(15) PASOLINI — *Gli anni secolari*, pag. 118.

Tallien, essa banhava-se em suco de morangos espremidos. São também extravagancias, mas que se compreende melhor que a de Job.

Em todo caso, entre os pés limpos de Job, com manteiga, e os pés sujos de Santo Antonio, sem banhos, ha o meio termo: a lavagem simples com agua e sabão...

Quando se admite a verdade da narração bíblica não ha tradição mais antiga que a de Adão e Eva. Altos fóros de nobreza teria, portanto, o banho si fosse possível demonstrar que os nossos mais remotos avós já o praticavam.

Infelizmente a Biblia é silenciosa a esse respeito. * Esse silencio, por si só, não prova nada.

Si em qualquer narração — figurem um romance, por exemplo — o autor fosse contar todos os banhos, as refeições, as mudanças de roupas dos seus personagens, a narração se alongaria imensamente com pormenores futeis e desnecessarios. Desnecessarios, porque se subentendem.

Assim, pôde-se imaginar que Adão e Eva não desdenharam muito da agua. Não está provado... Não é mesmo provavel... Mas sejamos generosos. Não estraquememos a poesia de nossa remota progenitora, supondo-lhe esquecimentos que hoje pelo menos seriam imperdoaveis.

Um autor colombiano, José Caicedo Rojas, resolveu suprir o que lhe pareceu uma lacuna da Biblia e contou o primeiro banho de Eva. Malicioso, ele o deu como resultado de um acesso de faceirice.

Eva passeava ao acaso pelo Paraiso, quando se che-

gou perto de um lago. Inclinou-se e teve a surpresa de ver no fundo dele uma figura formosissima. Que fosse sua propria imagem ela não sabia, não podia saber: ainda lhe faltava a pratica, em que se especialisaram as suas decedentes: a pratica do espelho. Ficou-se a mirar aquele misterio, a afastar-se, a aproximar-se, a sorrir, a fazer momos graciosos. A tudo a figura que estava na agua respondia, pagando-lhe na mesma moeda.

Eva entusiasma-se, ajoelha-se junto do lago e beija a figura. Mas isso não lhe basta: pensa em abraçá-la e — catrapuz! — cai n'agua:

Su delirio a abrazarla al fin la lleva;
mas pagando bien caro el dulce engaño,
se sumerge en las ondas. Asi Eva,
se dá en el paraíso el primer baño. (16)

E' incontestavel que o primeiro banho tinha de ser por um acaso. O interessante seria descobrir si depois daquele fato Eva ficou gostando da experiencia e a repetiu amiudadas vezes.

Em todo caso, a idéa do poeta colombiano, si é um pouco absurda, não deixa de ser graciososa. Eu a tenho por absurda, porque quando alguém quizesse beijar uma imagem na agua sentiria uma sensação bem diversa da que esperava e agitando o liquido faria desaparecer a figura. Mas, emfim, para pôr em verso, mais vale esse assunto do que aquele que inspirou João de Deus e ele chamou: *Mal de Pés*. Figura aí um *brasileiro*. Mas no

(16) *Parnaso Colombiano*, JULIO ANEZ, pag. 149.

texto a palavra está sublinhada e quer, portanto, dizer português que enriqueceu no Brasil. Dizem os versos:

Certo patricio nosso, *brasileiro*
depois de ter corrido, o mundo inteiro,
ao voltar de Paris desenganado
dos medicos que tinha consultado,
achou-se num vagon com um inglez.

O desgraçado tinha mal de pés...
E a ultima palavra da ciencia
era ir vivendo e tendo paciencia!

Mostrou-se logo o *bife* incomodado,
fungando para um e outro lado...
como quem busca o fóco de infecção.
Diz-lhe o nosso infeliz compatriota
a apontar-lhe com o dedo a bota
e exalando um suspiro de paixão:
— Eis a causa, senhor, eis o motivo!...
Tenho gastado rios de dinheiro,
e sempre, sempre, sempre o mesmo cheiro!
E isto por ora vá!... mas alto dia,
quando aperta o calor... Virgem Maria!...
— E diga-me, em lavando os pés, refina
ou sente algum alivio?

— Isso não sei:
sei que tenho exaurido a medicina;
mas lavar é que nunca experimentei.

A's vezes dá-se ao medico o dinheiro
que se devia dar ao aguadeiro.

Como os tempos mudaram! Santo Antonio parecia-se muito com o *brasileiro* de João de Deus. Canonicaram-no.. Do tal *brasileiro* zombam. E' uma injustiça!

Si eu vos citei estes versos de João de Deus, é por-

que ha muito quem o considere um dos maiores poetas de Portugal. Confesso que nunca compreendi a razão desse entusiasmo. Tenho, porém, certeza de que não foi por causa da poesia que acabais de ouvir e em que, nem o fundo nem a fôrma valem nada...

No dominio da pouca limpeza, o esquecimento que o heróe de João de Deus revelava ainda é toleravel. Toleravel ao menos para quem não conviva com os que o praticam. O segredo de casos analogos anda guardado em muitas botinas elegantissimas. Como, porém, um ditado nos assevera: o que olhos não vêem, coração não sente — não tentemos perscrutá-lo.

Peior que esquecer os pés é esquecer as mãos e o rosto, que estão á mostra, que se estendem ao nosso encontro e que nós somos tantas vezes forçados a apertar, embora com grande repugnancia.

No emtanto, o asseio das mãos e do rosto é uma cousa moderna. Até o seculo XVII não se fazia caso disso. No meio desse seculo, um compendio de civilidade comentava um luxo de asseio (luxo! — notem bem), que se estava generalizando e consistia em lavar as mãos uma vez por dia e o rosto quasi — quasi — quasi outro tanto!

Mas esse luxo ninguem o exagerava. Basta dizer que a rainha Margarida de Valois, mulher formosa e intelligentissima, escritora de mérito, falava de si mesma, confessando que não havia lavado as mãos havia muito tempo, e da rainha Cristina, da Suecia, num dia em que ela jantou em grande pompa, no palacio de Versailles, uma senhora palaciana escrevia “ela tinha as mãos tão por-

cas (*crasseuses*) que era impossivel descobrir qualquer beleza.”

Não pensem que se tratasse de descuidos individuais. Em primeiro lugar, isso não era crível, em tão altas personalidades. Depois, ha, por exemplo, um tratado de Erasmo que é interessante, porque Erasmo foi um filosofo de espirito libérrimo, cheio de idéas progressistas. Ele já admitia que convinha lavar o rosto e as mãos uma vez por dia. Era um triunfo. Mas acrescentava, prudente, que fazer isso muitas vezes seria desarrazoado.

Para não serem desarrazoadas, as mulheres da Escossia nem os conselhos de Erasmo seguiam: contentavam-se em lavar o rosto uma vez por ano e as roupas uma vez por mez.

A proposito de lavagem de mãos é licito lembrar dois fatos, que parecem estar em certo antagonismo. A parte do corpo que nós mais lavamos são as mãos. Todos, hoje, fazemos essa operação numerosas vezes. No emtanto, nada é mais difficil do que obter nelas uma lavagem radical, desinfetando-as a fundo. (17) Alguns cirurgiões asseveram mesmo que a desinfecção completa das mãos é impossivel (18) — e por isso, em desespero de causa, passaram pura e simplesmente a usar luvas de borracha em todas as operações.

Não se imagina como a invenção do garfo foi nociva ao asseio. Parecia que devesse ser o contrario, porque evitava sujar as mãos. Mas, ás vezes, os que assim

(17) V. em GAUTIER — *L'Année Scientifique*, 1911, pag. 254, o artigo *L'art de se laver les mains*.

(18) LECÉNE — *L'évolution de la chirurgie*, pag. 319.

as manchavam com molhos e acepipes, viam-se forçados a lavá-las. Inventado o garfo, foi um alívio: não se precisava mais fazer essa violencia.. (19)

Quem aclimou o garfo em França foi Henrique III. Passando pela Italia, ele o vira empregado em Veneza e resolveu adoptá-lo.

Isso deu motivo a que os seus opositoristas o censurassem acremente. O normal era tomar o alimento com as mãos e não com aparelhos complicados — diziam eles. E ridicularisavam o uso do garfo (20).

Note-se que isto não são costumes de remotas éras. Ha menos de um seculo, em 1848, falava-se na França das pessoas chics, chamando-se-lhes *gente de mãos lavadas*. Era uma frase paralela á nossa: *gente de gravata lavada*.

Devia ter sido desse tempo aquele boêmio que de finia a agua: *um liquido que se torna preto, quando a gente nele méte as mãos*.

Em compensação, si o habito do garfo foi prejudicial ao asseio das mãos, o habito de fazer a barba diariamente, que começou no meio do seculo XVIII, foi muito benefico para o asseio do rosto. A criação de barbeiros, só com o officio de cortar cabelo e raspar barbas — barbeiros-barbeantes — como então se chamavam — principiara um seculo antes, — isto é, passára só então a constituir um officio á parte, porque dantes o barbeiro era tambem um pouco medico, um pouco cirurgião. Era ele

(19) CABANÈS — *Mœurs intimes du passé*, VIII, pag. 232.

(20) CABANÈS — *Mœurs intimes du passé*, VIII, pag. 252.

quem rasgava tumores, quem fazia pequenas operações. E com as mesmas sujissimas mãos escanhoava os clientes! (21).

Notem que o Rio de Janeiro é uma das poucas grandes cidades, em que se encontra um vestigio da fusão das profissões de barbeiro e medico. Ainda ha, de fato, barbearias — muito raras, é certo — com cartazes annunciando: “aplicam-se bichas e ventosas” E’ uma sobrevivencia.

E os medicos e cirurgiões não têm muito que se envergonhar de decenderem um pouco, profissionalmente, dos barbeiros. Decendem de cousa peor. Lugares houve em que os cirurgiões eram os carrascos. Achava-se que os carrascos, habituados a esquartejar criminosos, deviam conhecer um pouco o corpo humano. Dizem algumas pessoas que detestam os cirurgiões, alguma cousa lhes deve ter ficado dessa longinqua ascendencia.

Mas isso não vem aqui a proposito.

O que se pergunta com espanto é como se arranjava essa gente no tempo em que professava tal horror pela agua e sabão. Felizmente os compendios de civilidade nos esclarecem; esfregava-se uma toalha sêca no rosto. Bem sêca! Nem sabão, nem agua. Porque, diz um compendio de 1782, a agua “torna o rosto mais sucetivel ao frio, no inverno, e ás sardas, no verão.”

No emtanto, no fim do seculo XVIII, algumas senhoras da alta aristocracia puzeram o banho em moda e

(21) A. FRANKLIN — *Les soins de toilette*, pag. 2.

passaram logo a um extremo curioso. Era no banho que recebiam as visitas das amigas e dos amigos da casa. Derramava-se na agua um pouco de leite para torná-la turva, impedindo-lhe a transparencia, e os visitantes, conversavam agradável e decentemente em torno do banheiro.

Era muito chic. Mas isso foi uma moda limitada e passageira. Não podia durar.

Quando se vê a dificuldade de aclimação dos habitos de asseio e se percorre a literatura antiga, o conhecimento dessas praticas nos estraga a evocação das heroínas cantadas pelos grandes poetas: a Natércia, de Camões, a Laura, de Petrarca, a Beatriz do Dante... Lavavam o rosto? Lavavam as mãos? E' muito improvavel... E os grandes galanteadores, os prototipos de don Juan?

Nós sabemos, por exemplo, que Henrique IV, grande conquistador de corações femininos, dizia de si mesmo que nem sempre exalava um perfume muito agradável. Frase aliás modesta, porque uma dama da sua côrte, deixou escrito que ele fedia como um animal pôdre, uma carniça, "*une charogne*" De Luis XIV, outro temível sedutor, sabe-se que só tomou um banho durante toda a vida. (22) Um só! E no emtanto separou-se da celebre favorita Madame de Montespan, porque ela desdenhava de mais os preceitos da higiene.

Luis XIV parecia-se, entretanto, com esses cavalheiros que fazem belas bibliotecas só para o publico vê-las.

(22) BOURDEAU — *Histoire de l'habillement et de la parure*, pag. 152.

Ele construía por toda parte, vastos banheiros, maravilhosas picinas. Mas não utilisava nem aqueles, nem estas.

Foi por isso que Madame de Montespan um dia lhe pediu uma dessas picinas para pôr em um gramado de sua quinta. Aí, ao menos, teria alguma utilidade. Luis XIV deu. Ainda hoje existe.

Com os habitos que tinham, as musas dos grandes poetas não nos despertariam appetite algum; e os sedutores que ficaram mais celebres nem fariam hoje novas conquistas, nem a nós causaríamos nenhuma inveja.

O asseio é uma virtude moderna. Ainda assim, está longe de ter a pratica que merece.

Uma estatística official italiana — notai que é official, notai que é feita pelo comendador Luigi Bodio, uma das mais altas autoridades no assunto — diz que se póde calcular que na Italia cada pessoa toma um banho de dois em dois anos. (23)

Evidentemente isso é uma média.

As estatísticas precisam ser entendidas com prudencia.

Alguem fazia notar a um inglêz que na Inglaterra a desproporção de mulheres para homens é tal que ha sete mulheres para cada homem. Grave, o interlocutor lhe replicou :

— Nesse caso, procure bem, porque deve haver alguem com 14. Eu não tenho nenhuma...

Era um modo original de entender as médias. Mas

(23) BOURDEAU — *Histoire de l'habillement et de la parure*, pag. 152.

diante da officialissima estatística de Luigi Bodio o que apavora é exactamente que ela seja uma média, porque si ha de certo muita gente, na boa sociedade, que tome por ano 365 banhos, ou mais, forçoso se torna que nada fique para muitissimos outros, que imitarão talvez ainda hoje Luis XIV

Na Espanha a situação não deve ser diversa nas classes inferiores.

Aluizio Azevedo, o nosso grande romancista, contou o que lhe succedeu em Vigo, quando aí foi consul do Brasil. Mandára fazer um banheiro grande de cimento.

Dias depois, bateram-lhe á porta. Era alguém que vinha pedir-lhe para mostrar o seu banheiro a um estrangeiro de passagem. Aluizio permitiu, um pouco espantado. Seu banheiro era um tanque vulgar, sem nada que o tornasse extraordinario. Mas depois, varias vezes, o mesmo pedido lhe fôra feito e ele verificara que tinha em casa uma das curiosidades da cidade.

Aconteceu-lhe, em certa ocasião, apanhar uma molestia. Chamado um medico de Vigo, este, muito antes de examinar o doente, foi logo exclamando:

— Podera não! O senhor tem um banheiro em casa!

Grave delito!

Mas estas anedotas, contadas por estranhos, parecem sempre exageros.

Ha, porém, depoimentos nacionais. Referindo uma viagem a Astorga, o pintor espanhol Villergas narra o assombro de uma hoteleira, quando ele quiz tomar banho

dois dias a seguir. (24) E melhor que isso, ha os proverbios populares que, esses, traduzem modos gerais de sentir. Um deles assevera: *la agua es indigna y el jabon traidor*. (25) Outro aconselha: *de 40 años arriba no te mojes la barriga*, e um terceiro: *a 60 años, ni agua ni baños*.

A falta de asseio no baixo povo espanhol derivou aliás, em grande parte, de uma noção religiosa. De fato, como todos sabem, os Arabes dominaram algum tempo a peninsula iberica. Ora, nos palacios por eles construidos, havia sempre vastas picinas de marmore, que não estavam ali só para adorno. O banho entrava nos habitos desses conquistadores.

Mas, por isso mesmo, quando mais tarde eles foram corridos da Espanha, os catolicos ainda exageraram o seu desprezo pelos banhos, que pareciam um costume, melhor se diria um vicio arabe, — vicio de infieis, e, por isso mesmo, ainda mais abominavel.

Si, nesta altura, quizessemos fazer a classificação do progresso dos povos pelo criterio proposto por Liebig, aquele quimico alemão de que vos falei no principio desta palestra, — adotando o criterio do consumo do sabão — Liebig não ficaria muito contente vendo que a Alemanha teria de confessar a supremacia da Inglaterra e da França.

De fato, uma estatistica publicada em 1911 — mui-

(24) *Le tour du Monde*, 1872, pag. 360.

(25) BOURDEAU — *Histoire de l'habillement et de la parure*, cap. II.

to antes da guerra e, portanto, insuspeita — dava como consumo médio de sabão, em cada povo, por ano: 10 kilos e meio para cada inglês, 8 kilos e meio para os norte-americanos, sete e meio para os franceses, cinco para os alemães, só dois e meio para os austriacos e um para os russos. (26) Faltam as estatísticas dos outros povos.

Deixo-vos o cuidado de verificardes si concordais com esta classificação:

- 1º — ingleses;
- 2º — norte-americanos;
- 3º — franceses;
- 4º — alemães;
- 5º — austriacos;
- 6º — russos.

Um escritor francês deplora que não se conheça o inventor do *tub*. (27) O que ele chama *tub*, são umas pequenas banheiras redondas e chatas. Diz ele que essa descoberta marca uma época na historia da civilização. Foi o *tub*, que é relativamente pequeno e que se póde levar de um ponto para outro facilmente, que permitiu democratizar e generalizar o uso do banho na Europa.

Hoje, isso não é mais necessario, porque sempre se encontram mais ou menos por toda parte, banheiros um pouco melhores mesmo que o *tub*.

Por um lado, o espanto do escritor não tem razão de ser. Nós não conhecemos os inventores das maiores invenções: a roda e o parafuso.

(26) *Ceux qui se lavent* — *Le Matin*, 25-6-1911.

(27) PHILIPPE DARYL — *La renaissance physique*, pag. 9.

Por outro lado, essa apologia do *tub* permite distinguir entre os metodos de asseio europeus e os nossos. Lá o asseio é, por assim dizer a varejo, pequenino e miudo, parte por parte. Entre nós, ele se faz em geral por atacado: são os grandes banhos de imersão; são as grandes duchas, sobretudo de chuveiro... Por um ou por outro processo, chega-se do mesmo modo á mais meticolosa limpeza.

Um cirurgião célebre de Lausanne, Matias Mayor, publicou, no principio do seculo XIX, um livro que teve grande voga e representou um imenso progresso em materia de higiene — o *Manual do banhista sem banheira*. Ele explicava que, com um copo de agua e uma toalha, quem quizesse podia dar-se, em toda parte, ao luxo de tomar banho quente...

Através de todos estes pequenos fatos avulsos, o que se deve apurar é a dificuldade que teve o banho para triunfar de quantas resistencias lhe opuzeram. A agua e o sabão tiveram ao principio inimigos ferozes.

Já aqui se citaram casos de santos que faziam um titulo de gloria do seu pouco asseio; casos de grandes confrarias religiosas e, por fim, a estranha revelação feita por Deus a São Martinho, de que retardara a entrada no céu, de Santa Vitalina, porque ela lavara o rosto em uma sexta-feira santa.

Essa atitude religiosa tinha, no fim de contas, uma explicação, um ponto de vista logico: o desprezo do corpo. O que se queria inculcar no espirito popular era a preocupação de que só a alma tinha valor. Desse modo, a apologia da sujeira constituia paradoxalmente uma

apologia do asseio. Desprezava-se este ultimo exatamente por que ele constituia um beneficio para o corpo. (28)

Mas, em alguns casos, o elogio da sordicia teve outras justificativas mais estranhas.

Na Espanha, por exemplo, os medicos de Madrid, no principio do seculo XVIII, protestaram violentamente contra a limpeza das ruas, em tempo de epidemias. Protestaram por higiene! Diziam eles que o ar das ruas enlameadas e sujas era mais pesado. Os miasmas não podiam elevar-se muito alto. Havia nisso, portanto, um salutar cuidado de prevenção de molestias.

Ha poucos anos, os Alemães tiveram uma luta terrivel com uma tribu de selvagens africanos: os Herreros. Os officiaes alemães deixaram de lavar-se para, de longe, não serem visiveis, não se distinguirem muito dos pretos. E' um capitulo que se póde escrever: da utilidade estratégica da sujeira.

Ide pouco a pouco recapitulando os meritos da falta de asseio: levar as almas para o céu, fazer o ar pesado para impedir os miasmas de se espalharem, evitar que os pretos distingam os brancos dos que não o são...

Mais uma: remedio contra o ciume. Entre os Koriaks, que são uma tribu da Sibéria, as mulheres desde que se casam não se lavam mais, não se penteiam, vestem-se de trapos. Assim, afastam os admiradores e aplacam os ciumes possiveis do marido. Fica-se, porém, a perguntar: "E os maridos? Como se arranjam com tais esposas?"

(28) METCHNIKOFF — *Etudes sur la nature humaine*, 13.

Aquele sabio grego que falava contra o casamento tinha bem razão ao dizer que, quando alguém se casa com mulher bonita, os outros tambem a querem; quando se casa com mulher feia, é o marido o primeiro a desgostar-se...

Por mim, no que concerne ao asseio, eu acho mais sábia a legislação dos velhos peruanos. Eles admitiam a poligamia: uma mulher principal e outras accessorias. As accessorias podiam despedir-se facilmente. Da principal só havia o divorcio por tres causas: por ser malevola, por ser esteril ou por ser pouco assejada.

Isto, sim, entende-se...

Um aproveitamento imprevisto do desasseio foi o que propoz um grande reformador social, que Augusto Comte admirou muito. Esse reformador foi Fourier. Ele achava que cada pessoa tem, por força, uma atração forte para um certo genero de trabalho, que executa com prazer. A reforma essencial da sociedade deveria, a seu ver, consistir num tal arranjo que cada qual pudesse fazer o trabalho que lhe agradasse. Hoje se obtem isso tecnicamente pelos tests de orientação profissional.

Mas não ha alguns serviços repugnantes, que provavelmente ninguem aceitaria? Fourier contesta e assevera que, em geral, as crianças gostam muito de chafurdar na porcarias. Diante disso, o que ele achava bom era aproveitar essa tendencia e incumbi-las dos serviços menos limpos! (29).

(29) ACHILLE LORIA — *Problèmes sociaux contemporains*, pag. 101.

Hoje, nós preferimos fazer esforços para que eles percam aquela tendencia.

E' entre o espanto, o nôjo e o sorriso que a gente corre essas extravagancias que aconselham o desasseio. Mas é bom saber que o banho não triunfou só pelos seus meritos reais. Tambem lhe deram meritos não menos estranhos.

Um dos mais correntes foi a propriedade metaforica de limpar as culpas e os pecados.

Ainda hoje os indús lavam-se no rio Ganges para aí deixarem as suas faltas. E' um rito de purificação. E vós todos sabeis que o batismo, que outrora era um banho de corpo inteiro, tem exatamente por fim lavar a alma do pecado original. O batismo de hoje, molhação cerimoniosa da cabeça, é bem, póde-se dizer, a atrofia do banho. Ainda, entretanto, no fim do seculo XVI, em Napoles, havia uma cerimonia catolica em que o povo tomava banho no mar para nele deixar as suas culpas.

Mas o efeito mais curioso que se attribuiu á agua do banho foi o de ser um veículo de afeições. O caso é interessante por ser universal.

No Brasil, como fóra do Brasil, povos de todos os tempos e de todas as latitudes, sempre acreditaram que, si alguém bebe agua do banho de uma pessoa, fica por ela apaixonado.

A universalidade de uma crença qualquer não prova a sua verdade. Não ha crença que tenha sido mais universal que a da imobilidade da Terra e da rotação do Sol em torno dela.

Aliás, nesta questão de banhos bebidos o que ha é

um aspecto de outra crença mais geral: a de que os objectos, que estão muito tempo em contacto com outros, tomam-lhes as qualidades.

Vêde, por exemplo, uma graciosa quadra popular siciliana, citada por Gubernatis:

A agua com que te lavas, de manhã,
quando por terra tu a vás lançar,
logo dela rebentam perfumosas,
lindas rosas vermelhas, a cheirar. (30)

Eu sei bem que em verso se dizem as cousas mais estranhas e disparatadas; mas naquela trova popular, ha o vestigio da afirmação geral de que a agua leva consigo as qualidades das cousas com as quais esteve em contacto. O poeta quiz chamar flor á sua amada. A agua em que ela se banhava devia produzir outras flores.

Brantôme, um cronista francês do seculo XVI, conta que em certa época — os homens usavam então calção curto e meias longas — os namorados costumavam dar ás namoradas as meias, para que estas as calçassem durante oito ou dez dias e depois lh'as passassem para que elles então as puzessem.

Não façam conta desses dias passados em uns pés e transferidos para outros — sem lavagem, é claro, porque a lavagem fazia perder toda a virtude. Vejam só o que se tinha em vista: o contacto prolongado em um corpo e a transferencia para o outro agiam como si o amor fosse

(30) A. GUBERNATIS — *Mythologie des Plantes*, II, p. 20.

uma molestia de péle, uma molestia que se transmite, que péga!

Ora, nenhum contacto mais intimo e mais completo que o do banho.

Ha um processo para que qualquer cão passe a gostar de alguém. O candidato á afeição canina deve tomar um prolongado banho de imersão, sem pôr na agua nem sabão, nem qualquer perfume.

Dada essa agua a beber a algum cachorro, ele passa a gostar de quem nela se banhou.

Dizem que os ladrões fazem muito isso com os cães das casas que pretendem assaltar. E aliás a cousa é logica: comprehende-se perfeitamente bem a sua razão de ser, que nada tem de absurda ou misteriosa.

Houve, no seculo XIX, em França, uma artista celebre, a Mogador, que tomava banho em champagne e o engarrafava depois para mandá-lo aos seus admiradores. (31) E o nosso Tobias Barreto, pensador illustre, poeta, filosofo, jurisconsulto, patrono de uma das ruas desta cidade, cantava entusiasmado:

Esta paixão que me devora o peito,
esta sêde que abraza-me as entranhas,
para acalmá-la ao menos por instantes
bastava um gole da agua em que te banhas.

E, si, no fim de contas, isso tivesse uma base scientifica?

(31) *Bains pour milliardaires* — “*Cronique Médicale*, 15 de janeiro de 1911.

Vós sabeis o que é a seroterapia : um processo de cura correntemente empregado para a difteria e para muitas outras molestias.

Isola-se de um animal doente o principio ativo da molestia e injeta-se em outro animal. Injeta-se em dóse minima, ao principio. Depois progressivamente essa dóse vai sendo aumentada, até que o animal resiste a doses formidaveis que o teriam fulminado si por elas se houvesse começado.

Chegadas as cousas a este ponto, o serum do animal assim imunizado serve para imunizar ou curar outros animais contra essa molestia.

Por que? Explicam os sabios que no sangue do animal injetado se forma um contra-veneno especifico.

Mas um dos maiores biologistas contemporaneos — Felix Le Dantec — protestou contra isso. (32) Ele diz que nunca ninguem viu, ninguem isolou nenhum desses famosos contra-venenos e que afinal no corpo dos animais não ha laboratorios de quimica tão perfeitos que possam, assim que se lhes manda um veneno, fabricar imediatamente um contra-veneno apropriado.

O fenomeno lhe parece de ordem fisica. Explicando as cousas de um modo sumario, póde traduzir-se assim a opinião de Le Dantec : a substancia venenosa está animada de uma certa vibração ; o corpo do animal tem as suas vibrações proprias. O encontro de duas ordens de vibrações em sentidos diversos produzem imediata-

(32) LE DANTEC — *Introduction à la pathologie générale*, pags. 148 a 151.

mente, em todos os casos, uma resultante. Si essa resultante chega a uma formula de equilibrio compativel com a vida, o animal se salva; si não, ele morre.

No serum de um animal imunizado o que ha, portanto, não é um contra-veneno quimico especial; é uma vibração nova, nociva ao germen da molestia, favoravel ao animal.

E' a isso que Le Dantec chama "ações especificas transportaveis"

Póde-se perguntar: o banho, em que a pessoa está por tanto tempo mergulhada, não guarda as vibrações dela e não permite transportá-las a outrem? Não se póde dizer que o povo teve, ha muitos seculos, a intuição da modernissima teoria de Le Dantec?

E' bem evidente que eu não estou dizendo isto a sério... Não tenho de modo algum a pretensão de estabelecer a teoria seroterapica do amor.

Si fosse assim, quando um apaixonado poderoso quizesse inspirar um grande amor a qualquer pessoa que ele quizesse prender, bastaria fazer-lhe a transfusão do proprio sangue. Um conjuge ciumento poderia dormir tranquilo, desde que o outro lhe aceitasse nas veias, o sangue, o que hoje se faz com uma tecnica elegantissima e sem nenhum perigo, quando os dois sangues são compatíveis. Quando não fossem, bastaria fazer a injeção intramuscular.

Mas, emfim, tudo isso são fantasias. O banho tem tantos méritos propios e indiscutíveis, que não vale a pena apurar-lhe os contestáveis e discutíveis.

A mitologia dos gregos falava de uma agua que ti-

nha propriedades maravilhosas. Era a água do rio Letes. Quem a bebia — esquecia todo o passado.

Esquecer todo o passado seria sempre de mais. Ninguém de certo, o queria. Ha mesmo algumas lembranças, que são tristes, saudosas, maguadas e que nós não queríamos perder por preço nenhum.

Como, porém, essa agua seria preciosa, si fosse possível dosar-lhe os efeitos! E eu não tenho duvida alguma que, si alguém, á porta deste teatro, vos oferecesse um calice de Letes, que só vos fizesse esquecer a hora que vindes de passar, com que sofreguidão a beberieis!...

M Ã E S (*)

O AMOR materno é uma cousa respeitavel. Mas é tambem um velho tẽma muito explorado. Daí provém que que ha a respeito dele todo um *stock* de frases feitas. Sem muito trabalho, seria facil despejar sobre qualquer auditorio uma formidavel coleção de citações, uma verdadeira xaropada sentimental, em que aliás não faltariam banalidades e que podia levar horas a fio.

Citar-se-ia com certeza Legouvé, o velho poeta francês que dizia serem as mães, os unicos deuses que não tiveram nunca ateus:

La mère est ici-bas le seul dieu sans athée.

Citar-se-ia tambem Luis Guimarães Junior no seu soneto *Credo*, em que ele descreve uma reunião tumultuosa, na qual um orador crente é interrompido a cada passo por descrentes:

“Meus amigos, eu creio em Deus e no destino
que do berço nos guia ao derradeiro leito...”

(Vozes: Basta! O orador é suspeito, é suspeito!)

— Fóra o velho ideal! (grita um louro menino).

(*) Conferencia que não chegou a ser pronunciada.

— “Eu creio, amigos meus, nesse poder divino...
 (Vozes: — Fóra o jogral!) ... Nesse poder eleito,
 eterno como o mar, calmo como o Direito
 (Vozes: — Não crês também no Baco purpurino?)

— “Eu creio no porvir! (Ouçamos!) que ha de, um dia,
 como um rio de luz... (Champagne e Malvazia!
 Bebamos ao porvir! — Todos a rir beberam.)

— ... Como um rio de luz, iluminar o abismo.
 (Gritos: Fóra o truão! Fóra o torpe lirismo!)
 Creio também nas mães... (Todos emudeceram!)

E' um soneto de valor secundario. Afinal estas cousas muito sentimentais dão ás vezes em simples tolices. Quando, por exemplo, Legouvé nos assegura que as mães são o unico deus que não tem ateus ou Luis Guimarães assevera que crê nas mães, que é, ao justo, o que elles querem dizer?

Si é para garantir que todos amam as respetivas mãis, nada mais falso. Não é mesmo preciso falar nos casos classicos da Historia, casos de filhos que atacaram as respetivas mães, que as desrespeitaram e mataram.

Podemos, aqui, lembrar que nós, Brasileiros, decendemos de Portugal e a independencia de Portugal foi feita por um filho que entrou em guerra com a propria mãe e, vencendo-a, — ou, segundo Camões e outros, a encarcerou, — ou, de acordo com versão diversa, a expulsou do novo reino.

A simples leitura do noticiario dos jornais nos mostra frequentemente fatos de mães maltratadas pelos filhos ou de filhos maltratados barbaramente pelas mães e

que, nessa hipótese, provavelmente, e com toda a razão, as detestam. — Ha, portanto, ateus para esse culto.

Mas si é para dizer que todos sabem que têm mães, a afirmação não parece muito sensacional. Nada mais evidente. Verdade tal não merecia ser posta em verso.

E' mesmo de notar que muitos povos houve, compostos de pessoas que não sabiam que tinham pais. Por extranho que seja, o fenomeno ocorreu em varios pontos da terra.

Trata-se, como é de prevêr, de tribus selvagens ignorantissimas. Quando uma mulher dessas tribus sentia que ia ser mãe, notava o sitio em que estava ou a ultima cousa que havia comido. Si no lugar havia tal ou qual arvore, si por aí passara algum animal, ou si, emfim, comêra este ou aquele alimento, acreditava que a arvore, o animal ou o alimento é que acabavam de produzir nela o filho. (1)

Isso não ocorreu, por singularidade, neste ou naquele ponto: o fato foi muito geral.

Aliás não ha que rir de uma mulher que por ter comido um inhame acreditava que o filho era filho do inhame. Entre os grandes doutores da igreja catolica, figura S. Gregorio Magno. Ora, ele conta que, certa vez, uma freira, comendo uma folha de alface sem fazer o sinal da cruz, enguliu o diabo.

Naturalmente, para curá-la veio um padre que exorcismou o Diabo. Este replicou por palavras que S. Gre-

(1) FRAZER — citado por DURKHEIM — *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, pg. 258-259.

gório teve o cuidado de nos conservar: “Que culpa tenho eu? Eu estava na alface e esta mulher, sem ter feito o sinal da cruz, comeu-me com a erva.” (2)

Isso prova como as mulheres devem ter cuidado, mesmo agora. Si as selvagens deviam receiar os inhames — S. Gregório achava que as do seu tempo podiam muito bem engulir um diabo e, assim, quem sabe? tornarem-se mães de alguns diabinhos.

Fosse, porém, como fosse, esses sêres de tão estranha ascendencia, não teriam pais humanos, mas teriam mães.

Quer a crença cristã que Jesus não tivesse tido pai. Muito antes dele varios outros grandes vultos passaram tambem por estar em igual caso, embora, já então, normalmente, ninguem mais ignorasse que todos precisam de um pai e de uma mãe. Mas tratava-se de homens muito illustres. Tão grandes pareciam eles aos seus contemporaneos, que estes não viam ninguem que pudesse ter produzido filhos tão admiraveis.

E', portanto, uma banalidade vir dizer que ha alguem que crê nas mães. O interessante é si houvesse alguem que acreditasse ter nacido sem o concurso delas.

Um dos sabios mais illustres da historia do pensamento humano, Augusto Comte, fez votos para que um tempo houvesse em que os pais fossem dispensaveis: só houvesse mães. As freiras mais enclausuradas, mesmo

(2) Citado em WHITE — *Storia della lotta della Scienza colla Teologia* pag. 445.

sem comer folhas de alface com diabinhos, poderiam assim reproduzir-se.

E' digno de nota que a ciencia, muito depois do voto do chefe do Positivismo, começou em parte a realizar-lhe o ideal e verificou que certos animais inferiores, as estrelas do mar, por exemplo, podem dispensar o luxo, a que até então estavam habituados, de ter pais.

De modo que, com muita mágua para o prestigio dos homens, se vê que não faltaram povos inteiros que lhes desconhecera a utilidade, sabios que fizeram votos para acabar com os pais e outros sabios que já em parte conseguiram isso. Mas o que ninguem propoz até hoje foi a supressão das mães.

Só se conhece na mitologia dos Gregos e Romanos o caso de uma filha sem mãe: foi Minerva, a Deusa da Sabedoria, que nasceu do cerebro de Jupiter. Jupiter sentiu certo dia uma violenta dôr de cabeça e queixou-se disso a Vulcano, deus dos ferreiros. Cada um applica a medicina do seu officio. Vulcano, ferreiro, applicou a do seu: assentou uma violenta martelada na cabeça de Jupiter e, rachando-a, fez com que dela saísse Minerva inteiramente armada.

Do fato de Minervã, a deusa da ciencia, ser uma filha sem mãe — vem talvez a circumstancia de que a ciencia é fria e implacavel.

Mas esse caso de Jupiter se passou no dominio da mitologia:

No dominio da realidade os povos vão tão longe que não comprehendem mesmo certos fenomenos naturais sem mães. Mães e não pais. E' assim que os nossos selvagens

falam da Mãe do Ouro. Em lugares em que ha este metal em abundancia, a Mãe do Ouro vela para que não o descubram e pune os que querem fazer essa descoberta.

Afonso Arinos conta a lenda de um indio que se chamava Guaripurú, e que um dia surpreendeu a caverna da Mãe do Ouro. Firmou bem o ponto e veio para a cidade — era nos nossos tempos coloniais — servir aos portuguezes. Habil e valente, facilmente adquiriu honras e fortuna. Seu grande intuito era, porém, reunir um bando de homens e ir explorar a caverna da Mãe do Ouro, a cuja porta, guardando-a, ele vira o genio preposto a esse mistér.

Em vão, uma velha india que vivia com os portuguezes, o quiz dissuadir da empreza. Ele teimou e partiu: Em meio, porém, da viagem, desapareceu. Desapareceu á beira do rio.

Alguem sugeriu então, para descobrir o cadaver, o modo ainda hoje usado no sertão para procurar os afogados: põe-se uma véla acêsa sobre uma taboinha que vai boiando e solta-se a táboa sobre a agua.

Assim se fez. A táboa partiu com a vela, seguiu, rodou e afinal deteve-se em um ponto, imovel, apesár da correnteza do rio. Varios indios, mergulhadores habeis, atiraram-se á agua e trouxeram do fundo o cadaver de Guaripurú. O rosto estava horrivelmente desfigurado. Faltavam-lhe os olhos, o nariz e a boca.

Quando ele chegou á tona e lhe notaram essas mutilações, os indios as acharam naturais. Faltavam-lhe os olhos, porque ele vira o que não devia ver; faltava-lhe o nariz porque ele farejara o esconderijo da Mãe do

Ouro; faltava-lhe a boca, porque ele falara de mais... (3)

Os indios das republicas do Prata têm a mesma crença. Tambem eles admitem firmemente a existencia da Mãe do Ouro e da Prata, que, ás vezes, chamam A Força da Terra. Não raro se vêem chamas rastejando á flor do solo, como cobras de fogo: são emissarios da Mãe do Ouro, que outras vezes se escapa para lugares diversos. No meio do seculo passado, rebentou, de subito, um pequeno morro, no Uruguai. Houve mesmo quem visse chamas que de lá partiam. Os indigenas explicaram o fato, dizendo que a Mãe do Ouro, que d'aí saíra, emigrara para o Brasil. (4)

Uma das tradições mais comuns dos nossos indios é a da Mãe da Agua. Ela representa o papel das sereias. São as sereias dos lagos. Em geral, não é pelo canto que a Mãe da Agua atrai: atrai apenas pela beleza fisica. Imprudentes que se detêm á beira de certos lagos, vêm lá no fundo uma bela moça penteando os seus longos cabelos. E a sedutora, avistando-os tambem, chama-os. O que é depois feito deles ninguem sabe.

Melo Moraes falou das Mães da Agua que os indios chamam Uyaras, pintando-as como creaturas crueis. El referia que frequentemente atraíam mesmo crianças, ás quais diziam cantando:

Eu tenho aqui mil palacios
 todos feitos de corais;
 seus tétos são mais formosos
 que a coma dos palmeirais.

(3) AFONSO ARINOS — *Lendas e tradições populares*, p. 86.

(4) GRANADA — *Supersticiones del Eto de la Plata*, p. 142.

Infante, que vais ao monte,
deixa o teu pouso de além,
eu sei historias bonitas...

Vem! (5)

Mas, seja como fôr, boas ou más, as crenças populares reclamam que tudo tenha mãe, mesmo as cousas inertes.

Para muitas seitas cristãs do primeiro tempo, a Santissima Trindade se compunha de Deus Pai, do Filho e do Espirito-Santo, que era um personagem feminino, — a Mãe celeste do Filho. A Virgem Maria era para essas seitas apenas a mãe, por assim dizer, aparente, a mãe terrestre. Mesmo a Santissima Trindade cristã reclamava, portanto, uma mãe.

Muitos sociologos, acreditam que do reconhecimento primitivo da maternidade, precedendo de muitos seculos o da paternidade, derivou uma das primeiras fases da civilização, que eles chamam o *matriarcado*.

Nos povos organizados sob o regimen do matriarcado os filhos conservavam apenas o nome da mãe. E isso com tanto maior razão de ser quanto ignoravam si esses filhos tinham pais. O governo aí era feito pelas mulheres.

Ha ainda, segundo parece, na Asia, vestigios desse regimen em certos povos. Reclus, que dá essa noticia, cita como caracteristico desse regimen que nele são as moças que fazem a côrte aos homens e que os pedem em casamento. São tambem elas que têm o direito de im-

(5) MELO MORAIS — *Cantos do Equador*, pag. 21.

pôr o divórcio ao marido, despachando-o para a casa da respectiva mãe. (6)

Quanto ao primeiro ponto, a diferença não é talvez muito grande entre isso e o que sucede nos povos civilizados. Porque, a despeito do que geralmente se diz, na nossa sociedade são em geral as mulheres que fazem as conquistas. O contrario é uma ilusão, que já foi apontada por alguns humoristas sagazes: quando um homem garante que seduziu uma mulher, foi quasi sempre o oposto que succedeu...

E quanto aos divórcios, as estatísticas mostram que, em toda parte, o maior numero deles é pedido pelas mulheres.

O que ha como diferença é que naqueles povos, as mulheres remetem sumariamente os maridos para a casa das mãis deles, ao passo que na nossa sociedade, quando a mulher briga com o marido ameaça-o de voltar "para a casa de mamãe" A casa de mamãe é a ameaça suprema! Lá, entre os montanhesees do Assam, são as esposas irritadiças que para as casas das mamãs deles expedem os maridos com que passaram a embirrar.

Mas de qualquer modo são as mãis que predominam. Mesmo porque, nos casos de divórcio como em quaisquer outros não ha aí patrio poder: ha *materno* poder: são as mãis que, de direito, ficam com os filhos.

Apesar das belas regras que nos mandam amar as mãis, o matriarcado desapareceu. Apenas em nossos dias, si se volta a pensar em certos direitos ás mulheres, é tal-

(6) RECLUS — *L'homme et la Terre*, I, 256.

vez, sobretudo, ás que não são mãis, porque estas não devem ter muito tempo disponível para a politica.

Em todo caso, mesmo os povos que mais rebaixaram o papel das mulheres, como cidadãs, respeitaram a função materna, dignificando as mães.

Ha a este respeito uma nota curiosa sobre os mandamentos da Lei de Deus. Todos aqui, eu pelo menos o imagino, sabem esses dez mandamentos. E' de crer, porém, que a quasi totalidade dos meus ouvintes só os conheça sob uma forma abreviada, e não sob a forma do texto que está na Biblia. Está, aliás, repetido em dois lugares distintos.

Nesse texto exato se verifica uma cousa singular, a respeito do quarto mandamento, que é o que manda amar pai e mãe. Ao passo que todos os outros mandamentos dão apenas ordens sêcas e imperativas: não roubarás, não matarás, farás isto ou aquilo... No quarto mandamento se dispõe textualmente: "Honra a teu pai e a tua mãe, como te mandou o Senhor teu Deus, para viveres largo tempo e para seres bem sucedido na terra, que o Senhor teu Deus está para te dar." (7)

Deus promete aí, portanto, um premio immediato a quem amar pai e mãe: garante-lhe que viverá muito bem e terá grandes sucessos na vida.

Não se imagina que vasta literatura exegetica ha a respeito desse caso! (8) Parece desse modo que o ter

(7) *Deuteronomio*, V., 16.

(8) REINACH — *Cultes, Mythes et Religions*, I, p. 5; o autor propõe para o caso uma explicação engenhosa.

de amar pae e mãe é o preceito mais difficil de cumprir, tanto assim que Deus não se contentou nem com a sua prescrição nem com as vantagens remotas do Céu: foi logo mostrando as suas vantagens immediatas, procurando com elas aliciar os crentes.

Uma circumstancia notavel é que a Biblia, em parte alguma, manda os pais amarem os filhos. (9) Pareceu-lhe, de certo, e com razão, que esse preceito era desnecessario. Efetivamente o amor dos pais pelos filhos é instintivo, e natural. O dos filhos aos pais é, como dizem muitos autores, puramente retributivo.

Mas quando se diz que é natural ver as mãis amar os filhos, falta explicar o porquê dessa naturalidade. Os homens de ciencia não se contentam com afirmações tão simples. (10).

Um dos primeiros a ter falado nisso foi um velho filosofo grego, com o qual a gente esbarra, sempre que estuda desde o principio qualquer questão: foi Aristoteles. Ele achava que o amor das mãis pelos filhos deriva principalmente do sentimento de propriedade. A mãe sente e vê que o filho é uma parte dela mesma e, por isso, o ama.

Bastos Tigre, que, de certo, não estava pensando em Aristoteles, quando escreveu o seu soneto — *Falando ao enamorado* — proclama que todos os sentimentos derivam do egoismo e diz:

(9) NICOLAY — *Histoire des croyances*, II, pag. 137.

(10) WESTERMACK — *The origin and development of the moral ideas*, II, cap. XXXIV.

Feição mais nobre (ou menos vil) do egoismo,
o amor é um sentimento subalterno
— o orgulho de invadir almas alheias.

Dêce dos corações ao fundo abismo
e então verás que o proprio amor matérno
é amor do proprio sangue em outras veias.

Mas a teoria da propriedade não basta para explicar aquele sentimento.

Um filosofo inglês, Bain, achava que ele deriva do prazer de beijar, abraçar, acariciar o filho. Mas isso é, no fim de contas, inverter a ordem natural das cousas. A mãe não ama o filho porque tenha prazer em beijá-lo. Tem prazer em beijá-lo e acariciá-lo porque o ama.

Final, sem correr aqui, fóra de proposito, outras teorias, vê-se que a mais razoavel é a da evolução.

Suponham dois grupos de animais da mesma especie, homens, cachorros ou outros quaisquer. Num desses grupos as mãis se ocupam com os filhos carinhosamente. Em outro não fazem caso deles.

Estes ultimos morrerão de certo, todos ou quasi todos. Ficarão apenas os que descendem de mães, que revelaram amor materno. E', portanto, muito provavel que tenham herdado a propensão para esse sentimento. Talvez, entretanto, alguns sejam desprovidos dele.

Os filhos destes, sem os carinhos maternos morrerão. De geração em geração, só por conseguinte, os que descenderem de mães que tenham aqueles sentimentos é que sobreviverão e se reproduzirão.

Por isso mesmo, nos animais cujos filhos não pre-

cisam do auxilio materno, o amor materno não existe. Uma borboleta semeia seus ovos pelas plantas em que pousa — e não se ocupa mais com eles. Os ovos amadurecem, deles saem lagartas, que mais tarde se tornam crisálidas e abrem enfim as azas, livremente, sem que nem elas pensem nas mãis nem as mãis nelas.

Os mamiferos em geral, e sobretudo os grandes macacos antropoides e o homem, não poderiam subsistir sem o amor materno. Os que não possuíam esse sentimento foram implacavelmente eliminados pela seleção natural.

O interessante é o que succede com o amor paterno.

Em numerosas especies ele não existe. O pai não se ocupa com os filhos. E o fato não é para admirar, quando nós vemos que durante centenas de seculos numerosissimas tribus humanas ignoraram a paternidade: os filhos nem sequer sabiam que tinham pais. Os pais não eram de grande necessidade para a conservação immediata da prole.

Veja-se, porém, o que succede com as aves. Aí o sentimento paterno é indispensavel.

O chôco dos ovos exige que estes sejam mantidos durante muitos dias sob uma temperatura elevada e igual. A mãe tem de ficar no ninho, aquecendo os ovos. Si ela saísse e voltasse e tornasse a sair e tornasse a voltar, todos os ovos gorariam.

Só portanto, as especies em que os pais se decidiram a ir buscar alimento para as mãis, que podiam assim permanecer ininterruptamente no ninho, é que se reprodu-

ziram. E as aves tiveram de desenvolver simultaneamente o amor paterno e o materno.

Um grande naturalista alemão, Brehm, escreveu, lembrando esses fatos, que o verdadeiro casamento só existe entre as aves.

Esta historia de verdadeiros casamentos, de casamentos fieis e felizes, só pôde ser averiguada, quando a gente recebe as confidencias dos esposos e das esposas. E como nós não podemos ter essa esperança pelo que diz respeito ás aves, é melhor abstermo-nos de comentarios..

Pode-se, entretanto, presumir que os avestruzes machos ou, si preferem os pais-avestruzes não se consideram muito felizes, porque, fazendo exceção á regra geral, são eles e não as mães que chocam os ovos da sua progenitura. As avestruzes-mães não ligam o menor apreço aos filhos. (11).

Assim, a natureza nos dá exemplo de tudo: especies em que não ha amor nem de mãe nem de pai: é, por exemplo o caso acima citado, das borboletas; especies em que ha amor de pais e de mães: o caso geral das aves; especies em que só ha amor de mãe: é o mais frequente nos mamiferos superiores — e, emfim, para que não faltasse nada, as avestruzes nos vieram dar uma especie em que só ha amor de pai.

O amor materno é, por conseguinte, ao menos em muitos animais, entre os quais nós figuramos, um fato

(11) WESTERMACK — *Origine du mariage dans l'espèce humaine*, pag. 13 (nota).

natural. Mas, de um modo geral, em regra, para a sobrevivencia dos seres vivos, não se precisa de modo algum do amor dos filhos aos pais. O filho, desde que pode subsistir por si mesmo, não cuida mais nem de mãe nem de pai.

Como, porém, na especie humana os homens, que já estão longe do berço e são, si assim se pôde dizer, mais pais do que filhos, é que fazem as leis e os codigos de moral, eles não se esquecem do proprio interesse e recomendam muito aos filhos que amem os pais. Não sentiram, entretanto, necessidade alguma de recomendar aos pais que amassem os filhos.

A Biblia entrou na regra. Limitou-se ao primeiro preceito, reforçando-o por todos os modos. Mas nem siquer cogitou do outro.

Uma das mais nobres e belas religiões que o mundo tem conhecido, o Budismo, ainda foi mais longe. E' de Buda este preceito: "E' melhor honrar seu pai e sua mãe do que servir aos deuses do ceu e da terra." (12)

Não ha religião nenhuma que tenha levado tão longe a exaltação do amor pelos pais. O Decalogo cristão quer tambem que os honremos; mas lá diz o seu primeiro preceito: "Amar a Deus sobre todas as cousas..."

O amor excessivo dos pais pode mesmo, segundo a crença catolica, trazer complicações. Assim S. Gregorio refere o caso de um frade que morreu de repente. Tempos depois, uma freira teve a revelação de que, apesar da sua grande pureza, a alma do frade tivera de pas-

(12) L. STRAUSS — *L'ancienne et la nouvelle foi*, pag. 53.

sar tres dias no Purgatorio, por ter amado de mais a propria mãe. (13)

Teve ao menos esse frade, no céu, a compensação de rever essa mãe tão adorada? E' muito duvidoso, não porque essa estimavel senhora (eu imagino que ela fosse estimavel) não tenha subido á mansão celeste; mas, porque, segundo o testemunho de S. Agostinho, as poucas mulheres que sóbem ao céu "viram" homens — em homens se transformam. As mulheres, no dizer do grande santo, sofrem aquela metamorfose, porque são indignas de aparecer como mulheres diante de Deus.

Notem que Santo Agostinho era filho de uma Santa: Santa Monica.

Eu não tenho nenhuma probabilidade de ir para o céu. Mas, si tivesse, desistiria absolutamente, diante da informação de Santo Agostinho. Um céu sem mulheres — é lá céu! As Onze Mil Virgens, com quem seria talvez agradável flirtar, são um exercito de animais calçados.. Que horror!

Figurem que a inferioridade do Rio de Janeiro está na proporção muito maior dos homens. Ha cerca de 85 mil homens mais que mulheres.

Pois o céu ainda é peor. Não ha lá gente: só homens! Tudo de calças...

No emtanto, o nosso sentimento reclamaria antes que as mães, mesmo depois de mortas, mães continuassem a ser. Quem admita uma vida depois desta, admitirá tal-

(13) LECKY — *History of European Moral*, citado por Letourneau — *Psychologie Ethnique*, pag. 428.

vez de preferencia que para ela vão, honradas, dignificadas, as mulheres que souberam ser mãis.

Ninguem desconhece, aquela velha lenda oriental em que se narra o fato de um filho, que matou a propria mãe, arrancou-lhe o coração e correu a levá-lo á amante. Era esta que assim o havia pedido. Em certo lugar, na sua carreira, o filho caiu e o coração, sangrando, da velha, rolou por terra. Mas mesmo por terra, não poude conter uma pergunta carinhosa: “Magoaste-te, meu filho?”

Essa lenda deliciosa afirma a persistencia do amor materno ainda depois da morte.

Dir-se-á que isso é apenas poesia.

Mas houve e ha ainda, na realidade, cousas mais extraordinariamente belas a proposito desse amor.

As Novas Hébridas são ilhas da Oceania. Eram habitadas por selvagens atrazadissimos. Pois aí se via com frequencia que as mãis, quando lhes morria um filho querido, suicidavam-se — não por tristeza e desespero, mas para, na outra vida, irem continuar a ocupar-se com ele. (14)

Não se pôde querer maior dedicacão.

Couto de Magalhães deu-nos, porém, noticia de um procedimento radicalmente diverso dos nossos indios Chavantes. Ao passo que as mulheres das Novas Hébridas matavam-se para acompanhar os filhos mortos, as mãis entre os selvagens Chavantes resolviam a questãõ

(14) КРОПОТКИНЕ — *Entr'aide*, pag. 110. — RECLUS — *L'homme et la Terre* — I.

mais elegantemente: comiam-n'os! Não os comiam por maldade. Comiam para incorporar em si o que nós chamariamos a alma da criança. (15)

Aliás, quando os antropófagos devoravam outros homens era quasi sempre para incorporar as suas qualidades de bravura. Os covardes não eram comidos. No caso a que se refere Couto de Magalhães, era a antropofagia infantil por ternura paternal e maternal.

O mais feroz dos animais ferozes, o homem, explorou muitas vezes vilmente o amor materno. Quando os europeus queriam escravisar um mulher bushman, procuravam roubar-lhe um filho. E a desgraçada vinha entregar-se. (16).

E' realmente curioso assinalar provas de tão alto e nobre amor materno em povos tão atrasados. Esse amor transbordante vai, ás vezes, além do seu fim. Assim, por exemplo, não é raro que as mulheres Aínos dêem de mamar aos ursos pequeninos. Os Aínos são — ou melhor: eram, porque foram quasi totalmente destruidos — um povo que vivia em ilhas ao norte do Japão. Eles se julgavam decendentes dos ursos, aos quaes chamavam “grandes cachorros brancos” Era, portanto, por amor maternal e por amor religioso que chegavam áquele extranho resultado. (17)

Mas um resultado talvez mais extranho era aquele a que chegavam certos povos, em que existia o infanti-

(15) COUTO DE MAGALHÃES — *O Selvagem* — 1ª edição, 1876, 2ª parte, pag. 132.

(16) KROPOTKINE — *Op. cit.* pag. 97.

(17) REINACH — *Cultes, mythes et religions*, I, pag. 17.

cidio. Eles matavam alguns filhos, fria e serenamente, porque isso era dos ritos, isso lhes parecia necessario. Mas tinham pelos que ficavam extremos de amor materno.

O infanticidio nesses povos era tido como um sacrificio religioso perfeitamente regular. D'aí o ser executado sem pena. Aliás era justo e razoavel. Tratando-se de povos que não podiam limitar de outro modo o numero de nascimentos e que viviam em ilhas, em que o espaço e os meios de subsistencia eram muito limitados, o infanticidio, por feroz que pareça esta afirmação, era perfeitamente admissivel.

Mas o inadmissivel era o que fazia, em outros tempos, a aristocracia franceza.

Para as fidalgas dessas épocas, a moda, — moda que veio até a Revolução Francesa — estabelecia que as crianças não valiam nada. Os proprios filhos de reis, herdeiros da corôa, entravam na regra. Luis XIV, quando era criança, dormia em uma cama de lençôes tão velhos e rasgados, que varias vezes as pernas lhe passavam através desses rasgões. Citam-se fatos caracteristicos. A Duquesa de Borgonha, acabando de ter o filho, não pensou mais em vê-lo: só o viu vinte e tres dias depois, não porque ela estivesse doente, mas porque era a moda. (18)

Ninguem, na alta nobreza, se interessava pelas crianças. Em regra, assim que elas nasciam eram despa-

(18) R. DE LA SIZERANNE — *Le miroir de la vie*, p. 221-222.

chadas para o campo, onde ficavam com amas até a idade de seis anos pelo menos. (19)

Nenhuma intimidade entre pais e filhos. Quando Henrique IV quiz que o filho lhe chamasse "papai" foi quasi um escandalo. A etiqueta exigia que chamasse "o Senhor", "*Monsieur*"

Ao saber desse desinteresse de pais e mãis pelos filhos, a gente vê logo que essa aristocracia estava pôdre e talvez não tenha sido de mais o largo batismo de sangue, que a Revolução teve de instituir para regenerá-la. Porque o raciocinio que imperiosamente se apresenta ao nosso espirito é este: "Que sentimentos nobres podia ter uma classe que não tinha o amor maternal?"

Certo, eu não sou dos que, como Napoleão (e como, em geral, todos os medicos parteiros) acham que o primeiro dever das mãis é ter muitos filhos.

Pelo contrario. Eu entendo que cada casal só deve ter os filhos que pode sustentar e educar.

Ha pouco, eu me referi áqueles selvagens de certas ilhas da Oceania, que foram obrigados a instituir o infanticidio como regra. As ilhas não eram elasticas. Havia um limite forçoso á população, a menos de destruir florestas e animais. Mas, destruindo estes, a subsistencia era impossivel.

A Terra é, no conjunto do universo, uma ilha. Fatalmente, forçosamente, necessariamente, d'aqui a dez, a vinte, a cem seculos, um momento tem de vir em que o interesse da humanidade será o de restringir a sua po-

(19) *Ibidem*, pag. 221.

pulação, um momento, a partir do qual será um crime ter muitos filhos.

Quando Deus disse: “Crecei e multiplicai-vos” havia espaço. Hoje, ele já começa a faltar..

Do que, porém, não resta duvida é do dever que os filhos — poucos ou muitos — têm de cercar as respectivas mãis de todo o carinho. E por isso as legislações dos diferentes povos têm sempre procurado estimular esse sentimento.

As nossas leis dão disso o exemplo isentando os filhos unicos de mãe viuva do serviço militar. Mas algumas legislações vão mais longe. Assim, por exemplo, no Anam os criminosos, que têm de tratar de mãis com 70 anos de idade, ficam, de direito, com a pena suspensa, emquanto as mãis viverem. (20)

Por sua vez, as mulheres tinham em varios lugares regalias. Assim, na Turquia, até a ama de leite não podia ser executada, emquanto não se achasse quem a substituísse. E quando uma mulher era condenada á morte por apostasia, um dos crimes mais hediondos para os crentes, a execução só se fazia depois que certos sinais permitiam garantir que ela não ia ser mãe. (21)

E a maternidade parece uma cousa tão sagrada aos maometanos que, si eles não vão, como os budistas, ao ponto de preferir o amor filial a todos os demais deveres religiosos, proclamam uma bela cousa: é que a mulher que morre no momento de tornar-se mãe não precisa

(20) NICOLAY — *Histoire des croyances*, II, 176.

(21) *Instituciones políticas y jurídicas de los pueblos modernos*, X, pag. 868.

de nenhuma formula sacramental para salvar-se. A maternidade nesses casos vale por uma extrema-unção. (22)

Aliás os turcos não cercam apenas de respeito a maternidade real. O Codigo Civil deles tem logõ num dos seus primeiros capitulos, o que trata do parentesco derivado da amamentação. E aí se diz que o leite dado por uma mulher a um filho alheio estabelece um parentesco tão sagrado, como o do sangue. Os interpretes autorizados da lei divergem apenas num ponto: ha os que acham que uma simples gota de leite basta para estabelecer o parentesco. Outros requerem que a criança tenha mamado no seio extranho ao menos cinco vezes. (23)

Esse respeito do leite como uma cousa digna de especial veneração que chega a suprir laços de sangue, não existe só na Turquia. Tribus ha, no Caucaso, que têm um costume interessante. Quando existe entre duas familias uma rivalidade de morte, o dever de vingança só se extingue com uma cerimonia em que o agressor deve tocar com os labios, como si fosse amamentar-se, o seio da mais velha mulher da familia contraria. (24)

E' como si ele se fizesse filho dela e entrasse para a familia inimiga.

Si eu pudesse influir nos usos e costumes do Caucaso, aconselharia a que se permitisse ao inimigo escolher para lhe beijar o seio, não a mais velha mulher nem tam-

(22) HOUDAS — *L'islamisme*, pag. 82.

(23) *Instituciones Politicas y Juridicas de los pueblos modernos*, pag. 442.

(24) КРОПОТКИН — *L'entr'aide*, pag. 146.

bem nenhuma criança, mas alguém entre os 15 e os 25 anos... Quer me parecer que as reconciliações seriam mais numerosas...

A justa compensação aos premios dados ás pessoas que amavam pais e mãis foi sempre a ferocidade das punições aos que os maltratavam ou assassinavam.

Conta-se, por exemplo, a perplexidade em que ficaram os juizes da Grecia antiga quando lá ocorreu o primeiro parricidio. Um filho assassinara o pai. Ora, a lei nunca tinha previsto a hipotese de uma tal monstruosidade.

Os juizes determinaram então que o filho assassino seria amarrado face a face, até morrer, ao cadaver do pai. E' difficil imaginar castigo mais horrivel.

Em Roma, até o ano 302, tambem não havia pena especial para os parricidas. Nessa época, porém, instituiu-se uma, que pôde, á primeira vista, se afigurar extranha: cosia-se o criminoso em um sacco de couro e atirava-se ao mar.

O que parece de mais nesse castigo é o sacco. Mas ele tinha uma alta razão de ser. O que se procurava com isso era impedir que o sangue de uma criatura tão infame, maculasse a terra.

Só muito depois, quando se perdeu a noção desse motivo, foi que se acrescentou áquela pena o habito de chicotear o criminoso, até ficar com o corpo em carne viva.

E fez-se mais. Depois da fustigação, encerravam-n'o com as mãos e os pés amarrados e punham tambem no sacco de pelè em que o atiravam ao mar um macaco, uma

cobra, uma cachorro e um galo (25). Feito isso, lançavam o saco ao mar.

Cicero, o grande orador romano, achava este castigo de um refinamento precioso...

E no entanto, a Historia de Roma tem a menção de um imperador, que fez assassinar a propria mãe: Nero. Ele a mandou partir em uma embarcação que, em certo ponto do mar, abriu-se, fez agua e foi a pique. Era exatamente o que Nero desejava. Mas esqueceu-se que a mãe sabia nadar. E, de fato, ela poude chegar a terra e refugiar-se em uma das suas propriedades. Nero teve de fazê-la assassinar de outro modo mais direto e eficaz. (26)

De Nero se disse muita cousa verdadeira e muita cousa mentirosa. Exageraram extraordinariamente os seus atos de perseguição religiosa. Mas ainda que todos os desta natureza fossem verdadeiros, nenhum nos parece mais odioso do que o matricidio.

A historia juridica da Grecia contém um fato interessante. Certa mulher, que tinha um filho pequeno, casou-se. O segundo marido, num acesso de colera, matou-o. Não havia nisso crime, porque o pai, na legislação dessa época, tinha o direito de vida e de morte sobre os filhos pequenos. E o enteado era assimilado aos filhos. Mas a mãe, indignada, procurou envenenar o marido. Este, conseguiu escapar e denunciou-a. Era uma tentativa de assassinato, que nenhum juiz podia absolver.

(25) NICOLAY — *Histoire sanglante de l'Humanité*, pag. 115. — FRAZER — *La tache de Psyché*, pag. 96.

(26) GUYOT-DAUBÉS — *Les hommes-phénomènes*, pag. 119.

Mas, por outro lado, não havia quem não justificasse o procedimento da mulher.

Dessa dificuldade se saíu o tribunal com um subterfugio estupendo: mandou que o acusador e a acusada voltassem ao tribunal d'aí a cem anos, para serem então definitivamente julgados. (27).

Poucos sentimentos nos parecem tão dignos de louvor como o amor filial. Musset foi, entretanto, ao exagero, dizendo que quem ama sua mãe não é nunca mau. Não será mau para ela, mas pôde ser para os outros.

As proprias mãis, quando elas mesmas são más, os impelem para o crime. A Historia está cheia de nomes de mulheres — grandes rainhas algumas — que mandavam os filhos cometê-los. E as que não vão tão longe, ás vezes, pelo menos os desculpam.

Um poeta francês, Charles de Pomairols, lembrou o que devemos fazer diante de certos criminosos, que nós detestamos. Para os detestarmos menos, basta pensar em como os vêm suas mãis. As mãis os evocam, transfigurados. Os trapos que nos parecem tão odiosos, surgem aos olhos delas como cheios de beleza. E o poeta pergunta si nós ousaremos odiar uma pessoa que é tão amada:

Et troublé tout à coup par le juste soupçon
que l'amour généreux peut-être a seul raison,
ému d'un haut respect pour la noble puissance
qui, soutenant toujours l'enfant dès sa naissance,
le transfigure encore après l'avoir formé,
oserez-vous haïr un être tant aimé?

(27) WARÉE — *Curiosités Judiciaires*, pag. 17.

Ha uma outra poesia, portuguesa, em que se afirma bem essa transfiguração feita pelo amor materno. Nem todos, entretanto, que a lêem apreciam tão inteiramente como ele merece este ponto de vista.

A poesia é de Gonçalves Crespo, que só desagrada um pouco a ouvidos brasileiros porque na ultima quadra rima *alguem* com *mãe*. Mas os portugueses dizem *algãe*. E Gonçalves Crespo, embora nascido no Brasil, viveu, sobretudo, em Portugal.

A poesia é esta:

Para *alguem* sou o lirio entre os abrolhos
e tenho as fórmãs ideais do Cristo;
para *alguem* sou a vida e a luz dos olhos
e si na terra existe é porque existo.

Esse *alguem*, que prefere ac namorado
cantar das aves minha rude voz,
não és tu, anjo meu idolatrado,
nem, meus amigos, é nenhum de vós!

Quando alta noite me reclino e deito
melancolico, triste e fatigado,
esse *alguem* abre as azas no meu leito
e o meu sono deslisa perfumado.

Chovam bençãms de Deus sobre a que chora
por mim além dos mares! Esse *alguem*
é de meus dias a esplendente aurora,
és tu, doce velhinha, é minha mãe!

Para bem avaliar que formidavel prova de amor materno o poeta canta nessas quadras, é preciso evocar-lhe

o retrato. Era um mulato de cara comprida, dessas que o nosso povo chama “de mamão macho”, com uma carapinha alta e um par de beigos, de que cada um parecia um pneumatico de automovel.

Si a mãe, apesar disso, o via com as fórmias ideais do Cristo — é realmente porque o amor materno tem um poder formidavel!

Um poeta mais autenticamente brasileiro, Alvares de Azevedo, cantou esse sentimento materno de um modo mais ingenuo, com menos tecnica, mas tambem com grande beleza:

E's tu, alma divina, essa Madona
que nos embala na manhã da vida,
que ao amor indolente se abandona
e beija uma criança adormecida.

No leito solitario és tu quem vela,
tremulo o coração que a dôr anseia,
nos ais do sofrimento inda mais bela
pranteando sobre um'alma que pranteia.

E, si, pálida, sonhas na ventura
o afeto virginal, da gloria o brilho,
dos sonhos no luar, a mente pura
só delira ambições pelo teu filho.

Pensa em mim, como em ti saudoso penso,
Quando a lua no mar se vai doirando;
pensamento de mãe é como o incenso
que os anjos do Senhor beijam passando...

Mas eu sinto que, pouco a pouco, estou caindo no que desejava evitar: a abundancia de citações poeticas.

Quero, entretanto, abrir a ultima exceção para um dos poetas maximos da lingua portuguesa: Antero de Quental, o grande pessimista que passou da poesia á ação e provou a sinceridade do seu pessimismo, suicidando-se. E' dele o soneto intitulado *Mãe*, em que, como na poesia de Gonçalves Crespo, para nós brasileiros é pena que haja a rima de *tambem* com *mãe*, forçando-nos a ler, á portuguesa, "*tambãe*" A idéa que se exprime nesse soneto é mais profunda do que póde parecer á primeira vista.

A' primeira vista póde até parecer chocante alguém desejar que a mulher amada fosse antes mãe que amante. E é só isso o que diz o soneto:

Mãe — que adormente este viver dorido,
e me vele esta noite de tal frio,
e com as mãos piedosas ate o fio
do meu pobre existir, meio partido...

Que me leve comsigo, adormecido,
ao passar pelo sitio mais sombrio...
me banhe e lave a alma lá no rio
da clara luz do seu olhar querido...

Eu dava o meu orgulho de homem — dava
minha esteril ciencia, sem receio,
e em debil criancinha me tornava,

descuidada, feliz, docil tambem,
si eu pudesse dormir sobre o teu seio,
si tu fosses, querida, a minha mãe!

E' interessante, a este proposito vêr uma explicação fornecida pelo reformador genial da psicologia moderna,

o grande neurologista de Viena, o professor Sigmundo Freud, para os casos de paixões fulminantes que tantos homens sentem.

Vêem, ás vezes, uma mulher pela primeira vez, e têm a sensação imediata de que é aquela, só aquela, a mulher que lhes serve.

Si o que sente tal paixão pudesse se examinar calmamente, ele verificaria que a mulher adorada, objeto dessa paixão subita, o que tem por si é o parecer-se muito com a mãe dele — com a mãe dele, não como ela é no momento em que a paixão se manifesta, mas como a mãe era, quando ele por sua vez, estava entre os 5 e os 15 anos, época em que se dá, em geral, essa fixação. (28)

Pode-se mesmo ir mais longe e dizer que, em geral, nos casos de verdadeiro amor, mesmo quando não assumia a forma fulminante dessas grandes paixões subitas, a lembrança materna influe sempre.

Experiencias com animais o demonstraram de um modo curioso. Ha pombos de certas especies que não se cruzam nunca com os de outras. Parece um antagonismo hereditario, profundo e irreductivel. Mas si se tomam ovos de uns e se dão a chocar a uma pomba da especie antagonica, os pombos que nacam desse chôco, e que foram, em pequenos, criados por ela, só querem, quando adultos, companheiras de especie a que pertencia a ave cujo calor os fez nacer, da ave que os alimentou, no que nós podemos chamar a sua primeira infancia. Vê-se nessa experiencia como a suposta hereditariedade cedeu diante de cousa

(28) FREUD — *Three contributions to the Theory of sex*, pag. 86. — A. TRIBON — *Psychoanalysis and behavior*, pag. 221.

muito mais forte: a fixação na infancia da imagem materna. (29) O mesmo succede na especie humana.

E aliás nada mais natural. A mãe era para o filho a pessoa que lhe satisfazia todos os desejos e necessidades, que velava por ele, que suprimia todas as dores, que procurava cercá-lo de alegrias. Essa imagem ficou no mais profundo de sua memoria, embora parecendo apagada. Mas nada se apaga de todo no nosso cerebro. Processos apropriados podem fazer resucitar memorias até dos tres anos de idade. Aquela imagem está lá, portanto, sepultada, mas viva.

Um belo dia, o homem encontra uma mulher — uma moça — que se parece com aquele retrato. Ele não tem consciencia da semelhança, não tem mesmo uma recordação nitida do retrato materno.

Nós, porém, não somos dirigidos por idéas conscientes. Em geral, quando pensamos agir por este ou aquele motivo, esse motivo foi inventado pela nossa imaginação para encobrir a causa real dos fatos, que a nossa consciencia ignora.

Aos traços dos objetos dessas paixões bruscas correspondem as lembranças de todos os carinhos maternos, no tempo em que, para a criança, a mãe era um deus que fazia cessar todas as magoas e brotar todas as alegrias. E ha, no fim de contas, neste fato real de psicologia, uma poesia imensa, fazendo o homem chegar á imagem da mulher querida atravez da mais pura e sagrada das imagens: a imagem materna.

(29) TRIDON — *Op. cit.* pag. 22.

INDICE

O NARIZ DE CLEOPATRA	5
FACEIRICES	51
SALOME'	69
AGUA E SABÃO	97
MÃES	131



BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).